

REVISTA

DA SEMANA

A RUIDOSA ESTRÉIA DA LEI AFONSO ARINOS

E a senhora Rock Marciano, muito feliz:
— "MEU MARIDO É CAMPEÃO DE VERDADE!"





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Disposto de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageiras», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal :
Cr\$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone : 52-4856 — RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE..... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lobo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Aldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Os não Voltarões	4/6
Arabs, Muçulmanos e Judeus	22/23
As Nações Estão no Páreo	31/34
Ruidosa Estréia da Lei A. Arinos	40/43
Blonde Brinca com Fogo	47/49
Rocky Marciano	59/61

SEÇÕES

Champanhota	7
Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (O. Nonato)	11
Artes	16
TV na Revista	17
Astrológica	20
Literatura	21
Por Esse Mundo de Deus	24/25
Música	30
Pelas Esquinas da Noite	35
Palavras Cruzadas	44
Flash Paulista	45
Revista há Cinquenta Anos	46
Feminina	54/55
Último Flash	62

♦ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

♦ LITERATURA

E' Outono (Eneida)	3
A Prova (P. Nansen)	12/13
Primeira Excomunhão	50/51

♦ VARIEDADES

Elizabeth de Áustria	14/15
Rússia Soviética: Inferno ou Paraíso?	18/19
Horas de Desespêro	38/39

♦ CAPA

Kathryn Grayson (Kodachrome - Paramount)

o número consta de 64 páginas.



Desenho de GOMEZ

É OUTONO

♦ Vai ser difícil, para esta pálida e molina cronista, substituir nesta página da «Revista da Semana», Adalgisa Nery que, como uma grande e bela ave daqui levantou vôo. Vai ser difícil porque Adalgisa usa e abusa de uma grande força poética e, mesmo quando polemisa, ataca, critica e combate não esconde as armas da poesia que traz consigo e são seus instrumentos de trabalho. Ninguém pense que pretendo substituir Adalgisa Nery. Como poderia fazê-lo? Se aceitei o convite desta revista, foi apenas para ocupar um lugar vago. Creio que essa explicação basta e espero que os leitores suportem com alegria minha presença aqui, principalmente nestes dias tão belos de sol, quando as folhinhas anunciam um outono que jamais houve e o calor e o verão continuam teimosamente não querendo partir, não pretendendo passar à outra estação o direito de brincar com os nossos corpos ou se refletir em nossos olhos. Creio, por mim, que o outono é a mais triste das estações do ano nos países em que realmente funciona ou existe, triste momento em que as árvores ficam nuazinhas, — elas que gostam tanto de se vestir de fôlhas verdes ou de flores escandalosas, — momento em que o céu se cobre de um negro véu lembrando recente viuvez ou pesado luto. Não gosto do outono e odeio a expressão «outono da vida» com que muita gente intitula a velhice. Quando o encontrei pela primeira vez, num país bellissimo chamado França ou melhor, quando com ele travei conhecimento em Paris, lembro que sofri horrivelmente. Já me habituara e tornara íntima de algumas árvores; um castanheiro vizinho da Ópera era meu amigo; gostava de passar todos os dias por ele, saudá-lo, dizer-lhe bom dia, vê-lo belo e faceiro com suas fôlhas tão verdes na primavera, ainda verdes no verão e que no outono ficava um pobre velho, triste, miserável, de mãos nuas estendidas, pedindo calor e proteção.

♦ Creio que com êsse castanheiro muito falei da pátria distante. Conte-lhe coisas sobre mangueiras, falei-lhe daquela imensa e frondosa que foi minha companheira de infância, disse-lhe das goiabeiras, das caramboleiras, creio mesmo que ele me perguntou com insistência se aqui, como lá, as árvores são obrigadas a se despir despidoradamente quando chega o outono. Conversávamos muito se bem que hoje não possa precisar com segurança quais os assuntos que tratávamos comumente. Devíamos falar sempre em árvores, porque jamais eu iria ferir a modéstia ou a maneira de ser de um castanheiro, falando-lhe em sujeiras humanas, em erros e atribulações dos homens.

Não gosto do outono, principalmente pelo ar de tristeza que ele põe, não só nas árvores — essas grandes e queridas amigas de todos nós — mas também pela melancólica tristeza com que invade pessoas; obrigados a senti-lo e segui-lo com suas roupas escuras e suas fisionomias cansadas. Felizmente para nós, nesta cidade mal amada e tão bela, as estações só existem mesmo nas folhinhas. Agora mesmo os castanheiros de minha rua estão verdíssimos, desafiando almanaques, há uma brisa agitando-os como se fôsse da tarefa dos castanheiros ficar sempre dançando em homenagem à vida; o mar desta Copacabana continua verde e se ultimamente anda muito encapelado é porque já soube (quem pode ter segredos para Iemanjá?) que há inimigos seus e nossos preocupados em liquidar, esmagar, matar nossa praia, cortar-lhe sua amplitude, diminuí-la, reduzi-la a uma nesguinha sem importância, fazer com que Copacabana fique, como o Flamengo, aquela pobre praia que desaparece dia a dia.

♦ Há calor, sol, falta-nos água, o problema de condução é cada vez mais trágico, leite não há, é outono e os assuntos se avolumam como as necessidades no coração e na vida de todos os cariocas. Querem roubar a nossa praia! estão liquidando as belezas da cidade! os automóveis aumentam de número e correm cada vez mais rápidos sem o menor respeito pela vida humana! Mas é outono ou melhor o verão continua até quando? Depois os problemas continuarão, continuaremos ouvindo as diárias promessas da água que vai vir, do metrô que vai ser construído, do tráfego que será desobstruído. Liquidarão Copacabana, o Flamengo desaparecerá como desaparecerão os morros para que surjam novos arranha-céus. Contaremos aos nossos netos como foram belas as nossas praias, mostraremos a eles velhas e amarelas fotografias do «nosso tempo» quando esta Distrito Federal tinha morros, se bem que alguns com as tristíssimas favelas, e como durante um certo tempo deixaram que nossos corpos cansados de todas as lutas procurassem na grande e bela Copacabana um repouso, um pouco de saúde, de alegria, de forças para continuar lutando.

E' o outono e felizmente ele não nos atingirá porque esta cidade conhece apenas o verão que a embeleza e o inverno que a humilha com sua umidade e suas chuvas. E' outono, e início hoje aqui nesta página minhas conversas com os leitores da «Revista da Semana» a quem peço compreensão e paciência. E' outono e se nos outros países esta estação entristece homens e árvores, nós aqui, dele não tomamos conhecimento.

Não choremos a tristeza de nossas emudecidas torneiras nem outras dores quotidianas; antes louvemos a vida por este eterno verão carioca e aproveitemos rapidamente os bens que nos restam.

Felizmente para nós, outono não há. A velhice é velhice mesmo.

ENEIDA



GRACE KELLY, a jovem grã-fina de Filadélfia, que um dia virou «estrela» cinematográfica de primeira grandeza, e que agora, graças ao casamento com Rainer do Mônaco, transformou-se em princesa. Até onde pretende ir a menina?

POSE PARA o elevado encargo que a aguarda, Grace Kelly possui, indiscutivelmente. Não há como compará-la, por exemplo, com a princesa Rita Hayworth. Que o casamento da loura atriz não termine como o de «Gilda». Na fotografia, Grace Kelly num dos seus últimos filmes, intitulado «Ladrão de Casaca».



ÊSTES NÃO VOLTARÃO A BEIJAR GRACE KELLY

QUEM viu, recentemente, o filme «A Condessa Descalça», que Mankiewicz produziu por conta própria, pôde observar a prevenção desse diretor, contra certos aspectos da vida nos bastidores de Hollywood. E principalmente contra as pequenas bonitas, mas de medíocre talento,

que costumam ser lançadas, com todo o barulho, pela publicidade dos estúdios, celebrizando-se logo ao primeiro filme, para, não demora muito, merecerem as atenções sentimentais de algum nobre decadente ou ainda endinheirado. O grande exemplo de Rita Hayworth serviu de

tema inspirador (em parte), para o referido filme, mas quando Mankiewicz o produziu, ainda o romance de Grace Kelly com o Príncipe de Mônaco, estava na encubadora.

Não se deve dizer que Grace Kelly fôsse «feita» a golpes de martelo arrasador da publi-

GRACE KELLY



COM ALEC GUINNESS, Grace terminou há pouco o seu último filme: «O Cisne Real». Depois do casamento, é problemática a carreira de Grace.



BOB HOPE é um dos maiores amigos que Grace encontrou. E, como entre bons amigos, um beijinho fraternal não fica mal, de quando em vez...

sas que ela mesma, contudo, sem terem encontrado «chance» igual.

Conta-se que em criança Grace Kelly visitou uma pitonisa e esta vaticinou o que agora o destino vem de confirmar:

— A mão desta menina ainda algum dia há de governar...

Os pais da garôta não tiveram porque acreditar na profecia. Mas de outra vez, já atriz, quando jornadeava em terras da Itália, Grace foi outra vez consultar uma cartomante. E a confirmação veio:

— Você não acabará no cinema... Um príncipe de verdade há de levá-la para o seu palácio...

Foi dois meses depois que o futuro noivo da «estrêla» apareceu em seu caminho.

Quanto a voltar, ou não, para o cinema, isso é coisa que só o tempo há de dizer. Também

Rita Hayworth acreditava estar para sempre encerrada a sua carreira, quando se fez senhora Ali Khan, e mais depressa do que poderiam pensar todos, ela voltou. Grace Kelly ainda não disse que teria interrompido sua carreira. Mas é evidente que uma Princesa, mesmo de Mônaco, não pode frequentar estúdios cinematográficos, beijar galãs e representar papéis de meninas sonhadoras ou mulheres perdidamente apaixonadas.

Ela quer seguir o seu destino. Esse dirá, mais tarde, o que vai ser a atriz da Filadélfia, que tão alto deveria subir.

Em um de seus últimos filmes, «The Swan», ela é a muito serena e delicada princesa de um país imaginário, espécie assim de Luxemburgo com Áustria, um pouco de Suíça, talvez um pouquinho de Albânia — tudo misturado para não ter mesmo aparência real — em vésperas de contrair matrimônio com o príncipe de um país vizinho, em apuros porque deseja a qualquer preço o casamento pelo qual não suspira a serena e delicada princesa.

Não parece mesmo que o filme se inspirou no episódio real agora vivido pela sua protagonista? (Fotos M.G.M. e Paramount).

CARY GRANT foi o primeiro ator de Hollywood a beijar Grace Kelly. Isso foi em 1951, quando a muito jovem atriz estreava apenas.

cidade, pois talento ela tem. E para citar um dos filmes em que melhor o pôde demonstrar, basta lembrar «Janela Indiscreta», aquela história manhosa em que se via James Stewart, prêso a uma cadeira de rodas, a descobrir roubos e crimes no edifício fronteiriço. Foi ao assistir esse filme que o Príncipe se enamorou de Grace e começou a cortejá-la. Certamente ele estava disposto a não consentir que meia dúzia, ou dúzia e meia de galansotes de Hollywood, tivessem a primazia de abraçar e beijar, beijar sim, mesmo diante das câmaras, mas permitindo-se, assim mesmo, o contacto de epiderme contra epiderme... Beijar aquela mulher bonita, nascida para ocupar um trono...

O resto, os senhores sabem. Grace Kelly aceitou a corte e o casamento aí está, para despertar rios de inveja e despeito em dezenas de suas ilustres colegas, algumas muito mais famo-



RAY MILLAND, por causa desse beijo, quase abandonava a esposa. Porém, tudo ficou em paz. Grace tem o dom de cativar os que a beijam...



JAMES STEWART («Janela Aberta», lembre-se?), outro beijo famoso de Grace Kelly. O príncipe Rainer não deve gostar destas cenas...

SOU UM TIO FELIZ — SUCESSO A INAUGURAÇÃO DA "MAISON DE FRANCE".

PETER

● Estou feliz da vida, (aliás eu sempre estou feliz) estou com cara de tio, de tio orgulhoso. Bárbara Robichez Müller, é a responsável pela minha alegria. Como tio levei o meu carinho pessoalmente, como colunista quero por esta coluna dar os meus mais sinceros parabéns aos seus papais, Gilda e Maneco Müller (o Jacintho de Thormes). Diz o Maneco que a menina é temperamental, preguiçosa e gulosa. Não tenham dúvida, nasceu igualzinha ao pai, temperamental, preguiçoso. Eu só estou imaginando a cara do Willy, deve estar com um ciúme. Mas não há-de ser nada, ele terá mais tarde uma companhia para fazer suas artes. Ser pai sempre foi o grande sonho de Maneco e ele tem razões suficientes por estar todo feliz. Maneco e Gilda, precisamos comemorar este acontecimento com bastante alegria. Bárbara nasceu no dia de São José (19 de março).

● A inauguração da "Maison de France" foi o ponto alto da tarde de ontem. O bonito prédio de autoria do arquiteto francês Jacques Pilon, moderno de linhas retas e amplas, vai certamente proporcionar ao povo brasileiro um recanto de França em meio a Capital Federal. O ato inaugural contou com a presença do presidente Juscelino Kubitschek que cortou a fita simbólica representada com as cores da bandeira francesa, e presenciada pelo seu ministro do Exterior, senhor Maurice Faure, pelo embaixador da França e senhora Bernard Hardion. E com satisfação que congratulo-me com o governo francês e brasileiro por este acontecimento realmente importante para os dois países irmãos.



D. SARA KUBITSCHKEK — «Show» das pioneiras sociais.

mero de natação sincronizada e também uma demonstração de caça submarina. Mais tarde darei maiores detalhes.

★ Estamos perfeitamente de acordo e aplaudimos mesmo a iniciativa do senhor Presidente da República, escolhendo o senhor Augusto Frederico Smith para «comandante» da batalha da alimentação. Afinal, poucos foram os peões que conseguiram ficar tão gordos...

★ Comenta-se muito a inauguração da «Maison de France», e esses comentários só poderiam ser de elogios, pois esteve magnífica a sua apresentação. Entre as pessoas presentes anotamos, além do presidente Juscelino Kubitschek e senhor Nereu Ramos, senhor Maurice Faure (secretário das Relações Exteriores da França), embaixador Bernard Hardion, embaixador José Carlos de Macedo Soares, marechal Mascarenhas de Moraes, senhor H. Laurentie, senhor Herbert Moses (presidente da A.B.I.), embaixatriz Maria Martins, o engenheiro Jacques Pilon (autor do projeto), senhor Maurício Nabuco, reitor Pedro Calmon, o núncio apostólico, D. Bardi e inúmeras pessoas de projeção internacional, social, artística e cultural, além de representantes da imprensa estrangeira.

★ O ministro das Relações Exteriores e senhora José Carlos de Macedo Soares ofereceram um almoço no Itamarati ao embaixador da Índia, sua alteza o raja Joginder Sen Mandi e sua alteza a rani Kusum Kumari Mandi. Os embaixadores da Índia estão de partida para o seu país a chamado do premier Nehru.

★ O aniversário das senhoritas Eloisa Dolabela, Lúcia Cantalice e do senhor Tácito Silveira foram festejados com um jantar oferecido pelos senhores Albino Avellar e Homero Lopes. Entre os que foram levar o seu braço aos três aniversariantes estavam as senhoritas Ilde Garavaglia, Marina de Mello Franco Mesquita, Sora Dolabela, Marlene França Lopes, Rosinha Gilka Serzedelo Machado, Carmem Salem, Silvia Vidal, Gisele e Ilka Eckert e os senhores Gelmar Padilha, Osvaldo Vidigal, Alvaro Bezerra de Mello, Roberto Andrade Ramos, José Augusto Godoy e senhora.

★ Há dias publiquei uma nota do colunista Cholly Knickerbocker na qual ele dizia: «A união Prado poderá se dividir. Entre eu, você e vinte milhões de leitores: Correm rumores de que Jorge da Silva Prado, o grande industrial e dono de estradas de ferro de São Paulo e sua esposa americana de muitos anos (nascida Marjorie Gage), chegaram ao fim da estrada. Jorge encontra-se aqui no momento sem Marjorie. É aguardada para mais tarde a chegada da senhora Prado em companhia de sua mãe. Agora nos chega a notícia vinda de São Paulo por intermédio do colunista Matos Pacheco, de que nada de anormal existe no lar dos Prados. Conversando com Jorge da Silva Prado, apurou o cronista Matos Pacheco de que a senhora Mar-

jorie Prado está enferma nos Estados Unidos e que por esse motivo ainda continuará nos States por algum tempo.

★ O Yacht Club do Rio de Janeiro está voltando aos seus velhos tempos em que foi o ponto preferido da sociedade carioca. Lugar excelente, serviço ótimo e uma vista ainda melhor. A frequência continua aumentando dia a dia.

★ O senhor e senhora Carlos Guinle estão de viagem marcada para Europa nos primeiros dias de abril.

★ Também chamou a atenção de todos que compareceram a inauguração da «Maison de France» a escultura da autoria da embaixatriz Maria Martins, intitulada «Galo Gaulês», obra essa que mereceu o respeito do governo francês e a oportunidade de ser entregue a condecoração a que fêz jus.

★ Recebi a notícia da chegada de uma linda menina que na pia batismal receberá o nome de Luciana. Seu pai, o poeta Vinicius de Moraes está completamente feliz.

★ Também com destino ao Velho Mundo seguiu o casal Nelson Mendes Caldeira. A senhora Cristiane pretende demorar-se algum tempo na Itália, visitando depois diversos países.

★ Fomos informados de que a senhora Sara Kubitschek vai promover uma festa de caridade na piscina do Copacabana em benefício da Campanha Nacional do Câncer. Haverá um «show» com os fabulosos «Aqualoucos», a senhora Crisca Jane Cotton (pioneira do ballet-aquático) apresentará as suas moças num nú-



VINICIUS DE MORAIS — Chegou a sua Luciana.

A SEMANINHA

— Foi proclamada a Independência da Tunísia e o chefe do governo é o Sr. Tahar Ben Ammar.

Acreditamos, por isso, que sua população seja... "bem amada"!

:o:

— O Sr. Jânio Quadros expulsou do Palácio o Prefeito de Sorocaba...

Os farmacêuticos e similares já andam apreensivos com a atitude do governador paulista: dizem eles que o SORO... ACABA!...

:o:

— 200 italianos cujos filhos foram batizados com o nome de Stalin; entraram apressadamente com petições junto aos tribunais para que os nomes de seus filhos sejam mudados...

Imagino as correrias
Que vão lá nas Pretorias
Da Sardenha e da Cecília...
Duvido que algum juiz
Tivesse junto ao nariz
Tanto chefe de família!

:o:

Notícias procedentes de Brejo Santo informam que choveu pedra, prolongadamente, em todo aquele município cearense.

Em face do sucedido, como se explica que... "no Ceará não tem disso, não"?...

SANTOS ALVES

NACIONAIS

◆ CELSO BRANT, novo diretor da Rádio Ministério da Educação. Há alguns dias, chamou ele seus produtores, e disse: «Seria bom que organizássemos novo programa. Um programa que desse satisfação ao Presidente da República...» Retrucou um dos rapazes: «Mas o senhor não acha que ficaria muito ridículo?»

◆ O PREFEITO Sá Lessa e o ministro Alves Secco, da Aeronáutica, solicitaram demissão, e já foram substituídos. O prefeito, agora, é o sr. Negrão de Lima; o ministro, o brigadeiro Henrique Fleuiss.

◆ NO ÚLTIMO MINUTO, a bola sobrou para Evaristo, que a encaixou violentamente no arco defendido por Pompéia. Flamengo, 1 a 0. A primeira das três partidas Flamengo x América estava no papo.

◆ ROCKY MARCIANO, campeão mundial de todos os pesos, chegou ao Brasil, e é o mais pacato dos cidadãos. Está acompanhado da esposa, a quem presenteou com uma belíssima jóia, dizendo: «Para que você nunca mais se esqueça do Brasil...»

◆ UM BÔTO penetrou no canal do Mangue, sabe lá Deus como. Causou tanto estardalhaço, atraiu tanta gente para as amuradas do enfezado canalzinho, que já se falava inclusive em inundações, fugas sensacionais pelos esgotos, etc., etc. Depois, o bôto deu meia volta e lá se foi muito lampeiro para o alto mar, de onde viera, sem dar satisfações a ninguém. Esses Botos são mesmo de morte.

◆ JOEL SILVEIRA quase foi agredido por um grupo de «gente bem» em um «night-club», em Copacabana. Diziam os valentões que era Joel o responsável por alguns artigos violentos estampados em uma revista semanal carioca sobre o Café-Society e seus cronistas.

◆ DIZEM QUE, quando da «première» de «Otelo», um casal muito bem trajado levantou-se, antes do final do primeiro ato, visivelmente aborrecido, exclamando o marido para a mulher: «Não lhe disse que esse tal de Otelo aí nada tinha que ver com Grande Otelo? Mas você teimou, teimou!...»



Prefeito novo



Ministro idem



Menor de idade

◆ E A CENSURA proibiu que menos de 18 anos assistissem à peça de Schiller «Maria Stuart», por julgá-la imoral. Manuel Bandeira, tradutor, e inúmeros intelectuais, protestaram contra o fato.

◆ FRASE DE FLAVIO COSTA sobre a escandalosa transferência de Martim Francisco para o Vasco: «O Martim não é culpado; ele é menor, foi seduzido...»

◆ NO MARANHÃO, foi descoberto petróleo. E, no Itamarati, foi promovida ao cargo de embaixador, pela primeira vez no Brasil, uma mulher: a senhora Odete de Carvalho e Souza, que, de início, chefiará o Departamento Político do Ministério das Relações Exteriores.

◆ QUANDO PRONUNCIAVA uma conferência, no recinto da Escola Superior de Guerra, o almirante Waldemar Motá, sentindo-se mal, interrompeu a leitura. Os que o escutavam acorreram em seu socorro, mas já era tarde: o almirante, fulminado por um colapso cardíaco, falecera em poucos minutos.

QUANDO ESTEVE, há poucos meses, na Europa, o atual Presidente da República, Juscelino Kubitschek, manifestou desejos de conhecer pessoalmente o Papa Pio XII, que aliás, acaba de completar oitenta anos. A foto é uma recordação daquela visita, e mostra o chefe de todos os católicos abençoando, na pessoa do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, os seus sessenta milhões de habitantes.



O PROFETA ANTÔNIO MARIA

Antônio Maria estava em casa, no domingo. Seriam oito da noite, e o telefone começou a tilintar. O cronista atendeu. Era Rubem Braga, com voz emocionada:

— Menino, os brasileiros estão vencendo os argentinos por 2 tentos a 1. Acho que dessa vez seremos mesmo os campeões.

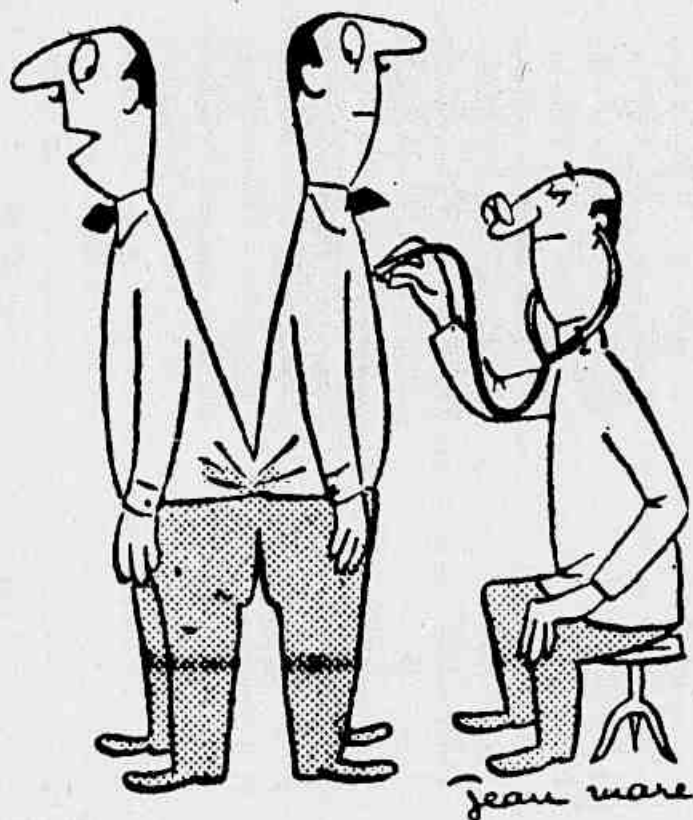
Antônio Maria respondeu, convictamente:

— Pode ser, mas daqui a alguns minutos, os gringos vão meter um goal, e a partida terminará 2 a 2.

Falaram depois sobre política, um pouquinho de teatro, e desligaram. Vinze minutos depois, Braga telefona de novo:

— Rapaz, não é que você acertou? O goal foi feito, e a partida acabou agorinha. Dois a dois. Que boquinha de anjo, hein?

O que Braga não sabia é que estava escutando a gravação da peleja, retransmitida à noite. Porque a transmissão original, primitiva, Antônio Maria tinha escutado à tarde...



— 66... 66... 66...

Mare (Semaine du Monde)

A MAIOR DO BRASIL

Itatiaia, pequena cidade a pouca distância de Rezende, terá brevemente a maior estação rodoviária do país. Esta estação ficará situada no quilômetro 157 da Rodovia Presidente Dutra, por onde transitam, diariamente, cerca de seis mil veículos, entre Rio e São Paulo. A estação será um pouso obrigatório na viagem entre as duas grandes cidades brasileiras, dispondo de restaurante, instalações sanitárias, posto de assistência aos veículos, etc., etc. Uma torre de comando, de 30 metros de altura, dará instruções aos motoristas, e retransmitirá informes sobre jogos de futebol e sobre condições climáticas. Agência de correio, lojas, bancas de jornais, floristas e cabeleireiros completarão as instalações, que, como se vê, serão luxuosas e moderníssimas.



Aspirou gás



Agora é crítico



Rei do celulóide



Velhinha

INTERNACIONAIS

◆ ROLAND ALEXANDRE, jovem ator da Comédie Française, suicidou-se há pouco em Paris, por meio de gás. Deixou um bilhete: «Ninguém tem culpa no que fiz. Vou apenas encontrar-me com meu pai». O pai do jovem artista morrera há pouco mais de um mês. Roland tinha 28 anos, e ainda há pouco, obtivera remarcável êxito em «Les Femmes Savantes», de Molière.

◆ EM CAMERET, na França, os membros do Corpo de Bombeiro local apresentaram em bloco a sua demissão. Isso, porque o Chefe da Corporação, achando que o cargo de bombeiro é incompatível com desfiles carnavalescos, proibiu que seus comandados se fantasiassem.

◆ E NO PERU, por falar em bombeiros, quando eles celebravam o dia da fundação do Corpo, aconteceu coisa pior: diante de centenas de convidados, foi ateado fogo a uma casa. Os bombeiros deveriam debelar o incêndio, assim demonstrando seu treinamento e competência. Acontece que por mais que pelessem, as chamas resistiram a todos os esforços, ante os risos disfarçados dos visitantes...

◆ O CIDADÃO Eric Lawson, de Luton, na Inglaterra, acaba de comer uma fruta, pela primeira vez em quinze anos. É que, em 1941, quando a batalha da Inglaterra estava no auge, o citado senhor fizera a promessa de dispensar frutas por 15 anos, se sua casa fosse poupada pelos bombardeiros alemães.

◆ NA HUNGRIA, o secretário do Partido dos Trabalhadores, Rakosi, propôs a adoção do idioma russo por todas as democracias populares, eliminando assim o inconveniente dos intérpretes e dos tradutores...

◆ A OPINIÃO sobre Tallulah Bankhead, de Tennessee Williams: «É verdade, ela arruína minha peça; mas enche minha conta bancária...»

◆ PARECE QUE o doutor Kinsey, autor de vários livros de sexologia, está passando de moda. Pelo menos no que se refere ao imposto sobre a renda. Em 1945, com efeito, o citado autor pagou 300 mil dólares de imposto; ano passado, apenas 3 mil...

◆ PERGUNTARAM a Paul Fort, grande poeta francês, hoje octogenário, o que era necessário para o sucesso, em um poeta estreatante. «Um apetite diminuto», retrucou o

escritor. Por falar em Paul Fort e em apetite, é bom recordar que Paul Leautaud, o grande escritor há pouco desaparecido, costumava alimentar uma cabra de sua propriedade com páginas do livro «Poèmes et Ballades», de Paul Fort, dizendo: «Raras vezes um livro é tão apreciado».

◆ GROUCHO MARX, conhecido comico norte-americano, tornou-se agora... crítico literário! E a quem indagava como se sentia em sua nova atividade, declarou: «Muito bem. Levo a crítica tão a sério, e falo deles com tanta consciência, que nem tenho tempo para lê-los».

◆ O CONHECIDO pintor francês Labisse compareceu ao famoso baile da Condessa de Noailles fantasiado de «Jheronimus Bosch» célebre pintor holandês do século XV, conhecido por suas telas diabólicas. No mesmo baile, fez sucesso um Toulouse Lautrec, até agora não identificado.

◆ VITTORIO DE SICA e Marlene Dietrich farão um filme, «Montecarlo», que se aproveitará da recente publicidade do principal, feita pelo casamento de Grace com Rainier. Vittorio encarnará um rei que se enmora de uma velhota.

◆ NOTICIA-SE que nada menos de 10.786.000 turistas visitaram a Itália, em 1955. Foi o recorde de todos os tempos.



Bosch na farra

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—«Luz, mais luz», exclamou, ao morrer:
 - Nietzsche?
 - Goethe?
 - Schiller?
- 2—Foi um dos sete sábios da Grécia:
 - Periandro?
 - Platão?
 - Parmênides?
- 3—Qual é a moeda da Rússia:
 - yen?
 - pengó?
 - rublo?
- 4—Como se chamava a noiva de Nietzsche:
 - Lou Salomé André?
 - Mary Pickford?
 - Marie Laurencin?
- 5—«Estou cansada de ser bela», exclamou a atriz brasileira:
 - Carrero?
 - Becker?
 - Della Costa?
- 6—Que denominação se dá às pessoas que têm pavor às alturas:
 - nosóforas?
 - cleptomaniacas?
 - acróforas?
- 7—Desapareceu misteriosamente de bordo de um navio:
 - o inventor do motor Diesel?
 - do motor a gasolina?
 - do motor a vapor?
- 8—Em quanto tempo estoura uma lâmpada de flash:
 - 1/30 sgs?
 - 1/60 sgs?
 - 1/100 sgs?
- 9—Alidade de pínulas é um instrumento:
 - náutico?
 - de engenharia?
 - de fotografia aérea?
- 10—Que fato marcante notabilizou o ator americano James Booth:
 - a primeira apresentação de Shakespeare nos Estados Unidos?
 - o assassinato de Lincoln?
 - a introdução do negro no teatro americano?
- 11—Quantas caldeiras possui o «Tamandaré»:
 - 4?
 - 12?
 - 8?
- 12—Quem interpretou «Nausicaa» no filme Ulisses:
 - Podestá?
 - Pavan?
 - Rossi Drago?
- 13—Quem é o autor de «The Roon of the August Moon»:
 - Tennessee Williams?
 - Somerset Maughan?
 - John Patrick?
- 14—«Esta é a glória que fica e a honra que consagra» — frase de:
 - José de Alencar?
 - Machado de Assis?
 - Rui Barbosa?
- 15—Qual o autor teatral mais representado no Brasil:
 - Pedro Bloch?
 - Paulo Magalhães?
 - Silveira Sampaio?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Goethe; 2 — Periandro; 3 — rublo; 4 — Lou Salomé; 5 — Della Costa; 6 — acróforas; 7 — o inventor do motor Diesel; 8 — 1/60 sgs; 9 — náutico; 10 — o assassinato de Lincoln; 11 — 12; 12 — Podestá; 13 — John Patrick; 14 — Machado de Assis; 15 — Paulo Magalhães.

**A FIGURA
EM FOCO**



O.N.

Todo mundo vem a mim.
E gente boa. É a nata.
Café, o Botto, Amorim...
Mas como essa gente é chata!

♦ **PETER NANSEN** foi um romancista dinamarquês, nascido em Copenhague, em 1861. Principiou a estudar Direito, porém cedo abandonou o curso para se dedicar ao jornalismo. Escreveu «Maria», «O Diário de Júlia», «Paz de Deus», e inúmeros outros livros, que lhe deram justa nomeada, dentro e fora de sua terra. A presente novela é de 1900, e, em toda a Escandinávia, muito popular.

E RA uma reunião de artistas. A conversação girava sobre um jovem pintor e sua mulher, cuja atitude algo frívola suscitava a indignação geral, tanto mais que ela nem sequer dissimulava sua infidelidade, que era ignorada apenas pelo bom do marido. Particularmente as mulheres presentes mostravam-se grandemente indignadas com o fato. Uma delas, Beatriz, atriz muito bela, célebre por ter dado a seu marido quatro **dores de cabeça** em três anos, incitava ardorosamente o escritor Franz Hein a revelar ao pintor, seu amigo, toda a verdade.

Franz Hein retrucou:

— Muito obrigado por ter se lembrado de meu nome para a missão espinhosa que me destinou, porém é-me impossível assumir a incumbência, e isso, por uma razão muito simples: meu amigo ama a esposa. Está acabado.

— Precisamente, insistiu Beatriz. E não será por acaso uma vergonha vê-lo assim desperdiçar seus mais delicados sentimentos com uma hipócrita como a esposa? Se você é de fato amigo, deve alertá-lo contra ela.

— Mas sim!... Nada tenho com isso.

Hein sorriu.

— Torno a dizê-lo: ele adora a esposa. Isto significa simplesmente que todo aquele que

falar mal dela não passará, a seus olhos, de um indigno mentiroso. As mulheres, minha cara, são de uma astúcia inacreditável; a senhora deve saber, elas mentem melhor do que nós homens; a luta entre um homem e uma mulher é incrivelmente desigual. Soube disso certo dia. A aventura foi ao mesmo tempo moral, e louca. Querem acaso escutar minha história? Pois fiquem sentados a esse canto escuro, porque poderão enrubescer à vontade, enquanto lhes narro minha aventura...

E em voz algo alterada, Hein começou sua narrativa:

— Bem! Certo verão, eu me encontrava no campo, em companhia de um amigo e de sua amante, uma mulher casada, Yvete, digamos, a quem o marido vinha visitar apenas aos domingos. Esse marido era um senhor pesadão e algo indiferente, que os negócios mantinham afastado, na cidade, seis dos sete dias da semana. Em suma: o tipo do espôso que merece um adultério. Estávamos hospedados em uma pensão do tipo dessas que apenas estão abertas durante o verão. Era uma vila elegante, rodeada de jardins e de grandes parques, e entregue à direção de uma hoteleira que a explorava conscientemente, para sua felicidade, e para a de um grupo de homens e mulheres das mais



A PROVA

Novela de PETER NANSEN

(1)

Ilustração de RAMÓN

Uma delas, Beatriz, muito bela, célebre por ter dado a seu marido quatro "dores

diversas profissões e procedências. Ah! a diversão era grande, na pensão de madame Samson!

Meu amigo e sua amiga eram os donos da temporada, conduzindo-se com tal despreocupação, que ninguém, nas redondezas, teria sequer desconfiado de que, a meio dia de viagem, na capital, estava o marido de Yvete.

O quarto da moça ficava no primeiro andar; meu amigo ficara hospedado numa dessas dependências alojadas, com todo o conforto moderno, na antiga sala de armas de alguns velhos casarões europeus. Invariavelmente, meia hora depois que Yvete, levantando-se da sala de estar, dizia aos presentes «boa-noite», ouvia-

se o ranger dos carcomidos degraus da escada de madeira, e todos se rejubilavam, ao pensamento de que a moça não precisaria mais temer a intrusão de bandidos e... assaltadores em seu quarto de turista solitária...

Era, pois, um verdadeiro idílio campestre, que aos domingos o antipático marido vinha interromper...

Meu amigo, porém, estava verdadeiramente apaixonado pela dama ardente e de gestos felinos, de rosto muito pálido. Pertencia ela àquela categoria de mulheres que não despertam comentários. Doce, tranqüila e insaciável, ela estava sempre prestes a experimentar, com uma

alegre disponibilidade, os seus encantos. Se, por acaso, meu amigo não se encontrava por perto Yvete, que não perdia um minuto, imediatamente buscava jeito de experimentar seu charme com qualquer outro. Ela possuía o desejo inato de sentir-se envolvida por uma quente atmosfera de admiração masculina, sem o que sentir-se-ia totalmente infeliz.

Eu, que não nasci ontem, jamais me enganei quanto à natureza sensual de seu temperamento, natureza que ela, infelizmente (ou, quem sabe? felizmente) não é a única de seu sexo a possuir. Indiferente, porém, não sem uma certa curiosidade malsã — se me permitem dizê-lo —,



“dores

ncantos. Se,
contrava por
minuto, ime-
rimentar seu
ossuía o de-
or uma quen-
alina, sem o

me enganei
temperamen-
e (ou, quem
e seu sexo a
m uma certa
em dizê-lo —

de cabeça”, em três anos, incitava o escritor Franz Hein a revelar...

notara eu de há muito os olhares lânguidos e provocantes que Yvete de quando em quando endereçava à minha pobre figura, sempre que, num corredor ou em qualquer outro lugar um pouco mais discreto, me encontrava. Um pouco profissionalmente, e o resto, que diabo, para ver até onde ia tudo isso, eu correspondia àquelas olhadelas, e um dia, mesmo cheguei a tomá-la nos braços, ao mesmo tempo em que lhe dizia algumas bobagens comumente usadas em tais ocasiões.

Agora isso, não havia, em minha conduta, qualquer sombra de má intenção, de vez que não desejava enganar meu muito prezado ami-

go. Apenas digo-lhes tudo isso, para que possam, mais tarde, acompanhar com proveito os vários lances de minha narrativa.

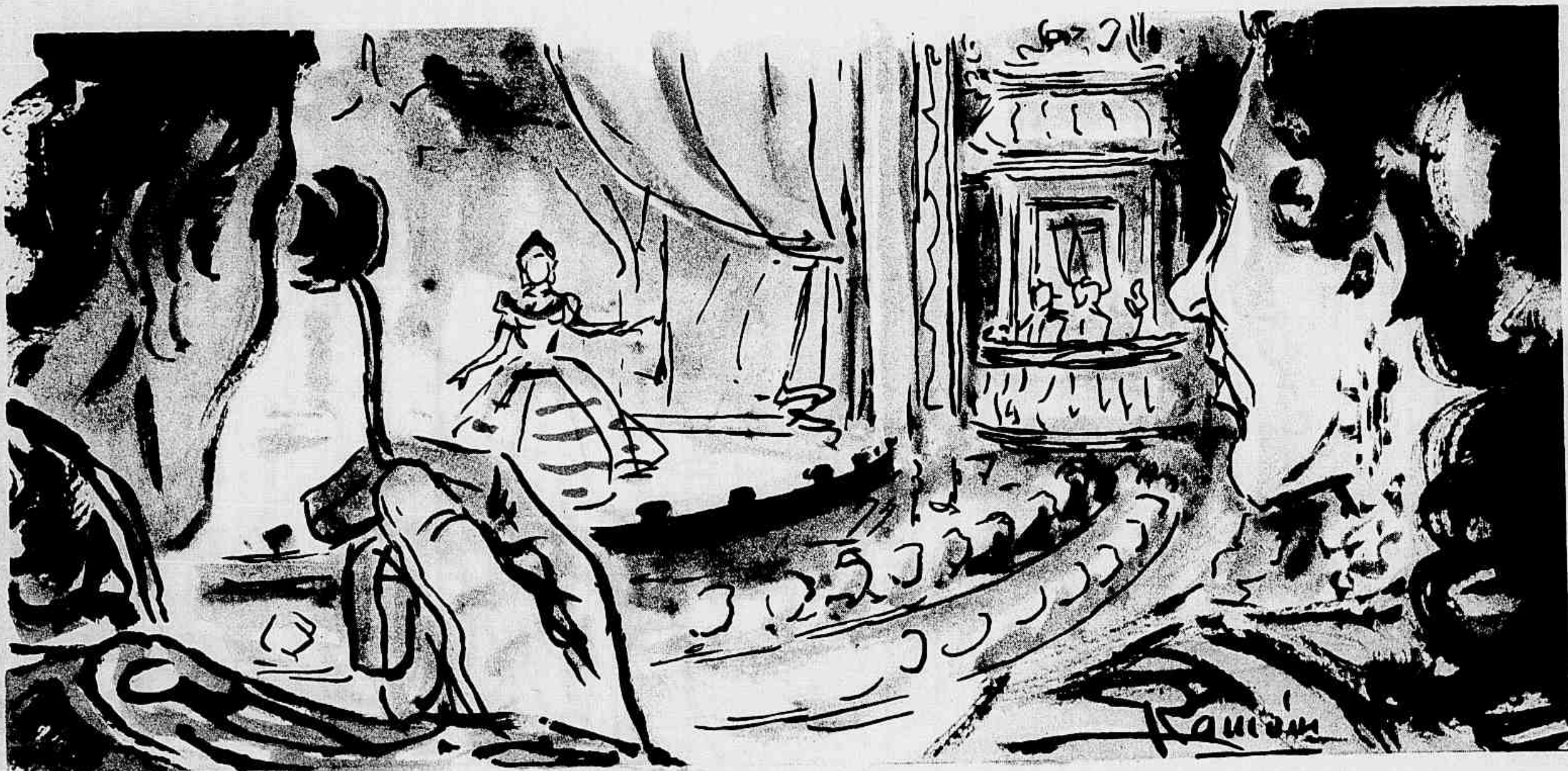
Certa noite, quando todos tinham ido deitar-se — uma festinha fôra improvisada, e terminara havia pouco, ficamos, eu e meu amigo, a beber calmamente, na varanda. Ele, sobretudo, bebia para afogar-se em álcool, ao que parece. A noite, muito quente, estava maravilhosa. Uma luz diáfana se estendia no horizonte, entre o azul pálido do céu, e o azul esverdeado das águas do rio Sund. O luar iluminava, indiferentemente, terras e águas. Meu amigo,

algo «tocado», deu para se sentir poeta, e declarou:

— Estamos certamente em Veneza, ou em alguma outra cidade italiana! Vivemos em plena Renascença, e somos, eu e tu, nobres e grãosenhores! No palácio onde nos encontramos habita a nobre Rosalinda, minha amante, e esta noite ela marcou comigo um encontro. Porém, a hora ainda está bem longe, e tu me fazes companhia, enquanto observamos um recanto dos grandiosos jardins do paisagista Maceo!

Encojarei-o a desabafar suas tolices:

(Continua no próximo número)



A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VERNON

Ilustração de RAMÓN

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — (Copyright Keystone)



sol incerto do mês de março adoça a paisagem. Porém, à imaginação de Elizabeth, o céu longínquo de Viena parece muito mais azul, e ela deixa apressadamente a Escócia, para voltar à Áustria. No entanto a febrilidade que agora a atormenta impede-a de passar muito tempo em um só lugar. Ao cabo de algumas semanas, ela deixa Viena, parte para a Grécia, para Corfu, que já havia conhecido, quando tinha apenas quatorze anos. Essa paisagem homérica devolve-lhe toda a perdida alegria; as ruínas de mármore, evadoras de passado tão mag-

nífico, estimulam sua imaginação. Durante seus passeios infundáveis, Elizabeth faz planos de ressuscitar, por seus próprios meios, uma época tão longínqua e tão grande. Em imaginação, constrói um palácio antigo, com colunas de mármore transparente, com estátuas que representam as grandes personalidades da primeira idade clássica helênica, e entre elas coloca o seu filho espiritual, seu poeta favorito, Heinrich Heine. A própria Imperatriz, como uma deusa sob a luz da lua, vestida com uma túnica muito alva, declama versos e passeia sob as árvores frondosas.

Em carta ao marido, comunica-lhe seu plano, solicitando para ele a opinião de Francisco José. O Imperador, contudo, sempre tão dócil para com as fantasias mirabolantes da mulher, dessa vez nega-se a cumprir sua vontade. Para dar o exemplo de economia, dera ele ordens a seus tesoureiros para diminuir o ordenado da própria família imperial; como seria possível agora que plano tão caro e tão inútil pudesse ser executado? Furiosa e despeitada, como uma criança a quem se tira um brinquedo, Elizabeth volta a Viena. Sem preveni-la de nada, o Imperador reunira uma junta médica para examiná-la, de tal forma seu estado mental o inquietava. Mesmo do ponto de vista físico, sua saúde estava arruinada. Basta dizer que sua alimentação se compunha de uma laranja. Isto, porque, a despeito de seus magros 43 quilos, Elizabeth fazia questão de se entregar a todos os métodos de emagrecimento de que tinha notícias, de três em três mudando um pelo outro, segundo a oscilação de seu sempre cambiante humor. Diante de tais sintomas alarmantes, é claro que a opinião foi desfavorável. Uma última fantasia leva ao cúmulo a consternação geral da Corte: Elizabeth, agora, passa a vida nas cavaliças, inicia-se na equitação acrobática, e manifesta o desejo

de se exhibir, publicamente, em um circo, nos exercícios perigosíssimos e difíceis dessa especialidade. Essa idéia a obstina por vários dias, e a ela não renuncia senão com dificuldade imensa. Os médicos terminam por opinar coisas tremendamente vagas: recomendam calma, repouso e tranquilidade, porém, não lhe é possível renunciar àquelas eternas vagabundagens de cidade em cidade, de país em país, que são já, para o seu organismo, uma necessidade vital. Lentamente principia a readquirir seu equilíbrio de espírito, porém uma triste notícia vem subitamente abalar todos os seus nervos, novamente, destruindo o lento trabalho de recuperação: ela acabara de passar o domingo de Pentecostes em Carats-hausen, em sua casa, na Baviera; parecia calma e feliz, vivificada pelo ar natal das grandes florestas e das majestosas montanhas, inebriada pelos perfumes das flores selvagens, e travando conhecimento com os camponeses da região. Aquele dia, voltando de um longo passeio, o rosto avermelhado pelo sol intenso, soube, com terrível susto, que o rei da Baviera, Luís II, fôra encontrado afogado, em um lago. Ninguém sabia explicar as causas do acidente. No dia 10 de junho, o Rei, que dava mostra inconfundíveis de alienação mental, tinha sido conduzido até Bergen, onde seria tratado pelo célebre doutor Gudden. Foi com esse médico, numa pequena barca, que encontrou a morte. Suicídio, ou tentativa de evasão, que o médico tentara impedir, o caso é que tudo ficou envólto em denso mistério. Em tais horas trágicas, Elizabeth foi incapaz de dissimular, à sua comitiva, o desespero que lhe atingira em cheio o peito, desespero que tanto mais forte lhe parecia, de vez que Luís II a amava apaixonadamente. Um choque nervoso de sucedia a outro. Durante dias seguidos, ela encheu os aposentos da casa com suas lágrimas histéricas, que nem os consolos da religião, nem a ternura de seus familiares, conseguia fazer estancar. Acusava a todos da morte de seu primo Luís II, lançando abertamente acusações injustas, a torto e a direito. Nessa época de delírio, não poupava nem os mais altos dignitários do Estado, nem seus parentes e amigos mais caros. Dizia, sem cessar, que nem toda a água dos sete mares bastaria para lavar sua dor. Estava convencida de que Gudden, seguindo ordens secretas, atirara o Rei n'água, e quando lhe retrucavam que o pobre médico também perecera no naufrágio, respondia que, naturalmente, o Rei se teria valentemente defendido, atracando-se ao infiel servidor, e perecendo com

ele. Era a única a pensar dessa estranha maneira, porém não fazia segredo de seus pensamentos, proclamando-os aos quatro ventos, sem temer escândalos. Um dia, chegou mesma a, em Feldafing, encomendar um Requiem solene, celebrado em memória de Luís II. Apenas duas pessoas a acompanharam, no ato: Ida Ferenczi, e a condessa Festetics. Elizabeth permaneceu longas horas prostrada diante do altar, debilhada em lágrimas, e buscando nas orações um lenitivo. Com efeito, pouco a pouco acalmou-se, e logo, sem sequer se despedir da família, com uma febre interior que se traduzia por seus gestos arrebatados, tomou o caminho de Viena. Porém, mesmo lá, não encontrou o antigo equilíbrio. Depois de alguns curtos contactos dramáticos com seu marido, e a despeito dos conselhos dos médicos, partiu para o castelo imperial de Budapeste, em Gedelle. Seu estado de saúde piorava de dia para dia, sem que, contudo, seu aspecto exterior o patenteasse. Ela constantemente se fechava em um quarto, isolando-se de qualquer outra pessoa, e sua dor, então, assumia tais proporções, que sua existência adquiria um aspecto totalmente anormal. Das portas fechadas, atrás das quais se abrigava contra olhares indiscretos, por vezes escapavam gargalhadas sinistras, seguidas de longos soluços.

Dessa morte longamente sentida, apenas se esqueceu Elizabeth quando outro morto ilustre foi enterrado. De repente, rodeou-se de todas as obras de Heine, e ninguém mais a encontrou senão com um livro do grande poeta à mão. Uma correspondência intensa começou a ser enviada, por Elizabeth, para todos os recantos da Europa. O fôto da Imperatriz era reunir, em seu poder, todos os manuscritos e originais do poeta, bem como todos os objetos que pudessem recordá-lo. A força de procurar nos arquivos, e de enviar emissários a todas as livrarias, terminou por descobrir uma finíssima edição de bolso, ricamente encadernada, que nunca mais deixou de usar consigo, como um crente que carrega a sua cruz. No decurso de suas longas caminhadas, ela lia e relia os poemas do livro sem se cansar jamais, e assim chegou a decorar dezenas e dezenas de poemas de Heine. Ela jamais deixava de citá-lo, em suas conversas, proclamando-o, a todos, o maior poeta da literatura mundial de todos os tempos, e escrevia cartas de protesto veemente a alguns seus amigos prussianos, que achavam ter sido Henrich Heine apenas um cínico, e um detrator de sua própria pátria. Malgrado a oposição de seu marido, que era justamente dessa mesma opinião, Elizabeth fez erguer a Heine bustos magníficos em todas as localidades em que costumava passar férias, em Isch, em Gedelle, em Luxemburgo e Schoenbrunn, principalmente, e quando soube que um sobrinho do poeta, o barão Heine Geldern, vivia ainda em Viena, fez com que o homem viesse à sua presença, e transformou-o em seu comensal quase quotidiano. Foi esse barão quem lhe revelou que uma irmã de Heine, madame Emden, também vivia ainda, em Hamburgo, e que possuía um retrato praticamente desconhecido do poeta. Imediatamente, Elizabeth desejou ver e possuir esse retrato, pelo qual declarou, estava pronta a pagar a quantia que fôsse sollicitada, por absurda que fôsse. Sua alegria foi imensa quando a velha senhora, em uma carta comovente, fez-lhe presente da foto.

A CAMINHO

A mania das viagens, demonstrada tantas vezes por Elizabeth, terminara por trazer aborrecidas consequências para sua harmonia conjugal. Francisco José, a despeito do amor que outrora votara à esposa, vira-se obrigado a pouco a pouco desligar-se de uma alma tão diferente da sua. Disso bem sabia Elizabeth, e, totalmente desprovida de ciúmes, não fazia questão de que o marido fôsse procurar, em outras mulheres, o amor que nela não mais poderia encontrar. Chegava ao ponto, inclusive, de apresentar jovens nobres ao marido, facilitando-lhe possíveis aventuras. Estávamos então ainda longe da era das grandes estrelas cinematográficas, das atrizes fatais, mas não foi essa a primeira vez em que, na história da família dos Habsburgo, as sacerdotisas de Talia desempenharam um papel de relêvo. Por essa época, Francisco José estava com cerca de cinquenta anos. No firmamento teatral vienense, brilhava intensamente uma loura e bela atriz, que em si resumia todo o encanto e toda a graça vienenses, e ainda por cima dotada de uma voz fresca e pura, que já havia feito vibrar mais apressado o coração de inúmeros homens. Era Catarina Schratt. Tinha olhos azuis muito claros, porém, a despeito de sua aparência modesta de pequena-burguesa, seu olhar tinha qualquer coisa do mistério e do segredo selvagem de um gato siamês. Em cena, essa pequena mulher, que beirava a casa dos trinta, «queimava os cenários», como se diz comumente. O idílio começou da seguinte maneira: estava de novo tensa a situação entre a Áustria e a Rússia. Os conselheiros de Francisco José o aconselharam, então, para contornar a delicada questão, trazer até Viena, como hóspede do governo austríaco, o czar Alexandre. O encontro entre os dois soberanos teve lugar em Kremsier. O programa das cerimônias era amplo. Alguns membros do Teatro Nacional se encontravam também em Kremsier, em férias. Para distrair os dois imperadores, o chefe do cerimonial pensou em organizar uma representação, para o dia seguinte, porém as duas

grandes atrações da companhia, Girardi e Catarina Schratt, se encontravam em Viena. Uma ordem imperial ordenou que se apresentassem, com a rapidez possível, em Kremsier, e a 25 de agosto de 1885, naquela pequenina cidade da Morávia, a representação teve lugar. Num camarote improvisado, decorado de flores e de palmas, Elizabeth sentou-se, entre Alexandre e Francisco José. A peça intitulava-se «Arrabalde e Cidade». No papel principal, brilhava Catarina. Seus gestos naturais, sua voz doce e penetrante, fizeram grande sucesso, sobretudo mereceram grandes aplausos de Elizabeth, que, muito pouco protocolar, não escondeu nem um pouco a magnífica impressão que a jovem atriz lhe causara. Chegou ao cúmulo de atirar-lhe um buquê de flores que momentos antes lhe haviam oferecido, à porta do teatro. Quando a cortina tombou, anunciando o término do primeiro ato, Elizabeth deixou transparecer, em alta voz, entusiasticamente, seu desejo de travar conhecimento com a jovem atriz, e de manifestar-lhe, de viva voz, seus cumprimentos pelo admirável desempenho.

Sem se importar com o espanto de ambos os soberanos, logo transmitiu a Ida Ferenczi a ordem de convidar, de parte de sua Alteza Imperial Elizabeth, Catarina Schratt para tomar parte no jantar, que se desenvolveria num ambiente de estrita intimidade.

Em torno à mesa, resplandecente de cristais, a artista, pouco a pouco de regras protocolares, entabulou conversa com Elizabeth, narrou episódios da vida dos artistas, falou de inúmeros lugares de reunião dos boêmios e dos artistas, de Prater, de Grinsing. Sua conversação leve e espirituosa, totalmente inédita para personagens sempre tão submetidos às palavras sem expressão das frases diplomáticas, encantou a todos, e não apenas Elizabeth, mas também o Imperador da Áustria e o Czar de todas as Rússias logo ficaram fascinados pela personalidade de Catarina Schratt. Muito avançada ia a noite, quando Elizabeth decidiu-se afinal a partir, apertando amistosamente a mão da artista, e lhe dizendo:

— Espero ter muito em breve a satisfação de revê-la em Viena, seja em Holburg ou em Schoenbrunn. O parque desse último castelo é tão belo!... Asseguro-vos que há de agradar-vos, tal como agradou a mim. Suas flores, suas árvores, são magníficas, e espero — concluiu, lançando um olhar para Francisco José — que também Vós, Senhor, vos alegreis com a visita de Madame.

A VIENENSE

Alguns meses mais tarde, Catarina Schratt alcançava grandioso sucesso na criação de uma nova peça. O par real assistiu à representação, e no dia seguinte, pela manhã, Catarina era convidada para vir almoçar em Schoenbrunn.

Muito pouco tempo depois, a atriz adquiria, próximo às muralhas de Schoenbrunn, uma pequena propriedade, em Gloriettagasse. A primeiro de março do ano seguinte, Catarina, quando dava um passeio matinal, com um buquê de violetas à mão, passou pela Imperatriz, que passava igualmente, com a filha Valéria. Catarina, inclinando-se profundamente diante da Imperatriz, disse-lhe:

— Hoje é dia primeiro de março, e espero que Vossa Majestade me há de permitir que lhe ofereça essas pequeninas flores. Diz-se em Viena que oferecer flores no dia primeiro de março traz felicidade a quem as recebe, e assim, rezei a Deus para que aconteça.

Na mesma noite, para agradecer a gentileza de Catarina Schratt, Elizabeth assistiu a uma representação de «Le Maître des Forges». Com grande frequência, a partir de então, as duas mulheres passaram a avistar-se. Elizabeth por seu lado, não ignorava que Francisco José nutria uma grande amizade pela jovem artista. Sabia, por exemplo, que o Imperador, que todos os dias despertava às cinco horas, sempre que estava em Viena, tomava o seu café e rumava incontinenti para Schoenbrunn, onde, às sete e meia, em companhia de Catarina, tomava um segundo pequeno

almôço, esse composto de um suculento bife, e de cerveja... Depois do que fazia, sempre com Catarina, um passeio de exatamente uma hora pelo parque. Se por ventura o Imperador não podia se ausentar de Viena, uma carruagem da Corte era enviada a fim de buscar Catarina. Ela tomara um lugar a parte na vida de Francisco José; quando o Imperador não estava presente, sem dúvida para poupar-se trabalho, enviava cartas e tudo e por tudo semelhantes a Catarina, e a Elizabeth. Catarina tomava parte em todas as discussões sustentadas pelo Imperador e tendo por tema a segurança do Estado ou à sua própria família, e Francisco José, se não a via durante um dia que fôsse, mandava-lhe inúmeros bilhetes, perguntando o que se passava, o que tinha acontecido, de que precisava acaso, etc., etc. Muitas vezes utilizava a caixa de Correios, e assinava seus bilhetinhos amorosos, românticamente, com algum pseudônimo clássico: «Romeu», ou então «Claudius». Em várias ocasiões a própria Elizabeth acrescentou palavras a esses bilhetes, de que sempre teve conhecimento, e foi inclusive ela quem, em mais de um momento, deu sugestões para os nomes utilizados pelo esposo.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ A irrequieta Elizabeth, casada com o Imperador Francisco José da Áustria, procura esquecer, em viagens, ora a Londres, ora à França — onde estabelece um incidente com os camponeses — ora às ilhas do Mediterrâneo — onde, fascinada pelo esplendor do passado grego, quer reconstruir, às custas do Estado Austríaco, os templos e palácios que não se cansa de admirar... — ou na leitura de seu poeta favorito, Heine, a quem mandou erigir uma estátua em quase todas as cidades da Áustria, não só sua infelicidade conjugal, como também dar largas à imaginação e à sensibilidade que seu pai, o desmiolado Duque Max da Baviera, lhe legou. Casos de amor também fazem parte da vida ultra-exótica que leva a Imperatriz — e que já constituiu o motivo principal de toda uma longa série de intriguinhas comumente comentadas nas Cortes da Europa.

EUSEI TUDO

DE ABRIL

- LEITOR, VOCÊ É UM MILAGRE!
- A TERRA CHAMANDO MARTE...
- O SAL, ESSA MARAVILHA!
- O ASSASSINO QUE TINHA CONSCIÊNCIA
- OS MISTÉRIOS DA ÁGUA
- COMO A PALESTINA SE TORNOU A
"TERRA SANTA"
- COMÉDIA E DRAMA NO REINO ANIMAL
- A CONSTITUIÇÃO CARBÔNICA

REDAÇÃO

RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

PREÇO

Cr\$ 10,00 EM TODO O BRASIL

ARTES

JOSÉ ROBERTO

O GRUPO FRENTE EM ITATIAIA

◆ Realizou o Grupo Frente sua terceira mostra, dessa vez fora do Rio de Janeiro, nos salões do Itatiaia Country Club, cujo presidente, senhor Arnaldo Rodrigues Duarte, gentilmente colocou à disposição de artistas e de jornalistas, especialmente convidados, as acomodações de seu luxuoso estabelecimento. Patrocinou a exposição o vespertino «Tribuna da Imprensa», cujo redator Macedo Miranda foi incansável, noticiando com desiaque a realização da mostra, e escrevendo inclusive o Catálogo. Estiveram expostas obras de quinze artistas, todos jovens e de valor: um escultor, apenas, e o restante, pintores e gravadores. Desses últimos, apenas dois são figurativos, todos os outros se filiando à corrente da arte concretista. Especialmente convidado, compareceu o crítico Mário Pedrosa, como sempre muito incensado pelos componentes do grupo. Mário Pedrosa inaugurou a Exposição, proferindo palavras simples e significativas. Também o presidente do clube usou da palavra, exaltando, em frases eloqüentes, a arte moderna, em geral, e a abstrata em particular. Não queremos entrar aqui em discussões sobre arte figurativa e abstrata ou concreta, discussões que já pertencem ao domínio das inutilidades. Mas não podemos deixar de lamentar que artistas jovens, e de talento, incontestavelmente, pretextando reagir contra aqueles que fizeram das Artes Plásticas um feudo privado, organizem também o seu, e nele se entreguem, despudoradamente, aos elogios recíprocos, quando não ao auto-elógio.

GOERG EM REIMS

O conhecido pintor Goerg, que esteve no Brasil, representado pela esposa, expondo no Museu de Arte Moderna do Rio com êxito diminuto, apresenta, agora, em Reims, alguns de seus melhores trabalhos, com grande sucesso. São trinta telas somente, mas nelas pode ser encontrado o que de melhor deixou o artista, em uma carreira de mais de quarenta anos.



EDOUARD GOERG —
Mercado de Flores

CICERO DIAS E O EMBAIXADOR

◆ O nome de Cícero Dias é muito conhecido nas rodas artísticas da capital francesa. Esse pintor pernambucano, de há muito radicado em Paris, trabalha na Embaixada do Brasil na França, e seus serviços em prol da aproximação cultural franco-brasileira já têm sido salientados em publicações especializadas dos dois países irmãos. Acontece que o embaixador Alves de Souza, há poucos dias, comunicou ao Itamarati a sua decisão de rescindir o contrato que une o pintor à Embaixada de que é titular atualmente, ao mesmo tempo em que propunha a designação do cônsul Vinicius de Moraes para a UNESCO, por exemplo, de vez que deseja reduzir ao mínimo o pessoal da Embaixada. Está bem que o poeta seja aproveitado em funções à altura de sua capacidade, se na Embaixada Brasileira não mais é necessária sua colaboração. Quer-nos parecer, contudo, que constitui grave injustiça para com um artista que tem feito tanto pelo conhecimento do Brasil no estrangeiro o que pretende fazer com Cícero o embaixador Alves de Souza, privando-o, de um dia para outro, de um emprêgo modesto, mas seguro, numa das terras mais atingidas pela inflação, nesse momento dramático de após-guerra. Essa medida vem desgostando profundamente os intelectuais brasileiros, que já se movimentam no sentido de evitar o gesto um tanto apressado do senhor Alves de Souza.

SÔBRE PIETER BRUEGEL

◆ A Editora Phaidon, de Paris, acaba de editar o primeiro volume da obra de F. Grossmann sobre Pieter Bruegel, um dos maiores pintores de todos os tempos. Grossmann de há muito que estudava a obra bruegeliana, e agora, nesse primeiro volume, dá-nos tôdas as reproduções de suas telas, desenhos e incisões. No segundo tomo, então, aparecerá, dentro em breve, um catálogo completo da obra de Bruegel, além de uma biografia a mais completa possível. Juntamente com o livro recente de Genaille sobre «Bruegel, l'Ancien», o presente trabalho virá enriquecer sobremaneira a já excelente bibliografia sobre o autor da «Dulle Griet».

PICASSO, DE ELGAR E MAILLARD

◆ Em excelente edição de F. Hazan (o mesmo editor que há pouco tempo nos deu o «Dictionnaire de la Peinture Moderne»), acaba de chegar ao Rio o trabalho de Franck Elgar e de Robert Maillard sobre «Picasso». Elgar estuda a obra, e Maillard, a vida do discutido pintor catalão. Trabalho sério, ornado de inúmeras gravuras a cores, de valor inestimável para os estudiosos.



Jair Alves, o Barão do «Baião», que vem de alcançar muito sucesso com o lançamento de novas gravações. À direita: o tenor Antônio Menezes, que acabou de gravar alguns discos «long-play» contendo canções napolitanas, é figura conhecida dos aficionados da televisão. A 16 do corrente apresentar-se-á num recital de canto, na A.B.I.

Vamos melhorar?

Os concorrentes à «Grande Pergunta» no programa de Aloísio Chaves passam maus momentos para respondê-la, pois à medida que o prêmio se torna mais alto, maior tem que ser também a capacidade dos candidatos para alcançá-lo. Esse recurso é natural, uma vez que a soma em dinheiro por vezes eleva-se bastante, mas, em alguns casos os espectadores ficam revoltados com algumas das perguntas, completamente impossíveis de serem respondidas em um programa para o qual os concorrentes comparecem apenas com uma soma de conhecimentos gerais, embora mais elevada em alguns e menos em outros.

Uma vez mais a falta de organização e o não estabelecimento prévio de um roteiro para a orientação de debates vieram prejudicar uma apresentação em TV, tratando-se dessa vez de um novo programa da TV-Tupi: «A juventude quer saber».

Deveria ser tratado o problema da inflação e demais crises por que passa o nosso país, porém alguns dos componentes da discussão alongaram-se por demais em considerações que fugiam completamente ao assunto e o programa terminou sem que o público tivesse algum esclarecimento de valor sobre esses temas de tão grande interesse no momento.

Será necessário que Carlos Frias, o orientador dos debates, de outras vezes procure solucionar melhor o problema.

Os espectadores continuam sendo martirizados por uma série infundável de anúncios apresentados entre um programa e outro. Isso acaba por irritar ao público, com antecedência, para o programa que muitas vezes aguarda com interesse.

Não haveria um modo de tornar menos cansativas essas propagandas?



Silvia Autuori dá a Vilma, sua colaboradora no programa «Lar, doce lar», alguns esclarecimentos sobre a execução de um modelo que será depois aproveitado pelas telespectadoras.

Para as audições de Inezita Barroso. A cantora agrada aos apreciadores da nossa música folclórica, que ela canta de maneira pessoal, mas suas apresentações na TV-Tupi.

Para Lídia Matos, que ao ser homenageada no programa «Os melhores da semana», por suas ótimas atuações no vídeo, surpreendeu muito agradavelmente ao público mostrando uma nova faceta de suas atuações artísticas. Convidada por Lourdes Mayer, Lídia prontamente cantou para os espectadores a sua primeira gravação, um samba que interpretou com muita graça e simpatia.

Para Chico Wright, que de maneira natural e levando sempre às donas de casa um conhecimento útil sobre a arte culinária, executa os mais variados pratos, dei-

VARIEDADES

SPECTATOR

◆ Os programas que exibem números variados são dos mais apreciados pelos telespectadores, pela oportunidade que oferecem de assistir a números de dança, canto, mágicas, etc., em uma só apresentação.

É muito necessário para o sucesso de tais exibições, mais do que o luxo do espetáculo, como pensam muitos produtores, a qualidade dos números que o compõem e a perfeita coordenação entre todas as atividades que se desenrolam nos estúdios: luzes, música, cenários, etc. a fim de que o público não tenha que, por longos minutos, aguardar a presença do artista que irá trabalhar no momento. Os «shows» musicados são montados com frequência pelas nossas duas emissoras de TV, entremeados com números de dança ou apresentação de humoristas. Entre os mais antigos «shows» exibidos na TV-Tupi, destacam-se as apresentações de Virgínia Lane que, talvez pelo longo tempo em que vêm se desenrolando, já estão cansando pela repetição dos números da cantora, embora a composição dos cenários e o vestuário da vedeta, via de regra, sejam de muito bom gosto e bastante luxo.

Por algum tempo encarregaram-se da parte cômica dos espetáculos em que aparece Virgínia Lane, Carlos Tovar e Anito que não conseguiram agradar. Atualmente José de Vasconcellos vem se desempenhando da missão com pleno sucesso, através de suas imitações. É necessário, porém, uma constante renovação do repertório para que, em pouco tempo, também esse humorista não venha a repetir-se. O maestro Osvaldo Borba, com sua ótima orquestra, anima os «shows musicados» da TV-Rio e o faz de maneira trepidante. Em tais ocasiões tem se exibido com grande sucesso o «Trio Harmônico», que executa os mais variados números em gaitas.

Heloísa Helena, com muita graça e simpatia anima uma «boite» em que se exibem os mais variados cartazes das nossas emissoras de rádio e teatros e são entrevistadas personalidades dos meios artísticos e sociais, convidadas por Heloísa para participar desse seu novo programa para a TV-Tupi.

Grande Otelo aparece em «Música e risos», cantando e fazendo humorismo e, aos domingos, em substituição ao «Tele-Semana», a TV-Tupi vem apresentando um «show» estrelado por Angelita Martinez. A vedeta exibe luxuosos trajes; os números sucedem-se tendo por fundo cenários por vezes grandiosos mas, falta um pouco mais de movimento a esses espetáculos. Artistas do elenco permanente das emissoras e elementos de destaque dos nossos palcos são contratados para aparecer nesses programas de variedades, mas, tornamos a salientar o cuidado necessário para que essas exibições não venham a cair na monotonia, pela repetição dos números, fugindo à sua finalidade, que é a de distrair ao espectador.

Graudez:

xando os tevendos com água na boca...

Para a TV-Rio, que nos seus «Filmes variados», exibidos nos intervalos entre um programa e outro, tem mostrado ao público antigas comédias de Carlitos.

Embora a imagem e o som do piano que acompanha as peripécias do homem da bengalhinha não apresentem perfeita nitidez devido à antiguidade das películas, as comédias agradam bastante e substituem com vantagem os documentários ou desenhos já dezenas de vezes repetidos e que em tais ocasiões são exibidos para os espectadores.

Para uma das últimas apresentações do «Teatro de Comédias», da TV-Tupi, quando se exi-

biram com grande êxito, Henriette Morineau em um ótimo desempenho e Magalhães Graça vivendo o papel de um pianista de «boite», ocasião em que teve oportunidade de mostrar ao público algumas ótimas interpretações ao piano.

Infelizmente deixamos de mencionar o título da peça em que se destacaram os dois artistas, pois, como frequentemente acontece na TV-Tupi, ao encerrar-se o programa, o autor do «script» não foi mencionado.

Para «Viva o Circo», que ganhou muito em suas apresentações, com a presença de Carequinha e Fred, agora contratados da TV-Rio.

Carequinha, executando complicados saltos e uma série de malabarismos continua encantando à guriçada.

OS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS SÃO ESCASSOS

Por LAUREN SOTH

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

♦ BERLIM, ALEMANHA

DEZ ANOS após o término da pavorosa guerra de 1939 a 1945, continuam escassos e caros os gêneros alimentícios na União Soviética. Há indícios de inflação, que bem podem ser um dos motivos pelos quais os chefes comunistas desejam uma breve pausa da «guerra fria».

Georgi M. Malenkov, provavelmente, foi afastado de seu alto posto porque advogava o aproveitamento cada vez maior das terras russas para a produção de mais e mais alimentos. Contudo, parece que essa é também a linha seguida por Khrushchev.

Em nossa rápida excursão através das fazendas soviéticas, tivemos o ensejo, curto embora, de penetrarmos um pouco no domínio dos preços e dos estoques de gêneros de primeira necessidade. E, mesmo que tivéssemos mais tempo disponível, e que tivéssemos viajado a outros recantos mais distantes, gozando de completa liberdade para fazer observações calmas e mais amplas, provavelmente não teríamos obtido dados mais seguros. Porque não existem dados oficiais — ou pelo menos, se existem, não nos foram dados a conhecer — sobre a produção agrícola e a situação dos gêneros alimentícios na União Soviética.

O professor Gale Johnson, da Universidade de Chicago, e eu igualmente, encetamos uma verdadeira batalha contra os funcionários do Ministério da Agricultura, no sentido de que nos fossem dadas as estatísticas em questão. Todas as vezes em que falávamos no assunto, diziam-nos eles que, na próxima fazenda, sem falta, tais dados nos seriam sobejamente fornecidos. Contudo, lá chegados, sempre havia um meio de fazer-nos olvidar a promessa... Nunca, até ao último instante da permanência da delegação de fazendeiros e técnicos norte-americanos, na Rússia, nos foi proporcionado o exame de qualquer boletim contendo números oficiais sobre o estado da produção soviética.

Ainda no último dia de nossa visita, quando nos encontrávamos em Moscou, numa reunião com funcionários do Ministério da Agricultura e se conversava animadamente sobre o que havíamos presenciado durante todas aquelas semanas, trouxemos novamente à tona o assunto, afirmando que só não levávamos uma impressão mais completa do que é a agricultura na Rússia, por falta de dados oficiais sobre sua produção. Imediatamente, o Ministro das Fazendas Coletivas, Ivan Benedictov, levantou-se e se ofereceu para fornecer tais dados. Perguntamos-lhe sobre alguns itens específicos, mas só respostas vagas e abstratas nos foram propiciadas. Afinal de contas, continuamos na ignorância do primeiro dia.

Aliás, com relação a Benedictov, parece ser ele o homem que realmente maneja a agricultura soviética, no regime de Khrushchev. Já fora, anteriormente, ministro da Agricultura, mas demitiram-no há alguns anos. Agora, retorna ao poder, com mais força do que antes, embora sem um cargo oficial tão importante como o que perdeu. É uma personalidade marcante, que conhece a fundo os problemas agrícolas, não só de sua terra, como os nossos próprios.

Em momentos muito raros, tivemos o ensejo de visitar lojas do Estado e mercados livres, em

diversas cidades. O pão é abundante e baratíssimo. De vez que é o pão que fornece ao povo russo cerca de 65 por cento das calorias de que necessita, chega-se à conclusão de que ninguém precisa ter fome, na Rússia. O pão russo, diga-se a verdade, é muito bom, e muitíssimo mais puro do que aquele que na América se possa obter.

MAIS VITAMINAS

O pão preto, e várias outras espécies de pão de trigo são populares. E todas contêm mais vitaminas, minerais e proteínas do que o nosso pão branco. Além do pão, todavia, os gêneros alimentícios não são abundantes. Os alimentos que contêm em alto grau proteínas, e que, nos Estados Unidos, são consumidos em tão larga escala, ali, na Rússia, são escassos. Vimos lugares em que um ovo custava cerca de um rublo!

Ao câmbio oficial, um rublo equivale a 25 centavos americanos, ou sejam, cerca de 18 cruzeiros. Atualmente, porém, com o poder aquisitivo do rublo em baixa, é provável que esteja valendo apenas 10 centavos, isto é, cerca de 7,50 cruzeiros.

O quilo de carne varia entre 20 e 26 rublos, mais de dois dólares. A carne de porco ainda é mais cara — entre 30 e 35 rublos. No mercado livre de Tashkent, certa qualidade especial de carne de porco atingia o preço de 40 rublos o quilo. E ninguém compra manteiga por menos de 50 rublos. O litro de leite varia entre 3 e 4 rublos. E esses preços — nunca esquecendo — são tomados em relação ao salário mínimo, que na Rússia parece ser de 900 rublos, isto é, trinta por dia. E não há quem coma muita carne, quando o quilo custa aproximadamente o salário de um dia de árduo trabalho.

UM TERÇO DA DOS ESTADOS UNIDOS

Pelo que nós foi dado averiguar, nos poucos dados que nos foram recitados pelo senhor Benedictov, e por um diretor de fazenda de criação próxima a Moscou, estimei o consumo de carne da população russa aproximadamente idêntico a um terço da norte-americana. Isso de forma alguma quer dizer que os russos estão em más condições alimentícias. Uma dieta adequada pode prescindir facilmente de grandes quantidades de carne, ovos e leite, alimentos que para nós, norte-americanos, são básicos. O que isso mostra, porém, de maneira irrefutável, é que a dieta russa não é das mais variadas.

Praticamente, vegetais frescos, frutas, carne, leite e outros alimentos semelhantes são encontrados unicamente no mercado livre. Em Moscou, os estabelecimentos do governo vendem carne de vaca. Contudo, em todas as demais cidades que visitamos, aquelas lojas e entrepostos, apenas vendiam queijo, conservas, geleias, doces cristalizados e etc. O pão, é claro, é vendido nas padarias do Estado.

BOM, PARA OS FAZENDEIROS

O fato de que as lojas do Estado não dispõem de alimentos frescos é um dos indícios da inflação reinante. A inflação, no preço dos alimen-

tos, nos mercados livres, vem auxiliando grandemente os fazendeiros. Porém, o consumidor vê-se atemorizado pelas proporções que o atual estado de coisas possa atingir.

Também os artigos não alimentares estão custando caríssimos na Rússia. Um traje masculino, por exemplo, custa, na União Soviética, entre mil e dois mil rublos, a julgar pelos preços que vi expostos em vitrinas. Isto quer dizer que, pelo traje de homem mais ordinário, é exigido todo o salário ganho em um mês de penosos esforços na oficina ou na fazenda. Até mesmo as melhores roupas parecem de fabricação ordinária. Os capotes, igualmente alcançam preços fabulosos.

Quanto ao equipamento elétrico, para fins domésticos, tal como pequenos rádios, lâmpadas, etc., custam muito barato e são de qualidade superior. Também as peças de alumínio, painéis, etc., são baratíssimas. Porém, quase todas as demais peças manufaturadas alcançam preços astronômicos.

Os estabelecimentos do Estado, em Moscou, possuem um suprimento imenso de mercadorias. As grandes lojas GUM, no Quarteirão Vermelho, distribuíam um catálogo grossíssimo contendo os nomes e os preços respectivos de uma infinidade de coisas. Mas nas demais cidades russas, a fartura não é a mesma.

MÁ QUALIDADE

A qualidade das roupas é ruim. As camisas de homem, que custam 35 rublos, possuem colarinhos com bicos desencontrados, como que demonstrando a pressa e o pouco caso com que foram feitas. Não há comodidade, e o simples fato de usar uma gravata com uma dessas camisas é já um suplício.

Como, porém, muito poucos russos usam gravatas, isso não vem muito ao caso. Mas para nós, que tivemos de experimentar uma, com camisa de fabricação russa, foi uma provação inesquecível.

Também da mesma espécie é a roupa usada pelas mulheres. As que são vendidas, já confeccionadas, nas lojas, são tão graciosas como um saco de nabos... Talvez por isso a maior parte das mulheres russas compra a fazenda e faz as suas próprias vestimentas, que aliás, não saem muito mais elegantes do que as compradas já feitas.

Pequeno estoque, má qualidade e altos preços, eis o resultado da política básica seguida, nos últimos anos, pelos altos chefes da União Soviética. Em compensação, a produção russa está inteiramente voltada para a produção bélica, como se estivessem os soviéticos preparando, ou temendo, nova conflagração. A palavra de ordem é construir. Construir tanques, canhões e aviões para o que der e vier.

Os russos se decidiram também a dirigir suas reservas econômicas para o setor da construção — que foi, e ainda é deficiente — e na indústria pesada.

NÃO DÃO OPINIÃO

O de há muitos anos sofredor povo russo não tem voz ativa em qualquer uma dessas questões, seja no campo político — onde lhe é ne-

gado o direito de voto —, seja no econômico. Não têm voz ativa para decidir coisa alguma, e portanto, não se interessam quer pela espécie, quer pela qualidade ou quantidade daquilo que se vai produzir. Contudo, estão demonstrando, por sua ação nos mercados livres, que desejam mais carne, ovos e leite em sua alimentação.

A CULTURA DO POVO

Cultura e sapatos são coisas produzidas em massa pelo governo russo para o proletariado. Os resultados são os piores possíveis.

Os orientadores do Partido Comunista falam muito em cultura, e sempre com «C» maiúsculo. Toda fazenda coletiva ou fábrica do Estado deve possuir seu Centro Cultural e de Repouso, para os trabalhadores em férias ou em descanso.

A única diferença entre essas Casas de Cultura, todas organizadas por um mesmo modelo, e os centros de diversão do Exército, é que aquelas são mais numerosas.

Todas possuem uma biblioteca, com o mesmo estoque de livros oficialmente aprovado. Todas exibem, em lugar de destaque, diversos exemplares da última edição do «Pravda». Nas situadas em zonas agrícolas, existe ainda uma espécie de boletim do Ministério da Agricultura, onde se comunicam as últimas novidades ocorridas no país, naquele setor. Há também algumas revistas soviéticas de larga circulação, e alguns livros.

Certas Casas de Cultura exibem livros de autores americanos, em inglês ou em russo, principalmente. Os autores não variam jamais: Theodore Dreiser, Jack London, Howard Fast e Mark Twain.

Os soviéticos apreciam os três primeiros por seus pontos de vista radicalmente anti-capitalistas, e o quarto, porque o julgam politicamente inofensivo.

Uma Casa de Cultura possui, por vezes, um auditório para concertos e representações teatrais. Mas há poucas facilidades para a sua verdadeira utilização. Também existem — mas poucas — mesas de bilhar e pingue-pongue, e raramente se avista uma quadra de volei ou um campo de futebol.

ROTINA TEDIOSA

Essas tais Casas de Cultura e Repouso, o mais das vezes tombam numa espécie de rotina lamentavelmente tediosa. São iguais em toda a parte, pela Rússia afora. Inúmeras nos foram mostradas por funcionários do governo, que não se cansavam de repetir o número de metros quadrados de cada qual, e o índice por pessoa desses metros quadrados.

As fontes, canteiros e flores, são iguais em todos os parques. As flores são belas e numerosas, aliás.

O único jardim verdadeiramente digno de admiração que vi em toda a nossa longa viagem de mais de nove mil milhas através da União Soviética, foi o de nosso embaixador, Charles Bohlen, em Moscou.

Podia-se acreditar que em algum recanto, um audacioso inovador tivesse pensado uma outra espécie de Casa de Cultura e Repouso, que não as examinadas. Se tal aconteceu, porém, a delegação de fazendeiros norte-americanos não deu pela coisa.

LENIN E STALIN

A coisa mais aborrecida, na União Soviética, são as estátuas. Lenin e Stalin olham para o visitante de todos os lados, isso em qualquer cidade onde ele se encontre. Seus bustos e retratos estão igualmente na praça pública e nos corredores de hotéis, nas salas de espera dos teatros e dos cinemas, nas fazendas, nas fábricas e nas residências. A menos que o leitor já tenha estado na Rússia, é impossível que possa ter a noção do problema, tão incrível é. Lado a lado com as já tradicionais estátuas de Lenin e Stalin, já as dos novos deuses, recentemente nomeados para o Olimpo soviético: Bulganin, Khrushchev, Molotov e outros.

Ocasionalmente, vê-se uma estátua de Gorki, Tolstoi ou algum outro escritor russo aprovado pelos consultores literários... A Pushkin, porém, cabe a maior parte do número de tais estátuas.



WLADIMIR ULITCH ULIANOV, a quem os russos chamam de Lenin, discursando aos seus compatriotas, algum tempo antes de sua morte, ocorrida em 1924. Estátuas de Lenin são vistas em cada canto, na Rússia.

Perguntei a um jovem intérprete, amável, inteligente, e com quem estabeleci laços de amizade, se os russos não se sentiam cansados de todas aquelas estátuas de Lenin e de Stalin. Olhou-me visivelmente perturbado, e retrucou-me que um americano jamais compreenderia o grande amor que o povo russo sente por seus líderes inolvidáveis.

CONFORMIDADE IRRITANTE

As estátuas, e não só as de Lenin e de Stalin, são de uma incrível semelhança umas às outras. Certo granito que vi em um bosque próximo a Moscou, representando uma mulher tendo ao colo seus filhos, encontrei pelo menos umas cinquenta vezes pela Rússia afora, como que a querer provar-me que a imaginação tinha sido banida do país. Até a bordo de um paquete encontrei uma foto da estátua citada.

Só ocasionalmente, em uma casa das mantidas pelo governo para «aprimorar» a cultura do povo, é possível encontrar-se uma tela de um artista local. Na maior parte dos casos, as telas e esculturas que se vêem em pleno ar livre, ou nas habitações russas, são idênticas,

quer estejamos em Moscou, ou em Kharkov, em Kuibyshev ou em Rubtsovsk.

Em Uzbekistan e no Kazakhstan, vimos muitas obras cheias de imaginação e de beleza, baseadas em motivos populares: caixas de laca, lâminas, trajes típicos, etc. Também as fazendas coletivas, ali, nos pareceram menos uniformes do que na Rússia Européia.

O concerto, seguido de danças, parece ser uma forma de diversão ultra-popular na União Soviética. Não posso acreditar que os diferentes povos da União Soviética amem a música de idêntica maneira, no Turquestão e na Sibéria, na Ucrânia ou seja onde for. Presenciamos a cerca de dez, nas mais diversas regiões.

ALGUMAS VARIAÇÕES

Existem certas diferenças entre os cantos e danças nativas. Porém, o programa era sempre organizado de modo idêntico: um côro masculino, um ou dois solos, grupos de dançarinos executando bailados folclóricos, e também solos de dança. O acompanhamento era executado quase sempre por acordeões.

(Cont. na página 20)

A seguir: O TRABALHO FEMININO

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 7 E 13 DE ABRIL DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — O leitor terá, dessa vez, uma semana cheia dos melhores elúvios planetários. O novo período se prestará, admiravelmente, para o lançamento de novos negócios, para viagens, mudanças, etc., sendo muitíssimo favorável aos assuntos profissionais.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Não recuse as ofertas que lhe fizerem durante a semana em pauta. Todas elas terão procedência, estando os ofertantes, pessoas conhecidas, animados dos melhores propósitos. Os melhores dias serão 7, 10, 11 e 12.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Sua posição em face do Céu emissor melhorou bastante. O leitor já poderá atuar com segurança e com alguma chance. Os influxos reinantes beneficiarão todos os setores de atividade, o sentimental inclusive.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — As melhores oportunidades da semana serão encontradas mesmo no círculo das relações atualmente mantidas. Poderá formular pedidos ou requerer nas repartições ou na justiça, certo de ser atendido.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Poderá impor sua vontade e estabelecer as condições do seu negócio. Seu magnetismo atuará fortemente nos dias 7, 8, 9, 11 e 13. Seu domínio será quase completo nos meios profissionais, sentimentais e domésticos.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — O tempo será de má colheita. Seus esforços não serão coroados de êxito. Os influxos planetários da semana serão inarmônicos, anulando, assim, todas as suas iniciativas, todos os seus empreendimentos.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não espere grandes coisas na semana entrante. Haverá desequilíbrio financeiro em virtude de despesas imprevistas e forçadas. O leitor poderá, não obstante, encontrar o apoio de que possa ter necessidade.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Cuidado, muito cuidado, mesmo, nos três primeiros dias da semana. O leitor estará muito sujeito a traições e a enganos altamente perigosos. Não confie demasiado, mesmo nos amigos e nas pessoas mais íntimas.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — As viagens para o exterior estarão bem indicadas em todo o curso da semana. Haverá movimentação rápida de negócios e saldo financeiro bem apreciável.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Sua vida sentimental não desfrutará bom clima. Marte e Vênus, inarmônicos entre si, prejudicarão grandemente suas atividades pelos domínios de cupido. Atue com a necessária prudência para ter arrependimentos.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — O leitor terá, na semana entrante, um bom período para o tratamento da saúde, para qualquer reforma que pretenda fazer nos negócios e para reconciliações. As circunstâncias o favorecerão.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Paz na vida doméstica e êxito nos negócios, eis o que lhe promete a semana em causa. Aproveite as favorabilidades dos próximos dias para fazer o reajustamento já planejado.

OS NOMES DA SEMANA

Abril, 7	—	Armando	—	Amanda.
" 8	—	Justino	—	Suell.
" 9	—	Arturo	—	Ivete.
" 10	—	Telemaco	—	Olindina.
" 11	—	Flávio	—	Daiva.
" 12	—	Francisco	—	Celina.
" 13	—	Cláudio	—	Enedina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Abril, 7	17° 38' 35"	(Signo da Libra)
" 8	18° 37' 33"	(" " ")
" 9	19° 36' 30"	(" " ")
" 10	20° 35' 25"	(" " ")
" 11	21° 34' 18"	(" " ")
" 12	22° 33' 5"	(" " ")
" 13	23° 31' 57"	(" " ")

LIDA A SENTENÇA...

(Continuação da pág. 41)

COMO A «ONDA» COMEÇOU...

No dia seguinte ao incidente, alertado por um amigo meu de que existia uma lei — ainda não aplicada no Brasil que punia a audácia de que tinha o menor Fernando sido vítima, deliberei fazer a mãe de Fernando comparecer ao distrito para apresentar queixa contra o inusitado procedimento dos responsáveis por essa escola estrangeira.

O resto foi o que o senhor já soube...

FERNANDINHO

Exibiu-nos o sr. Felício tanta prova documental sobre o estudo psicológico de Fernandinho, mandado fazer por ele por algumas autoridades de renome no campo da psicologia infantil.

— Até o professor Myra y Lopez pretendia consultar. Mas, éle, prudentemente, alertou-me que seria impossível proceder a um estudo dessa natureza numa criança de tão tenra idade, pois a reação de Fernando iria depender da ação que motivou a punição ou o castigo que D. Silvia pretendesse infligir-lhe. E era óbvio que ela iria negar-se a fornecer-lhe.

Mas, consegui de vários outros especialistas. Como o senhor está vendo, todos eles confirmam que Fernandinho é um menino normal, de Q. I. 1,02 — isto é, acima da média para sua idade... Tudo isso juntei ao processo.

ARREPENDO-ME AGORA...

Volta o sr. Felício a discorrer sobre a justiça da sentença do juiz Irineo Joffly, para depois acrescentar:

— Aliás, como resposta às críticas e injustiças, assacadas contra mim pelo causídico que defendeu os réus, passo a responder com um trecho da própria sentença.

E lê alto, para nós:

— «...o gesto do sr. Alberto Felício dos Santos é sobre todos os motivos recomendável e não fôsse a insistência e o desprendimento com que defendeu os direitos do seu pupilo, seria provavelmente mais um caso de meninos negros prejudicados por este terrível complexo racial que tantas desgraças tem provocado.»

OS PAIS DE FERNANDO

Aproveitando uma pausa nas declarações do sr. Felício dos Santos, pudemos conhecer os pais de Fernandinho, Pedro e Teresa Dias. O pai, chofer do ex-ministro Eugênio Gudin e ela, empregada doméstica, há 4 anos, em casa do sr. Felício.

— O que é que a senhora acha disso tudo, D. Teresa.

— É... — murmura cabisbaixa.

— E o senhor?

— É... — responde sorridente.

SENTENÇA POLÍTICA...

(Continuação da pág. 43)

Por estranho que pareça, a resposta dada ao juiz e que o satisfizes plenamente foi apenas esta:

— «Não me recordo»...

AS FALHAS DO PROCESSO

O dr. Amauri Lacerda prossegue, mostrando-se surpreso com a enormidade de falhas processuais:

— Antes de tudo, assinala-se que a sentença foi prolatada sem que do processo constasse a folha de antecedentes penais dos acusados, fato que poderia vir a beneficiá-los pela obtenção do «sursis».

«Além disso, o próprio responsável pela criança funciona no processo como... testemunha do fato!»

«E depois de tudo — a pena máxima, aplicada com extremo rigor em réus primários, não reincidentes portanto, numa sentença que deixa antever a preocupação de uma condenação a «todo o pano»...

RÚSSIA SOVIÉTICA...

(Continuação da página 19)

Em cada exibição, um homem ou uma mulher atuava como anunciante. Com floreios na voz, destacava-se do grupo, e, no meio do palco, empertigado, anunciava o número. Isso — nas mais longínquas regiões — me causou grande surpresa. Até hoje ignoro se algum ministro da Educação soviético andou, ou não, expelindo circulares sobre o modo de serem anunciados os números, nos «shows para estrangeiros»...

Não quero parecer ingrato para com os músicos e dançarinos russos, que tanto me distraíram durante a viagem. Muito do que faziam, era incomparavelmente melhor do que tenho visto, no gênero, em vários outros países. Mas a falta de variação, em todos aqueles espetáculos, termina por fatigar ao espectador.

Além de tais concertos, vimos dois filmes soviéticos, e um espetáculo de «ballet», esse no famosíssimo Teatro Bolshoi, de Moscou, por uma companhia de Novosibirsk, na Sibéria. Não entendo de «ballet», porém esse grupo me pareceu excepcionalmente bom. Nossos hóspedes russos, porém, asseveraram-me que era de terceira classe.

Também ouvimos dizer que o trabalho pesado, estabelecido pelas leis e pelos ordens dos patrões, aos quais não se deve estorvar com desobediências, é recompensado e encarado simpaticamente, na Rússia.

Um dos filmes presenciados versavam sobre a vida em uma fazenda coletiva na região de Kazakhstan — espécie de «far-west» da Rússia. A outra, sobre uma condutora de trator, e um operador de locomotivas. Em nenhuma cena de qualquer dos filmes aparecia um beijo, ou qualquer gesto de amor. Nem mesmo no final... A vida é algo muito sério, na União Soviética, para se constituir em motivo romântico, mesmo num filme cinematográfico.

O FATO LITERÁRIO

MORREU BROMFIELD

J. R. TEIXEIRA LEITE



♦ LOUIS BROMFIELD, cuja morte algo inesperada os jornais há pouco tempo noticiaram, tornou-se mundialmente célebre com a sua novela «... E as chuvas chegaram». Misto de agricultor e de romancista, nasceu em 27 de dezembro de 1896 nos Estados Unidos — o que quer dizer que desaparece com pouco menos de sessenta anos de idade.

Sua carreira literária principiara tarde, somente em 1924, com a novela «A árvore da baía verde». Em pouco tempo, adquiriu Bromfield nomeada, não só nos Estados Unidos, mas também fora deles. Sempre se dedicou, porém, de preferência à agricultura, conservando a atividade literária em plano algo inferior àquela. Aliás, sobre agricultura, deixou inúmeros escritos, que atestam profundo conhecimento do assunto.

Rico, dono de imensas terras — entre elas sobressaindo a fazenda Malabar, que atraía visitantes de todas as partes do mundo —, Louis Bromfield há pouco tempo adquirira, em São Paulo, uma grande fazenda, à qual deu o nome de «Malabar do Sul», e onde vivia uma de suas filhas.

Ainda em janeiro de 1955, estivera no Rio de Janeiro, a caminho de suas terras. Surpreendera então os escritores e jornalistas cariocas, ao confessar-lhes sem rebuços que, à literatura e a seus trófeus, preferia simplesmente... plantar batatas. Isso não o impediu de receber, em 1926, o Prêmio Pulitzer, atribuído à sua novela «Early Autumn», e de ter auferido lucros fabulosos com seus «best-sellers», muitos dos quais — como «Mrs. Parkington» — foram aproveitados pelo cinema americano.

Bromfield faleceu vítima de icterícia, em um hospital, em Ohio, a 18 de março passado.

NOTAS

♦ JUNTAMENTE COM os dois tomos da «Correspondência de Capistrano de Abreu», obra imensa, enfileirando as inúmeras cartas que o grande Capistrano enviou a amigos e conhecidos pela vida a fora, e que José Honório Rodrigues organizou e prefaciou, recebemos um cartão do senhor José Renato Santos Pereira, no qual o mesmo nos comunica a sua posse no cargo de Diretor do Instituto Nacional do Livro, bem como o próximo lançamento, pelo I.N.L., da «Revista do Livro». Já sabíamos da posse do senhor José Renato; aguardamos, porém, a «Revista do Livro».

♦ TAMBÉM DE estréia é «Face Dispersa», de Waldir Ayala. Se nesse livro já se nota um sopro de poesia, ténue embora, terá ainda Waldir Ayala muito o que aprender para nos dar o livro que venha realmente revelar um temperamento poético. Já existe, porém, em Waldir, algo que Arnaldo Rodrigues ainda não soube descobrir em si mesmo.



♦ A REVISTA «A Época», da Faculdade Nacional de Direito, completará esse ano cinquenta anos de existência — o que, para uma revista de estudantes, é inédito, em toda a América do Sul. Para comemorar a efeméride, seus diretores organizaram três concursos, de poesia, contos e jurídicos.

co. Para a Comissão Julgadora do Concurso de Poesia já foram escolhidos os nomes de Vinícius de Moraes e de Ferreira Gullar, faltando ainda designar um terceiro membro. Os julgadores dos demais concursos ainda não foram escolhidos.

♦ TEMOS EM mãos o terceiro número de «Fó-lhas da Poesia», contendo colaboração poética dos vários membros do «Clube dos XII», há pouco fundado. Aliás, o clube patrocina, agora, uma interessante idéia: a de dar o nome de Jorge de Lima a uma das ruas do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, anuncia a próxima edição de «O Silêncio e a Rosa», do associado Wilson Alvarenga Borges, volume que inaugurará a «Coleção Clube dos XII».



♦ O LIVRO de estréia do senhor Arnaldo Rodrigues, neto do poeta Aníbal Teófilo, e poeta também, chama-se «Imagens Perdidas». A poesia do rapaz não daria muito prazer ao avô, se esse ainda fosse vivo hoje. Isso, porque ao livro recém-publicado falta ainda muito para atingir o nível poético mínimo, permitido a um principiante. O seu autor não deve desanimar, contudo, e sim, ler os bons poetas, nacionais e estrangeiros.

♦ CONFUSO ENSAIO, esse de José Alberto da Silva sobre «Sílvia Romero Juiz». Muitas vezes, abandonando o tema que se propôs tratar, o autor faz digressões que prejudicam, sobremaneira, o desenvolvimento do ensaio. Aqui e ali, porém, detém-se José Alberto da Silva a transcrever pareceres e sentenças do tempo em que Sílvia Romero era juiz em Parati. Essa, talvez, a única virtude do livrinho, que, a estorvá-lo, ainda traz um prefácio cheio de lugares-comuns do escrivão Carlos Maul.

POESIA

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
tem as palmeiras do Mangue,
onde canta o sabiá.
Minha terra tem cassinos,
tem mulheres nos cassinos,
e as boas que aqui requebram
não requebram como lá.
Minha terra tem butecos,
tem malandros, tem pilantras,
tem samba em caixa de fósforos,
Mangueira, Estácio de Sá.
Nosso céu tem mais estrelas
e o nosso rádio também.
Nossa vida tem mais vida,
mais gostosuras esparsas,
mais preguiça, mais cansaço,
mais volúpia de viver.
Nossos dias têm mais sol,
nossas noites mais luar,
nossas ruas têm mais gente,
nossa gente mais amôres.
Minha terra tem idílios,
tem passeios de mãos dadas,
adolescentes amando,
minha terra tem primores.
De fato, ela tem primores
que tais não encontro cá.
Tem Amélia, grande dama,
a vamp, a ingênua, a estenógrafa,
tem Maria, tem Iná.
Em passear sozinho à noite
mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem o Leme,
tem a praia do Flamengo,
Leblon, Jacarepaguá.
Tem a Central do Brasil,
onde acontecem desastres,
tem cinemas, tem a Lapa,
o estádio do Vasco da Gama,
tem subúrbios, Piedade,
Encantado, Engenho Novo
Maria Angu, Irajá.
Não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá.
Sem que tome cafézinhos
discutindo futebol.
Sem que passeie de ônibus
ou de auto-lotação.
Sem que vá ao Vermelhinho
conversar literatura.
Sem que perca na roleta
ou que acerte no milhar.
Sem tomar chope na praia,
sem tomar pinga no morro,
sem tomar banho de mar.
Minha terra tem palmeiras
na ilha de Paqueta.
Tem barcas da Cantareira,
Tem anedotas gozadas,
tem noites de bebedeira,
tem ressacas de amargar.

LUIZ MARTINS



Na estrada de Damasco, os guardas controlam e revistam os camaleiros, para evitar a passagem de contrabando, da Síria para o Líbano. Por sua vez os camaleiros investem contra o fotógrafo, exigindo cinco libras por terem servido de «material documentário», contra a vontade...

cidadão árabe familiarizado com a situação local — como a qualquer instante pode surgir a eventualidade de uma nova Coréia, ainda que nenhuma das partes em litígio esteja interessada na repetição do fenômeno.

— Mas os fenômenos se repetem, diz a experiência...

— Neste caso pode repetir-se e sem grandes alterações de ordem política. Senão, aprofunde-se no estudo.

Aprofundar o estudo é conhecer com quem está a razão, no conflito que se esboça entre judeus e árabes — melhor seria dito, entre judeus e cristãos. Porque se há pedaço de mundo onde as divergências religiosas são um imperativo a ponto de se tornarem a razão de ser, a mola, o eixo da própria vida, é este em que nos encontramos. Antes de tudo, esta gente procura saber se está falando com um cristão ou com um muçulmano, com um muçulmano ou com um israelita. Como se a esse simples esclarecimento, desde logo o caráter do homem estivesse definido, positivamente retratado.

E sendo assim, como saber de que lado está pesando a balança da justiça, quando ambas as partes têm o seu princípio de lógica e seu ponto de honra invulnerável mas característico?

O "pivot" da questão:

ÁRABES, MUÇULMANOS E JUDEUS

OS ÁRABES: «EXPULSARAM UM MILHÃO DE INOCENTES PARA CRIAR O ESTADO DE ISRAEL!»
★ OS MUÇULMANOS: «NADA MAIS JUSTO QUE DEVOLVÊ-LOS AO QUE LHES PERTENCIA!»
★ OS JUDEUS: «NÃO CONQUISTAMOS TERRITÓRIO ALGUM E A RÚSSIA É QUE ESTÁ AQUECENDO AS CASTANHAS...» ★ **O POVO NÃO PARECE DISPOSTO A GUERREAR** ★ **MAS INSTALAM-SE ABRIGOS SUBTERRÂNEOS, PELAS DÚVIDAS, NAS PRINCIPAIS CIDADES ORIENTAIS**

Reportagem e fotos de **CELESTINO SILVEIRA**

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA ao Oriente Médio)

◆ Visto mais de perto, o panorama do Oriente Médio não é precisamente aquele que se admite à distância. Se há preparativos iminentes para qualquer eventualidade de guerra e mesmo abrigos subterrâneos para refúgio das populações em caso de bombardeio imprevisto (ou

cautelosamente previsto muito à maneira oriental), não é menos certo que essas populações cuidam de seus afazeres triviais e não se preocupam com uma súbita irrupção bélica:

— Isto tanto pode ser o seio de Abraão ainda por muitos e muitos anos — dizia-me um

Em sucintas palavras, mas fruto de observações recolhidas em duas semanas de exaustivas peregrinações, o caso é este:

Queixam-se os árabes — e queixam-se preliminarmente dos americanos e dos britânicos — de estar prejudicado um milhão de indivíduos

da sua raça, afastando-os de suas propriedades, do que lhes pertencia, de seus haveres incontestáveis, para, no lugar em que eles viviam, ser fundada a nova Israel. Esse milhão de árabes foi distribuído entre várias nações da mesma origem e, nas mesmas, não vivem, mas vegetam, encurralados em regiões inóspitas, sem conforto, sem higiene, sem nada do que lhes pertencia e ignorando o destino que lhes será dado.

— Nada tenho contra os judeus — ouvi por mais de uma vez de gente árabe — mas não sei porque, para lhes darem um território autônomo, hei de ser o sacrificado, e comigo os de minha família. Tinha casa e terras, que perdi sem qualquer indenização. É muito bonito que os ocidentais procurem amparar os israelitas, mas não deveriam fazê-lo em detrimento de terceiros, que nada têm a ver com o caso e nem podem ser os prejudicados.

Claro que me lembrei do velho adágio: Não se deve descobrir um santo, para cobrir outro, etc., etc.

Por outro lado, proclamam os israelitas, já instalados em seus domínios:

— Aqui estamos porque para aqui nos mandaram e não tomamos de assalto, por conquista, nenhum pedaço de terra. Tudo foi estudado num alto concerto de nações civilizadas e, se então não surgiram protestos mais fortes, por que não de repontar agora? Bem se compreende que toda essa perseguição é fruto da nefasta obra moscovita... Sentem as costas quentes aqueles que nos importunam.

Em verdade, essa é a situação clara e precisa. O que virá depois, só Deus sabe. Nenhuma das partes quer a luta aberta, mas convenhamos que o rastilho está se aproximando da pólvora e que a explosão de um contacto maior pode ocasionar consequências muito mais calamitosas que as do terremoto libanês de março.

Tudo depende — disse-me ainda um prudente homem árabe — da capacidade de paciência de ambas as grandes facções ou de uma delas. Pois o mais leve descontrolo poderá ocasionar o conflito entre judeus e árabes-muçulmanos. Talvez até que os árabes apdem menos interessados na luta aberta, que os muçulmanos. Cristãos procuram harmonizar as coisas e vivem bem com o Ocidente, sem provocar dissídios com os comunistas. Muçulmanos mostram-se, por vezes, mais exaltados e menos transigentes. Israelitas contam abertamente com o auxílio bélico dos países além da cortina de ferro; ou do contrário não se atreveriam a assumir atitudes de desafio. Só o fazem, dizem-me os árabes, porque armas e munições não lhes faltam.

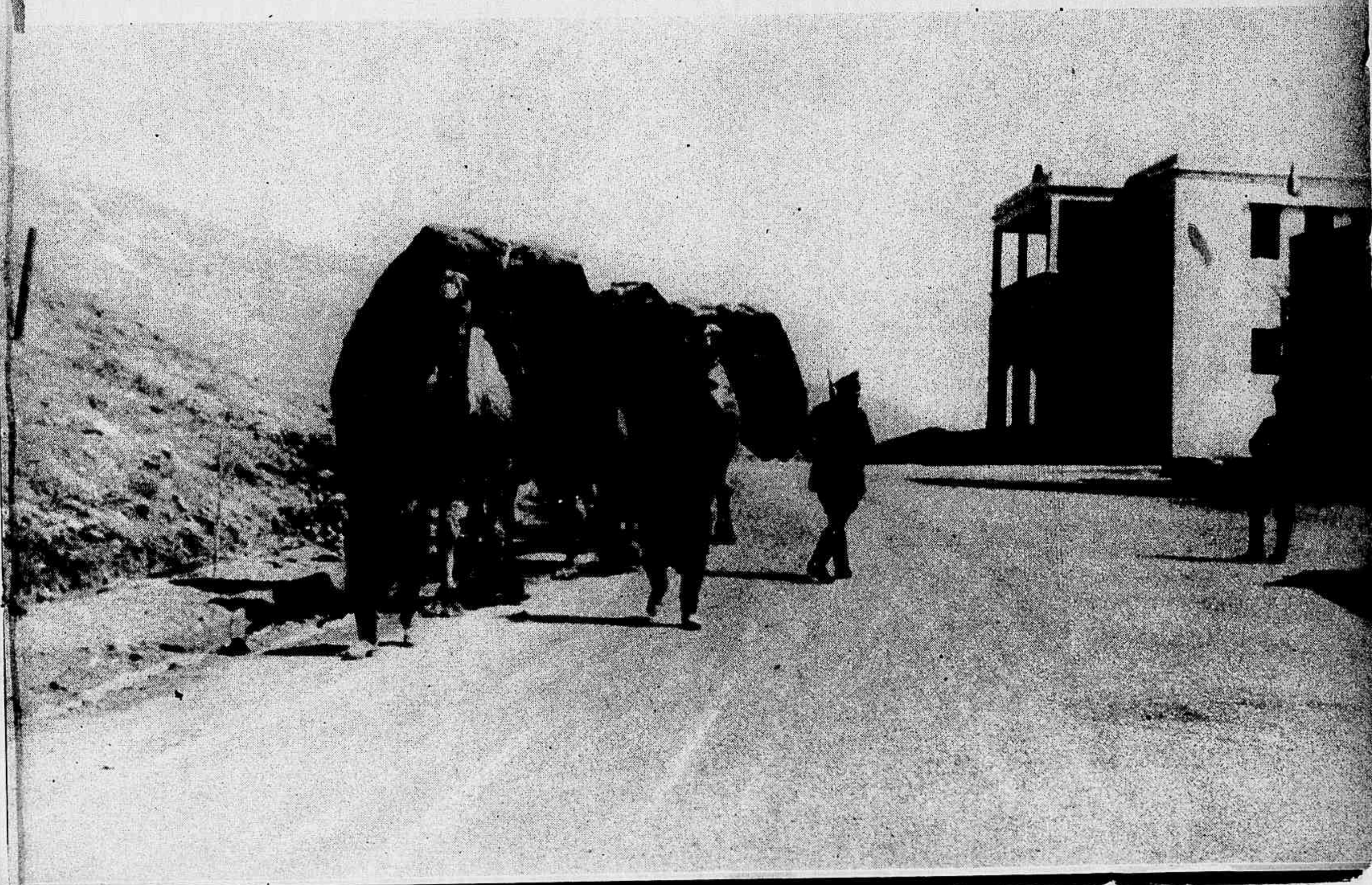
E de que modo são elas fornecidas? Pelos canais diplomáticos, oficiais, algumas vezes. De

Uma rua tradicional em Damasco, deixando ver o contraste das roupagens muçulmanas com os carros europeus, último tipo e por sinal muito baratos. As ruas são cobertas em extensão superior a dois quilômetros. Lá dentro, a confusão dos bazares, mercadinhos, pregões avulsos, de madrugada a madrugada.

outras, lançando mão de processos maliciosos, para não dizer manhosos. Contam-me que em alguns territórios é comum a aparição de tanques de guerra, abastecidos da melhor munição, numa curva de estrada, nas aproximações de um vilarejo qualquer. Descem os seus ocupantes, desaparecem por minutos ou horas, com o propósito de fazer uma refeição, e, quando voltam, tanques e munições desapareceram como por encanto. Claro que os soldados reclamam, fazem alarde, prometem voltar com autoridades mais altas para investigar o furto... mas não o fazem. E todo esse material vai se acumulando em mãos das populações locais... Não há, sequer, o mais leve compromisso de indenização ou pagamento a quem o fornece capciosamente.

Também se admite que essa provocação é feita, de parte dos israelitas, ou melhor, dos países soviéticos, na esperança de que americanos e ingleses não estejam dispostos a repetir a campanha da Coreia. E então tudo ficaria reduzido a um acontecimento de proporções menores. Mas bem pode acontecer que, em mercê da experiência coreana, os americanos venham, agora, com outro fôlego, e então pode a grande catástrofe ter este território como ponto de referência.

A verdade é que, para onde nos voltamos, estão presentes os adeptos de uma ou de outra grande corrente que hoje ameaça defrontar-se: a do Ocidente, com o reforço poderoso dos Estados Unidos, e a do Oriente, com o amparo decidido da Rússia.





POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

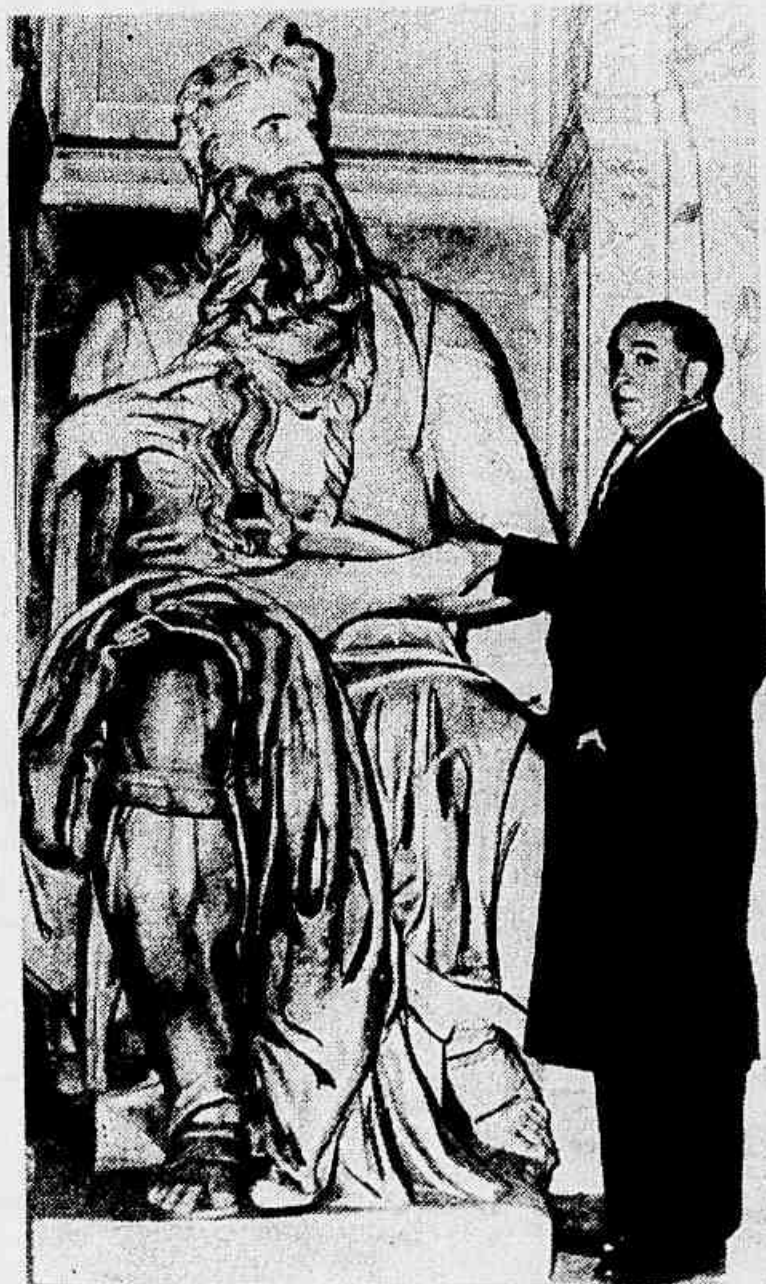


COMO SE FOSSE uma pirata, a cantora Peggy Lee apresentou-se há tempos em uma «boite», em Las Vegas. Isso, porque momentos antes, ao abaixar-se, ferira uma das vistas, cobrindo-a com uma vendagem branca.



HA OITENTA ANOS que esses dois estão casados. Chamam-se Pietro e Angela di Maio, têm 95 e 93 anos respectivamente. Angela faz uma restrição a Pietro: «Não consegui jamais que deixasse o vício de fumar».

NA ÚLTIMA peça de Noel Coward levada à cena pela televisão norte-americana, Claudette Colbert e Lauren Bacall desempenharam os papéis de duas alegres fantasmas. A peça chama-se «Espírito Alegre», e acima vemos a sua protagonista, Claudette Colbert, pouco antes de «abaixar» em cena.



QUANDO JUSCELINO andou pela Itália, fez questão de visitar a estátua de Moisés, por Michel Angelo. Ei-lo ao pé da mesma, segurando o profeta pelo braço, numa intimidade que leva o leitor à suposição de que também o nome do sisudo hebreu andou nas cogitações ministeriais do Presidente.



JONES. O PROFETA, é o chefe de uma curiosa seita norte-americana. Foi alvo, recentemente, de um atentado: um fanático atirou-lhe com um fuzil. Ei-lo, à esquerda, observando o projétil que um amigo lhe mostra.



ANITA EKBERG (ou «Iceberg», devido à sua aparente frieza) está em Marrocos, filmando com Michael Wilding. Seja pelo que for, o fato é que está «se derretendo» para os lados do marido de Elizabeth Taylor.

DOIS METROS e vinte, é quanto mede o gigante Ballard, contratado recentemente para fazer o papel de Alexandre, o Grande, num filme a ser rodado, nos Estados Unidos. Seu apelido agora é «Alexandre, o Enorme».



UM INSTITUTO de beleza de Paris lançou a moda, que os papus conhecem há vários séculos, de se pintarem flores sobre os rostos das elegantes. E, como sempre acontece, as meninas aderiram. As abelhas é que andam desconfiadas.

TODOS OS redatores, correspondentes e colaboradores do «Osservatore Romano», órgão oficial do Vaticano, posam para uma fotografia histórica, no alto da sede do periódico. Ao fundo, o palácio papal.





Frei Coutinho, ladeado pelo prof. Mascarenhas e um grupo de professoras da academia, procedendo a bênção.

A CONSAGRAÇÃO DE UM GÊNIO

**A INAUGURAÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTES MÁRIO MASCA-
RENHAS FOI O MAIOR ACONTECIMENTO ARTÍSTICO DOS ÚLTIMOS ANOS.**

SE o sr. Othon Gomes da Rocha não tivesse deixado tão cedo o convívio terreno, por certo exultaria de satisfação, agora, quando o seu filho atinge os píncaros de merecida glória no encantado paraíso da música. Ele, que foi o seu grande incentivador; ele, que foi o primeiro a sentir-lhe o pulsar de uma alma de verdadei-

ro artista; ele, que compreendeu os sonhos do filho e que jamais duvidou de que viessem a tornar-se realidade, como muito bem expressa nos versos do poema que lhe dedicou:

«Alma augusta num peito nobre,
Em que o brilho do caráter se descobre.
Seu belo e primoroso porte,

Revela ardor de homem forte.
Sonhas os sonhos de futuras glórias,
E a centelha que os anima te trará vitórias.
Deus que aos homens de vontade acode,
Por ti fará — pois tudo que pode.»

.....
Uma exaltação de pai cioso da inteligência e



A professora Marly Fernandes quando pronunciava a sua oração na solenidade inaugural, enaltecendo a obra maravilhosa do maestro Mário Mascarenhas, que, sensibilizado, não conteve as lágrimas.

da força de vontade do filho. Certo de sua capacidade criadora. Certo do seu gênio artístico.

Mas, com certeza, os sons maviosos que Mário Mascarenhas faz brotar dos seus instrumentos musicais, hão de chegar até lá, onde descansa o «velho», porque a música é divina e pertence a todo o Reino de Deus.

Mário Mascarenhas era ainda um garoto quando tocava violino no côro da igreja de sua cidade natal, Cataguazes, Minas Gerais. E, seu pendor pela arte era tal que ao invés de procurar uma outra diversão própria à infância, brincava sempre de «dar concertos», ou canto, para tanto improvisando palcos e auditórios.

O desaparecimento de seu pai, quando era ainda um jovem adolescente, fê-lo sair de casa à procura de emprego, com o qual pudesse manter-se e prosseguir nos estudos de música. Assim, foi ele operário de uma fábrica de caixas de papelão e, depois, telegrafista na estação da Central do Brasil, em Juiz de Fora. To-



O professor Mascarenhas agradecendo, comovido, as manifestações de carinho de que foi alvo, por ocasião das solenidades inaugurais da Academia de Arte.



Aprende-se a tocar violão, também, na Academia de Artes Mário Mascarenhas. Na foto, os professores Humberto Sampaio e Marly Fernandes arrancando do pinho uma bela melodia.



Durante os vários dias pelos quais se estenderam as solenidades da inauguração da nova academia, o amplo auditório foi pequeno para comportar a multidão que para lá se dirigia, em verdadeira romaria.

A CONSAGRAÇÃO DE

davia, Mário Mascarenhas não tem espírito acomodaticio. Tinha algo em mente, tinha a dominar-lhe os pensamentos a paixão pela música; tinha sonhos a realizar. Assim, em breve, estaria no Rio de Janeiro, tendo como bagagem sua sanfona de 4 baixos e algumas composições. Trabalhava e estudava com afinco e, um dia, com algum dinheiro, comprou o seu primeiro acordeon. Instrumento, na época, raro e pouco conhecido.

Era o seu primeiro passo na verdadeira cruzada artística que iria empreender, na difusão da música em todos os quadrantes brasileiros. Antes, porém, iria aos Estados Unidos, onde, depois de servir como marinheiro na armada yankee, se aperfeiçoou e se diplomou na famosa academia de Pietro Deiro, em Nova York. De volta ao Brasil foi que, após várias excursões pelos Estados e nalguns países fronteíros, sentiu chegado o momento de pôr em execução o sonho que acalentava desde há tanto tempo e que, com a experiência que adquirira, tomava corpo e surgia vitorioso: a fundação de uma academia, que tomou o seu nome.

Nela, pondo em prática os seus próprios métodos de ensino, que são o resultado de profundos estudos sobre o acordeon e a técnica de sua execução, em breve veria coroados os seus esforços com o pleno aproveitamento da primeira turma, toda ela habilitada ao magistério.

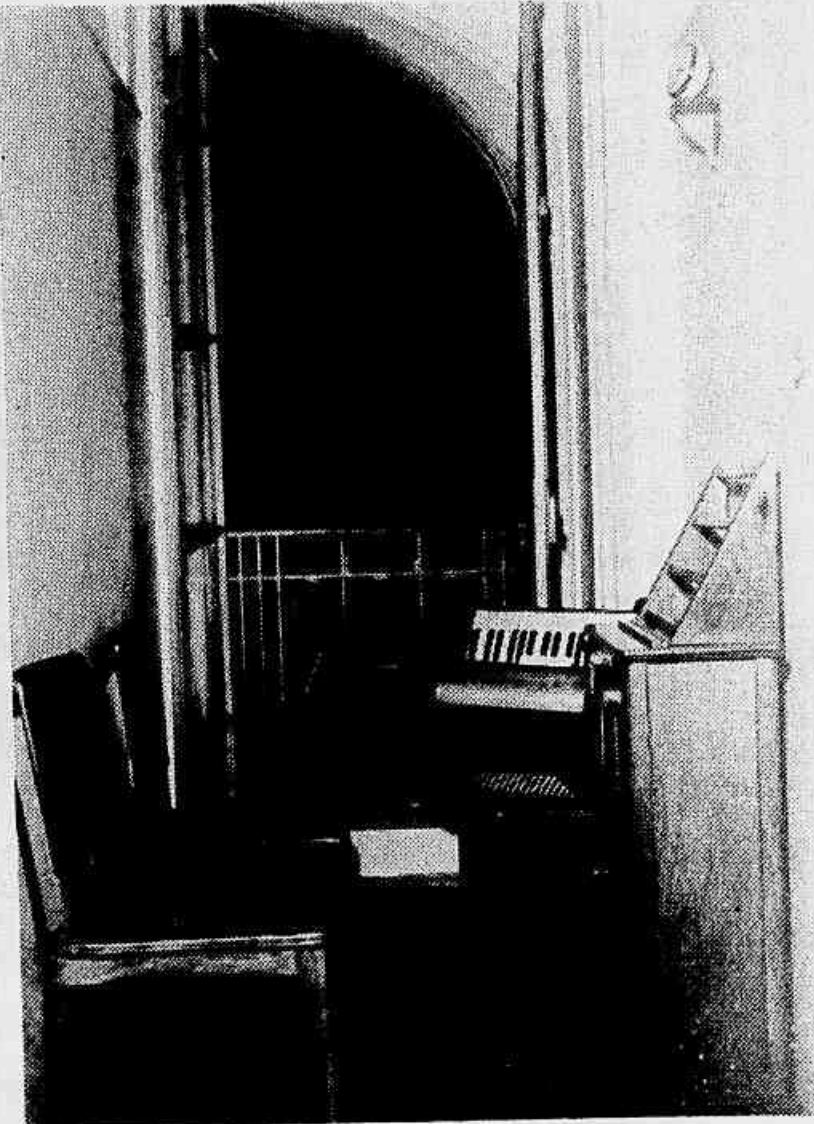
Em pouco, tornava-se famosa a academia e várias outras, seguindo os mesmos métodos foram brotando nas capitais estaduais e em várias cidades interioranas. Mário Mascarenhas tornava-se agora um nome conhecido e aplaudido em todo o Brasil.

Mas não ficaria Mário Mascarenhas por aí. Seus sucessos, que se multiplicavam, inclusive no rádio, na televisão e no cinema, sua fama enfim, não chegaram para fazer aquietar-se aquele espírito dinâmico, aquele cérebro cheio de idéias novas. Além do mais o crescendo número de alunos tornava já pequena a antiga academia. Assim, ele se pôs à luta para tornar realidade uma nova academia como há tanto

Mariza Mascarenhas, sobrinha do prof. Mário Mascarenhas, é a baterista da orquestra da academia. Ladeando-a vemos Dayse Hungria, Lúcia Rainho e Zilá Guimarães.



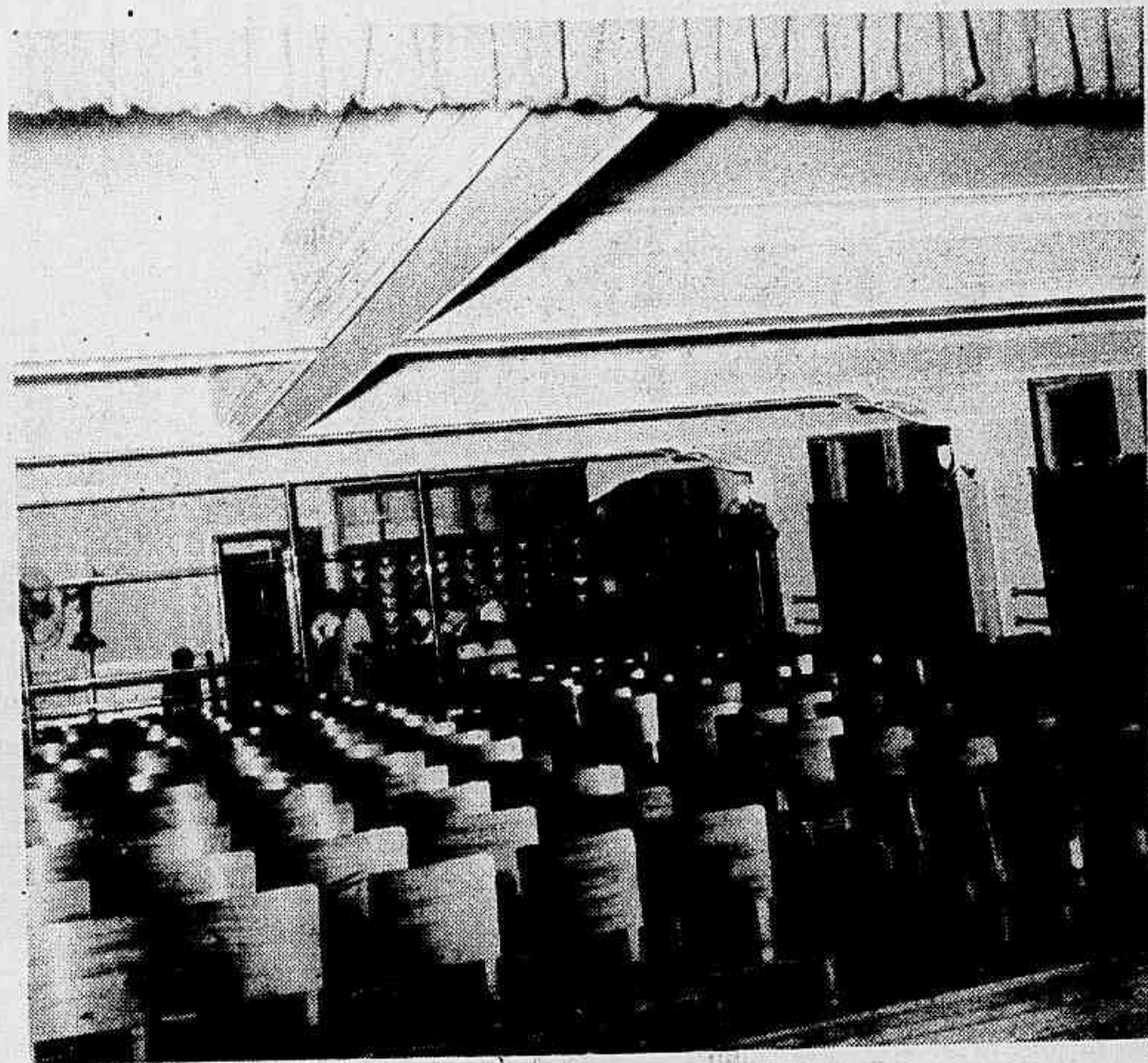
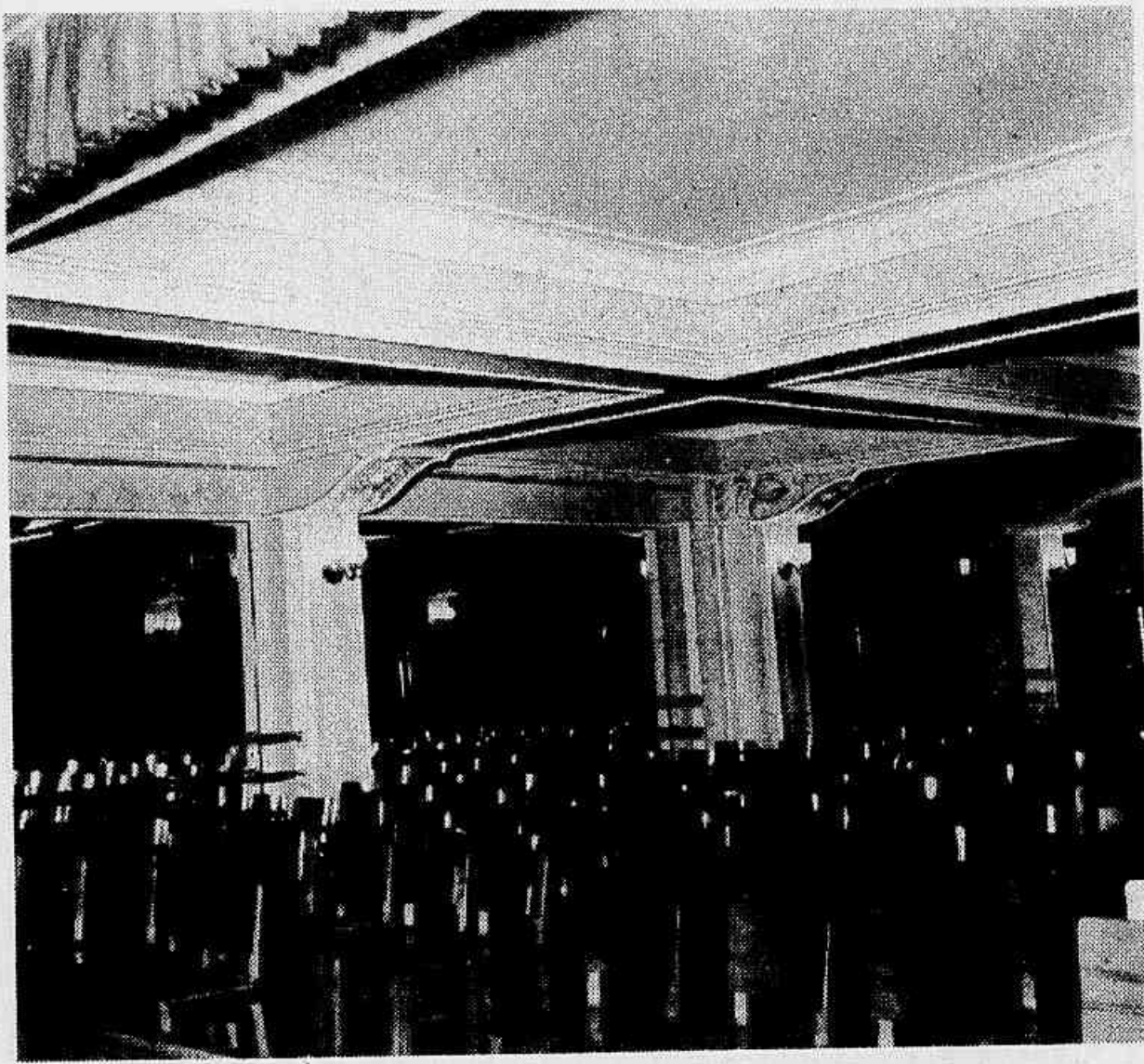
Mário Mascarenhas entre as duas fiscais do Serviço de Educação Musical da Prefeitura, professoras Edila Souza Aguiar Rocha e Maria Augusta Joppert, que executou lindo trecho ao piano



Uma das 30 salas de aula, todas com janelas para a rua e à prova de som, em relação umas às outras. As salas receberam nomes de músicos e compositores célebres.



Mário Mascarenhas percorre, acompanhado de Ivon Cury e Anabela, as instalações das salas de aula. Detêm-se na sala Chopin, uma das salas destinadas ao ensino do acordeon.



Aspecto do amplo e ricamente decorado auditório, com capacidade para 8.000 pessoas. À direita: Outro aspecto do auditório, vendo-se ao fundo a secretária.

vinha idealizando. Completa. Para acordeon, violino, piano e outros instrumentos, agora «ballet», canto e um amplo palco com auditório de grande capacidade para concertos. E, aí está, realmente notável, a obra de Mário Mascarenhas. Ocupa todo um andar num edifício na Cinelândia. Tudo feito a rigor, para o ensino da música, sendo as salas de aula (30 ao todo) à prova de som. E lá, na Academia Brasileira de Artes Mário Mascarenhas, com aquele incessante movimento de entra e sai de alunos sobra-

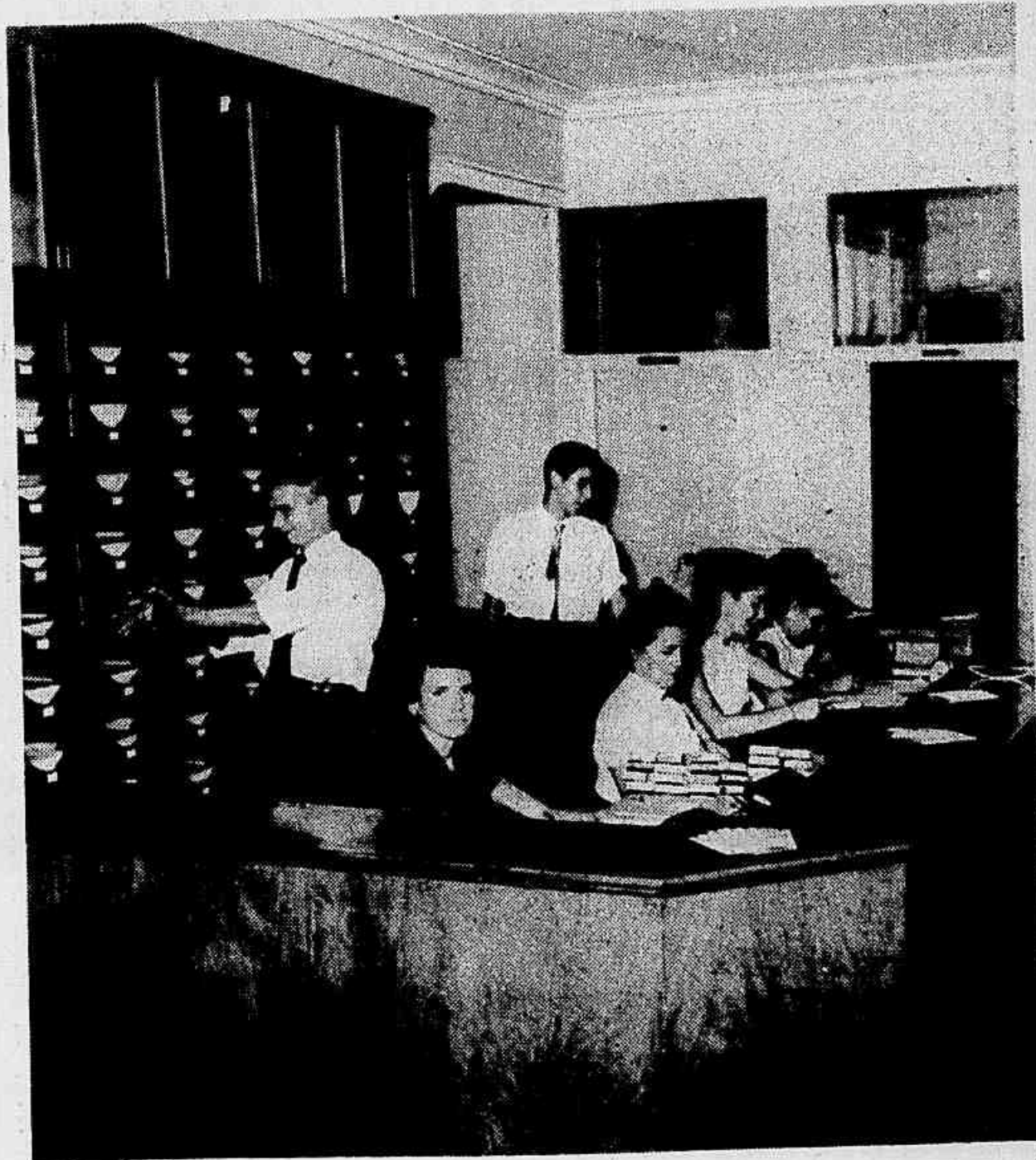
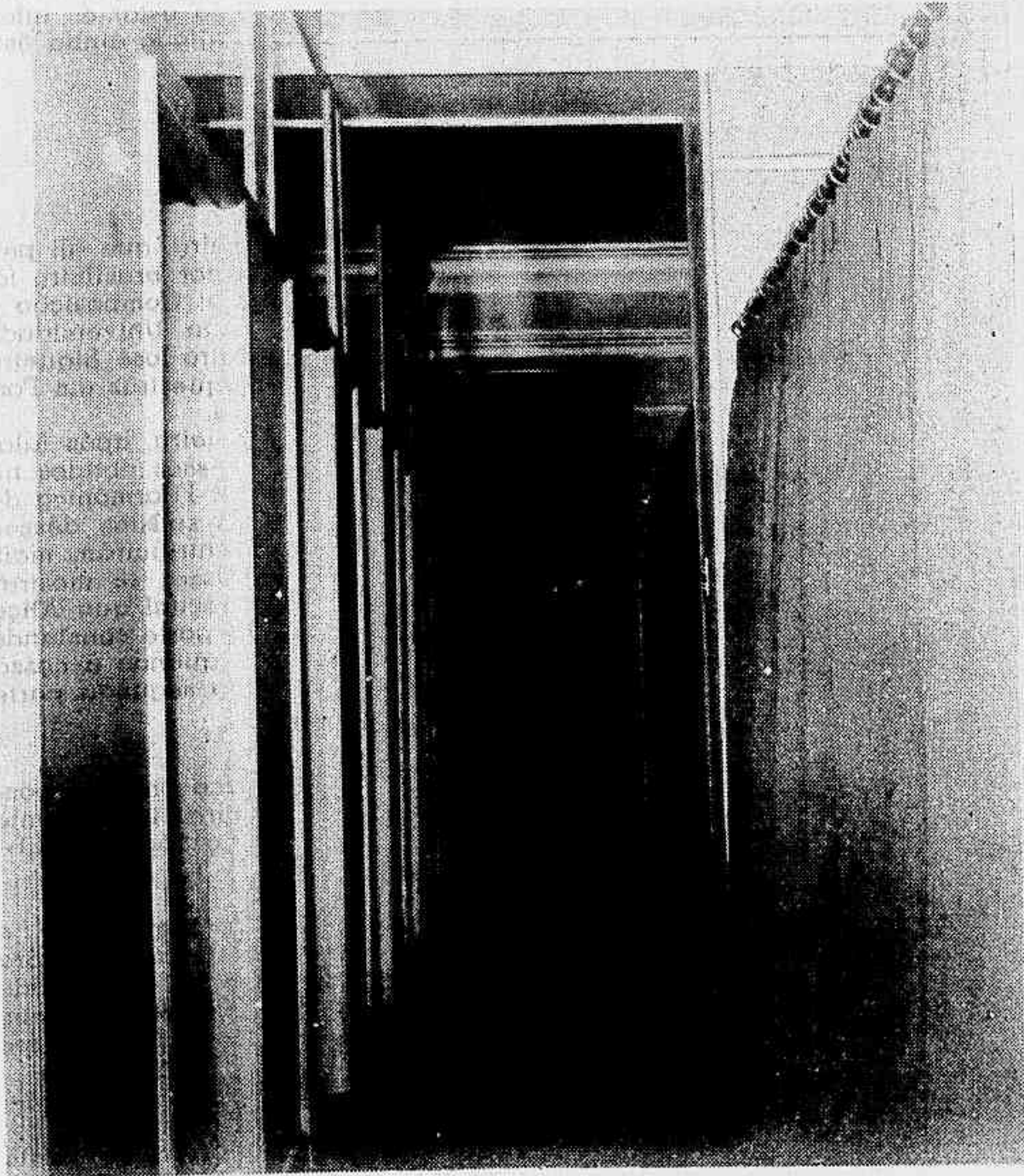
çando pastas e instrumentos, respira-se uma atmosfera de exaltação à música, à arte.

Muito tem trabalhado em prol da cultura da nossa gente. Mas, incansável, há-de prosseguir na sua vida criadora, oferecendo-nos, com o seu imensurável talento, outras obras que, sem dúvida, nos orgulharão e nos elevarão no conceito artístico universal.

E o sr. Othon Gomes da Rocha, nas alturas do seu repouso eterno, há-de, como nós, sentir-se orgulhoso de ver a consagração imortal do

gênio daquele de quem foi o primeiro incentivador, daquele a quem os pósteros renderão por certo, a homenagem da sua imensa gratidão pelo muito que fez através da sua arte, em benefício da música brasileira.

A inauguração da nova Academia de Arte foi o acontecimento artístico de maior relevo dos últimos tempos. Nestas páginas, aparecem alguns dos mais sugestivos aspectos colhidos pela objetiva da «Revista da Semana», por ocasião das recentes cerimônias inaugurais.



O longo corredor que dá acesso às 30 salas de aula, cada uma batizada com o nome de um grande vulto da música. À direita: A secretária em pleno funcionamento.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 895 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO LIDA

AZASO - EB-3

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

A LENDA DA NOITE



♦ O regente e compositor patriótico A. Martinez Grau, acaba de dar os últimos retoques na partitura do seu novo «ballet», que receberá o título de «Lenda da Noite», e cujo argumento, caracteristicamente ameríndio, resume-se no seguinte: A feiticeira Boiuna, mãe de Inah, que está noiva de Totonho (um barqueiro que se acha ausente), resolve enviar a este, um côco, no interior do qual se encontra encerrada a «Noite».

Sucede que dois outros barqueiros, amigos de Totonho, aportam ao lugar. E as duas mulheres aproveitam a oportunidade para pedir aos mesmos que sejam os portadores do côco. Advertem, porém, que se chegarem a escutar qualquer ruído estranho dentro do fruto, que se contenham e não ousem quebrá-lo a fim de averiguar o que há. Essa advertência, ao contrário, do que elas esperavam, não fez mais que despertar a curiosidade dos dois homens, que partiram, em seguida, com ares conspiratórios e loucos para desvendarem o mistério.

♦ Durante a viagem, os dois barqueiros não conseguem se furtar ao irresistível desejo de conhecer o segredo e quebram o côco, deixando, assim, sair do seu interior, a Noite. A partir deste instante, o mundo fica mergulhado em trevas. É quando Boiuna convoca os espíritos da floresta: Saci, Curupira, Ruda, Cuca, etc., figuras que realizam todo o desenvolvimento coreográfico do «ballet». Como se pode concluir, o enredo se baseia no folclore ameríndio, traduzindo toda sua força imaginativa. Mas, por outro lado, o compositor emprega na orquestração alguns instrumentos de origem africana, como a cuica, o agogô, o ganzá, o reco-reco, etc. É provável que esse processo híbrido — a união de efeitos negros e ameríndios numa mesma composição — possua algum valor de ordem experimental. É o que veremos, pois, segundo estamos informados, o «ballet» do maestro Martinez Grau será apresentado ainda este ano, por ocasião da Temporada do Teatro Municipal.

NOTICIÁRIO

Chegou recentemente da Europa, o maestro José Siqueira, que ali permaneceu durante quase três anos. O regente e compositor brasileiro foi ao Velho Mundo realizar dois cursos de aperfeiçoamento: Composição e Regência, no Conservatório de Paris, e Musicologia, na Universidade de Sorbonne. Além de suas atividades didáticas, o maestro José Siqueira empreendeu uma verdadeira «tournée», quando regeu orquestras em Portugal, Itália, Holanda, França, Polônia e União Soviética.

Em entrevista concedida à imprensa carioca, José Siqueira, após falar sobre a sua atuação em vários países, comenta os sucessos obtidos na Rússia, onde dirigiu três concertos, dois com a Orquestra Filarmônica de Moscou e um com a Orquestra da Rádio da URSS. Os solistas desses concertos foram Alice Ribeiro e Oscar Borgerth, que contribuíram mais ainda para o sucesso. Acrescenta o maestro que os russos se mostraram vivamente interessados pela nossa música. Cita o recital que Alice Ribeiro realizou no Conservatório de Moscou, a primeira parte constando de música espanhola e a segunda de música brasileira, quando a nossa famosa cantora viu-se forçada a bisar todas as peças da segunda parte do programa.

x x x

O professor Curt Lange pronunciou, no dia 21 de março próximo passado, no Auditório do Ministério da Educação e Cultura, interessante conferência sobre o tema «A Música em Minas Gerais no Século XVIII».

x x x

A Academia de Música Lourenço Fernandes iniciará, brevemente, o Curso de Orientação Pedagógica do Piano, ministrado pela professora Dulce de Saude. O programa compreenderá: Estudos de sonoridade e agilidade, função do pedal, noções de fisiologia e polifonia e seus problemas técnicos, interpretação, andamentos e estilos. As inscrições acham-se abertas na Secretaria da Academia.

x x x

Uma das mais auspiciosas notícias da Temporada de «Ballet» deste ano é, sem dúvida alguma, a «rentrée» do famoso coreógrafo Igor Schwezoff. Depois do grande sucesso obtido em 1948, quando dirigiu o Corpo de Baile do Teatro Municipal, é justo que o público carioca espere maiores rendimentos do nosso principal grupo coreográfico, em cuja direção já se encontra.

O MUNDO CORRE PARA OS PÓLOS (II)



OS VERDADEIROS senhores das regiões polares, perfeitamente à vontade na imensidade gelada, são os pinguins. O do primeiro plano, por exemplo, parece estar dando as boas vindas à tripulação do quebra-gêlo norte-americano que aparece ao fundo. A operação «Deepfreeze» está sendo feita.

DEZ NAÇÕES ESTÃO NO PÁREO

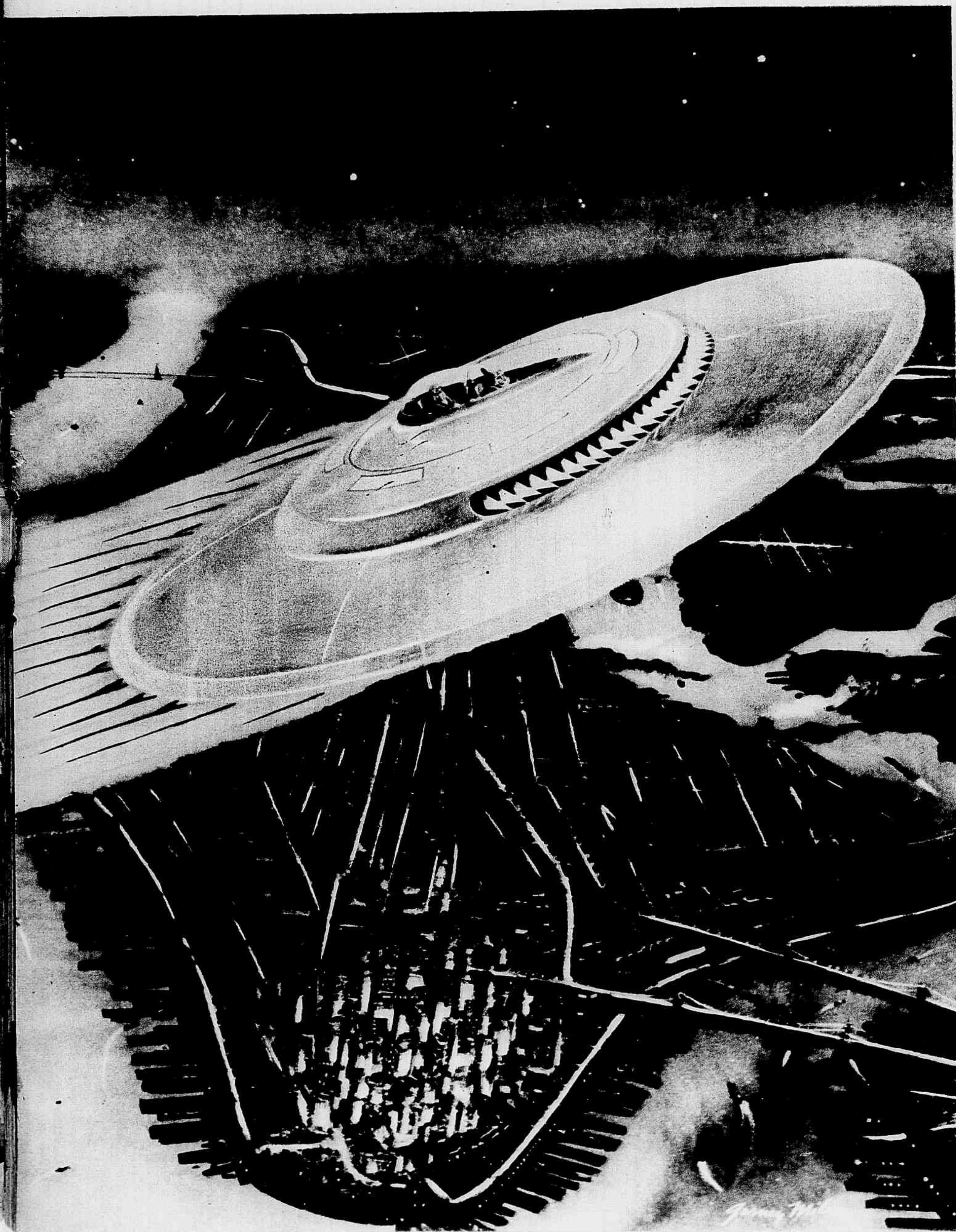
NOVOS METAIS SERÃO UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DE APARELHOS ULTRAMODERNOS. UM DISCO-VOADOR, "MADE IN USA", DESTINADO A FOTOGRAFAR A TERRA DE UMA ALTURA DE 60 K. PROGRESSO NO CAMPO DA PIROTÉCNICA. O "ZEPPELIN" ATÔMICO.

AS ATENÇÕES do mundo estão voltadas para o Pólo Sul. As regiões desertas e geladas dos Pólos, que sempre despertaram a curiosidade de homens audazes e valentes, atraem, em 1956, todos os olhares dos cientistas e dos meros interessados na aventura. Ali, onde o verão é assinalado pela «amena» temperatura de 20 abaixo de zero, e onde o inverno desce a 70 graus negativos, homens de dez países — França, Noruega, Estados Unidos, Argentina, Nova Zelândia, Inglaterra, Bélgica, Austrália, Japão e Rússia — buscam, desde o ano passado, determinar com precisão todas as condições mesológicas da região, bem como interrogar o céu sobre os mistérios quase insuperáveis que contém.

A «GRANDE GELADEIRA»

O Pólo Sul, que se costuma chamar de «A Maior Geladeira do Mundo», está situado em um território de 2 mil quilômetros de largura, coberto de uma espessa camada de gelo, de três metros de profundidade. É nessa «geladeira» que dois mil homens de dez diferentes nacionalidades, cada um cômico de seus deveres e responsabilidades, lutam sem cessar por conseguir determinar as condições climáticas, ao mesmo tempo em que experimentam novos engenhos e aparelhos, até então considerados mera fantasia de alguns cérebros privilegiados. Porém, a fantasia, nesses últimos tempos, vem cedendo lugar à realidade mais espantosa, e é

O SONHO DE TANTOS ANOS DESDE JÚLIO VERNE, HÁ DE TORNAR-SE REALIDADE ★ O ANO GEOFÍSICO INTERNACIONAL ULTRAPASSA TUDO QUANTO A IMAGINAÇÃO DO ESCRITOR FRANCÊS CONCEBEU



EM MODELOS semelhantes poderão atingir os demais

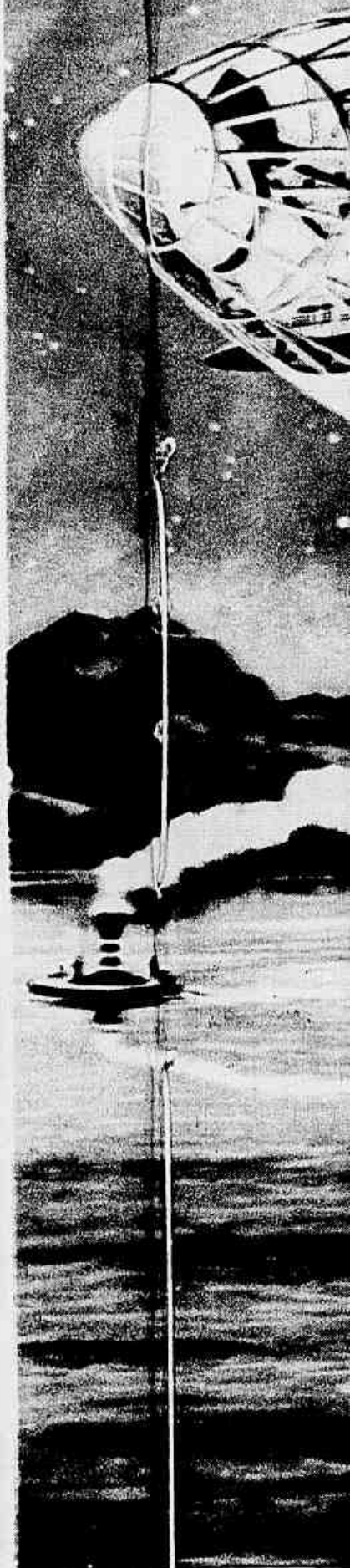
assim que os sonhos de transformação em verdade

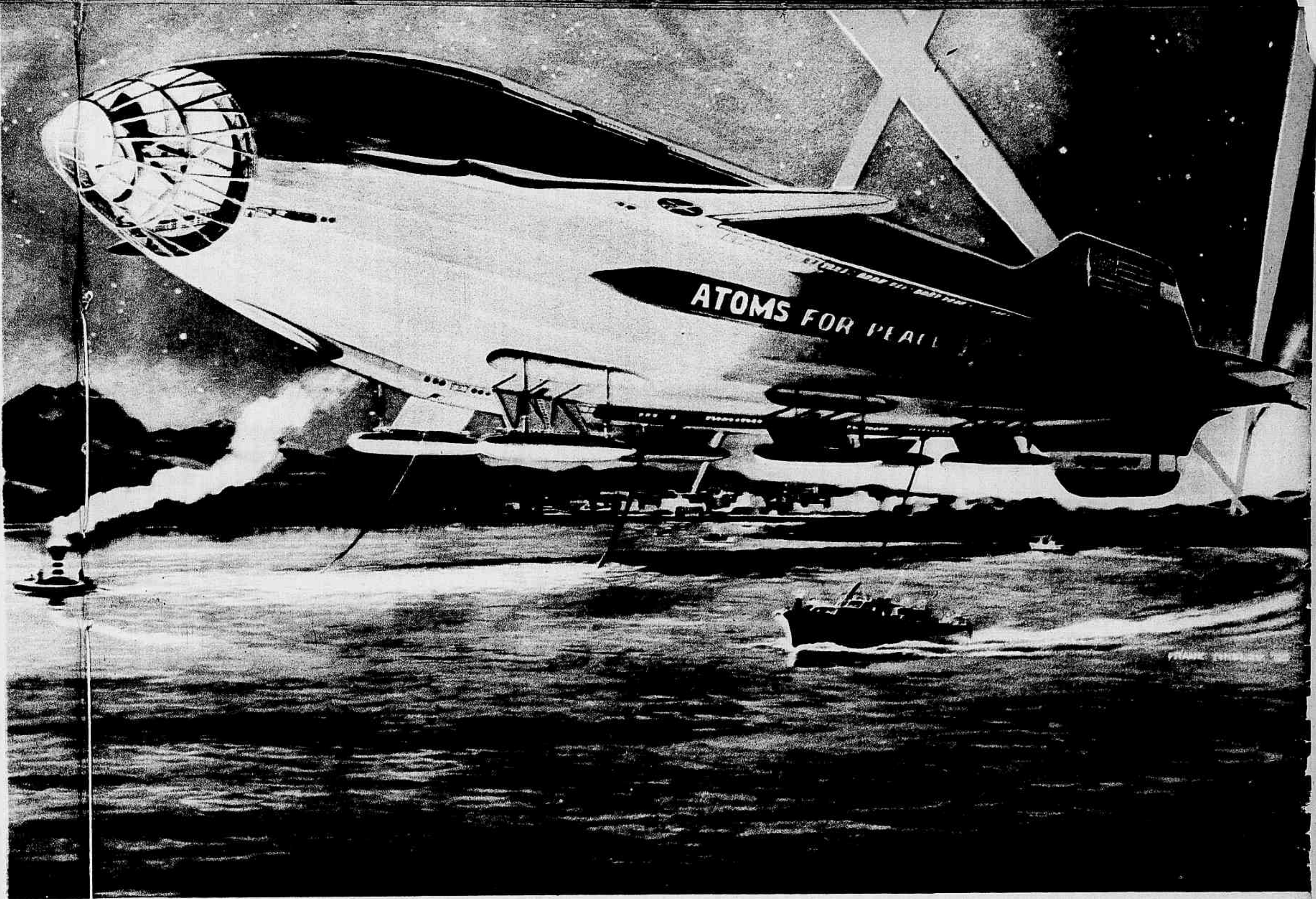
UM SÉRI

Os norte-americanos aparelhados povos que para o Pólo Sul. Os pr sobre os demais, dado Byrd, há tantos anos c na «Pequena América» técnicos necessários à das questões técnicas.

Um dos grandes prob os americanos até bem qual o mineral que p polar, e o impacto po férica. Todos os conheci por muito tempo quer exemplo: as ligas de o preencher perfeitamen início se pensava, de indispensável à incand atrito do ar. Não é pos de balões e de foguet qualquer outro aparelh

O que fazer, então? que fizeram os america chama-se simplesmente





EM MODELOS semelhantes aos dois que apresentamos nessas páginas, dentro de um prazo de tempo não muito superior a cinco anos, talvez mesmo antes, os homens poderão atingir os demais planetas do sistema solar — ao menos, os mais próximos da Terra. O da esquerda — numa composição de Miller — aparece a sobrevoar Nova York; quanto ao fato da foto acima, é um gigantesco dirigível, movido pela força dos átomos.

assim que os sonhos de Júlio Verne quase todos se transformaram em verdade cotidiana.

UM SÉRIO PROBLEMA

Os norte-americanos e os russos são os mais bem aparelhados povos que atualmente executam a corrida para o Pólo Sul. Os primeiros, que levam vantagem sobre os demais, dada a experiência do almirante Byrd, há tantos anos atrás, na região, encontram-se na «Pequena América» munidos de todos os requisitos técnicos necessários à elucidação das mais intrincadas questões técnicas.

Um dos grandes problemas com os quais lutavam os americanos até bem pouco tempo, era determinar qual o mineral que pudesse resistir à temperatura polar, e o impacto poderosíssimo da camada ionosférica. Todos os conhecidos até então não agüentavam por muito tempo quer uma, quer outra coisa. Por exemplo: as ligas de duralumínio e de bauxita não preenchem perfeitamente esses requisitos, como de início se pensava, de vez que fornecem o elemento indispensável à incandescência, e são maleáveis ao atrito do ar. Não é possível empregá-las na estrutura de balões e de foguetes, de discos voadores ou de qualquer outro aparelho.

O que fazer, então? Criar um novo metal. E foi o que fizeram os americanos. O metal recém-inventado chama-se simplesmente DR-2, e é uma mistura de

tungstênio e de meteorito. Aliás, esses dois elementos já tinham possibilitado a obtenção, na Alemanha, de 1941, do ferro S-9, empregado por Adolf Hitler em suas célebres Bombas-Voadoras.

O metal DR-2 é porém de difícil e caríssima obtenção, pois os meteoritos são raros, e a fusão dessa substância é um dos processos mais dispendiosos da química moderna. Por isso, poucas são as nações que o empregam, e essas mesmas, em curta escala, e apenas em alguns poucos experimentos. Um desses experimentos, ao que se informa, extra-oficialmente, é o «Disco Voador».

O «DISCO VOADOR», A VERDADE DO ANO GEOFÍSICO

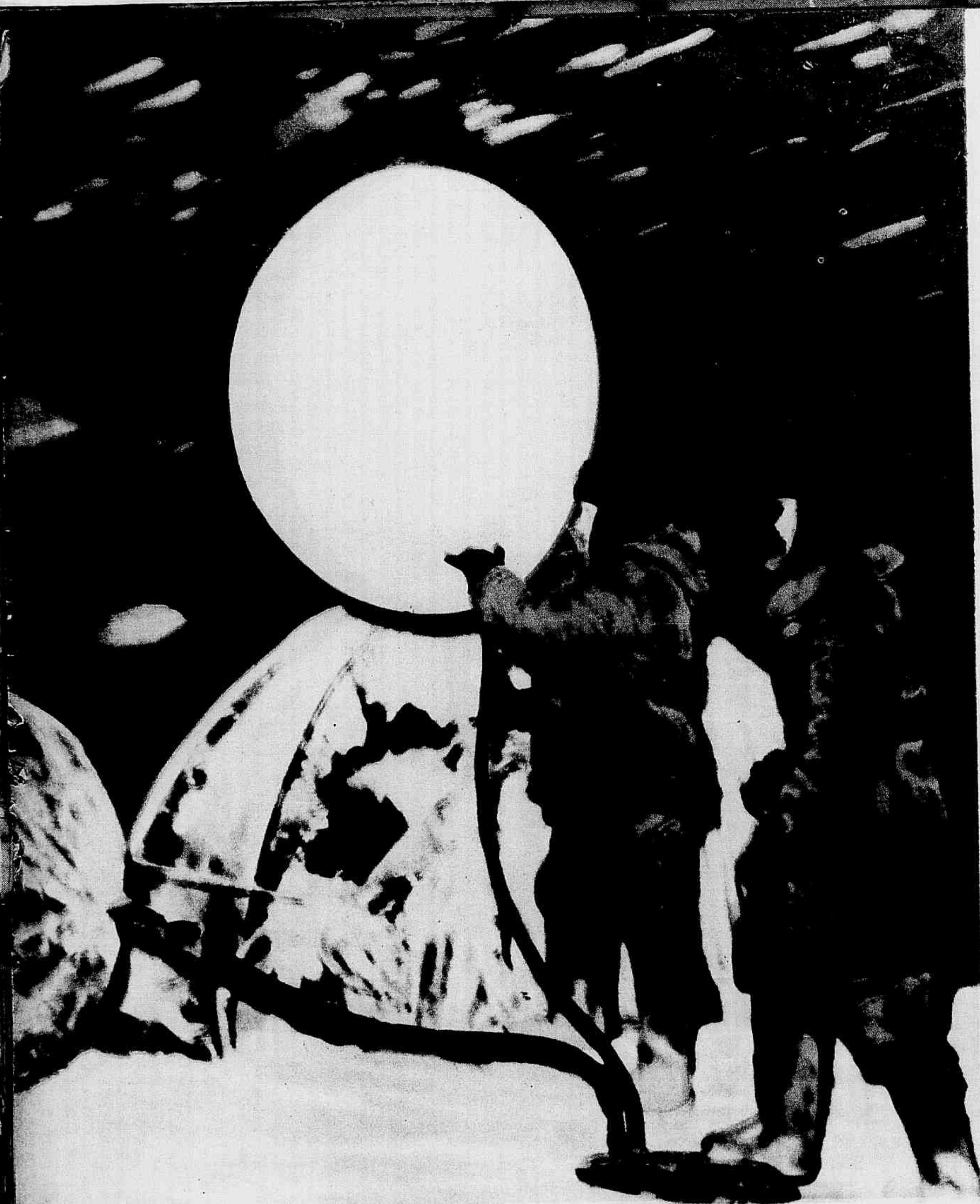
Tal como o ideou um desenhista norte-americano, e como apresentamos na presente reportagem, esse aparelho foi fabricado pela General Steel Inc. para as próximas experiências. Deixou de ser o «Disco Voador», o misterioso aparelho que vivia assolando num crescendo anacrônico, a mente de todos os povos da terra, chegando mesmo às raias da alucinação coletiva. O «Disco Voador» edição norte-americana, efetivamente não deve ser parecido com os vistos por aí, em formas as mais variadas, desde panela a charutos ou chapinhas de cerveja. Isso não sabemos ao certo, mas adianta-se que a versão é americana. O original, portanto, continua pertencendo não se sabe

a quem, possivelmente aos russos ou a Marte e Vênus. O fato é que agora existe um «disco» de Tio Sam, que voará como um prato e desenvolverá velocidades alucinantes (cerca de 2.000 quilômetros horários). Esse aparelho não levará piloto, embora já se chegasse a 1.860 quilômetros num jato, com piloto e tudo. Será munido de câmaras fotográficas e complicadíssimos aparelhos de medição atmosférica e densidade. Será lançado desde uma plataforma, localizada a 20 mil metros do solo, e terá um raio de ação de mais de 35 mil metros além dessa altitude, devendo ir, portanto, a 55 mil metros. Efetivamente, isso não dá para ir à Lua nem tampouco para se ver a face do sol, mas possibilitará fotografias bem mais detalhadas de Marte, e do nosso satélite, e determinará o formato perfeito da terra, com toda a camada que a recobre. Será o «Disco Voador» MADE IN USA, talvez, o melhor aparelho da próxima temporada.

OS FOGUETES DE JATO PROPULSAO

A luta pela superioridade pirotécnica, entre os EE. UU. e a Rússia, parece encontrar nesse importante setor do Ano Geofísico, o que de mais interessante se poderia esperar. Tudo o que se tem dito sobre poderio norte-americano e soviético no campo dos foguetes de propulsão, não encontra eco na verdade, pois todos sabemos, e nem poderia ser de outra forma, isso é assunto militar. Dizem observadores autorizados que

O MUNDO CORRE PARA OS PÓLOS



CIENTISTAS soviéticos dedicam-se, atualmente, com especial cuidado, às condições climáticas do Pólo Ártico. O balão destina-se a captar as temperaturas médias da região polar, no decorrer do presente ano.

os russos trazem em sua bagagem científica para o Ano Geofísico, importantes conquistas no campo dos foguetes tele-dirigidos, e que suplantarão os norte-americanos. Todavia, o Departamento de Defesa dos EE. UU. já anunciou, e isso toda a imprensa publicou, que os EE.UU. estavam aparelhados para repelir qualquer ataque de foguetes teleguiados, partissem de onde partissem. Ao mesmo tempo, a Secretaria do exército notificada dos progressos russos nesse campo aéreo, apressou-se em admitir que possuía arma secreta de tão alto poderio, que dizimaria cidades inteiras após subir a altitudes **incrivelmente fantásticas** (esse o termo) ultrapassando fronteiras e atingindo países do outro lado do globo terráqueo.

Como poderão sentir os nossos leitores, não se trata, exatamente, de distinguir qualidades técnicas de A, B e C, mas de provar e comprovar que o poderio militar moderno poderá suplantará as previsões de Salomão, quando afirmou que o «homem destruirá a própria terra». A promessa de se fazerem, conjuntamente, inspeções científicas e nada mais que isso, talvez contenha os antagonistas do leste e do oeste, num campo que ao invés de guerra, poderá nos dar, quem sabe, futuramente, um apartamento na Lua ou em Marte, para gozar o período de férias.

O almirante Richard Byrd, responsável pela fixação norte-americana

no Pólo Sul, disse na semana que passou, aos jornalistas de Washington, que a humanidade será mais feliz no dia em que a energia nuclear for aplicada em caráter efetivo nas experiências científicas.

O «ZEPPELIN» ATÔMICO

Também, nesta reportagem, damos em primeira mão, aos nossos leitores, uma visão do que será em futuro, que esperamos não esteja longe, os aviões inter-planetários, que irão à Lua e outros «recantos» do espaço sideral. Será movido por propulsão atômica, terá duas turbinas leves e uma permanente, de valor a 200 bombas atômicas iguais às lançadas em Hiroshima. Esse valor quantitativo não será aplicado de uma só vez. Terá duração continuada e se escapará durante o percurso da «viagem». Quando Oscar Lebeck, o famoso desenhista de história em quadrinhos, inventou nos EE.UU. a frase «Passageiros para a Lua, queiram tomar seus lugares», um brasileiro, completando, empregou o adágio de nossas companhias aéreas: ...«e boa viagem». Isso parece sonho ou conto da carochinha mas, não foi por acaso tido como louco Júlio Verne, quando preconizou o submarino, o «NAUTILUS», que hoje é atômico?

(Segue)

"Beguin" de dois bicos...

Fernando LÔBO

♦ Era o bar mais simpático desse Rio de Janeiro. Soprava do mar um vento bom nos dias quentes que essa coisa de refrigeração nem era lembrada. O velho Hotel Glória mantinha aquelas mesas, aquelas cadeiras sisudas, — bar muito inglês, — com um «escossês» que dá gosto e sem tirar do bolso o dinheiro da feira. Mas, foi preciso fazer progresso, foi preciso matar as coisas antigas para que novas nascessem. E veio o novo Hotel Glória, trazendo piscinas, paredes caiadas, cortinas mais claras, longe de toda a austeridade inglesa que sempre guardou. E no lugar do velho «bar» haveria de nascer uma «boite». Num instante tudo apareceu e o nome «Beguin» era o anúncio do que iria ser a futura casa noturna que acabou estreando e nos mostrando um corredor muito longo, com uma decoração de Wolko, um tanto séria, para não dizer bastante triste. Nasceu mais uma casa dentro da noite que pela força da novidade arrastou curiosos e nos deu noites magníficas. O serviço era do melhor e o de ouvir, de primeira qualidade. Depois as casas capengam por querer ou muitas vezes por não poder evitar. Uma temporada com Bernard Hilda, um sucesso; um anúncio trazendo Dany D'Auberson, outra maravilha; mas quando se tratava do barbudo existencialista ou de uma cantora de 100 anos em cada perna, quem é de seu dinheiro freia nas quatro carteiras e não aparece. Assim foi a vida do «Beguin» com altos e baixos até o dia em que Silveira Sampaio assumiu o comando da coisa e contra a vontade de Brandi fez uma série de «shows» magníficos, até esse «De Pedro a Pedro», que foi o mais fraco de todos. Silveira fez casa para o «Beguin» e futuramente para os seus donos. Mas agora Sampaio foi embora, não quer voltar e o «Beguin» nu de atrações, tem que se esconder por trás de suas portas fechadas. E o público aguarda os acontecimentos. Neste instante em que martelo estas linhas, sei de um jogo que está acontecendo. O «Beguin» convidou Haroldo Barbosa para redigir o próximo «show» daquela casa. Este levou o seu parceiro radiofônico Sérgio Pôrto e ambos concordaram em dar o pulso da direção a Paulo Soledade. Ao mesmo tempo, em que tudo isso ficava pedra e cal, sabia-se que Carlos Machado fechava negócio para montar ali por sua conta espetáculos noturnos. Por um lado Brandi fechava com Haroldo, Sérgio e Paulo. Por outro assinava num papel Eduardo Tapajós, com Machado. A verdade é que a «equipe» do Glória está jogando sem «chave» e nesses jogos individuais é preciso cuidado para não tomar o trabalho alheio que é tempo e todo mundo sabe que tempo é dinheiro.

MA GRIFFE

Lúcio Rangel é de todas as noites daquele bar de Copacabana. Não por causa do bar que nada tem de bom e, sim, mais e sempre por causa de Chuca-Chuca que é o pianista que Lúcio gosta de ouvir. Se o teclado for do «Michel's», ou do «Bacará», com os dedos de Chuca-Chuca, Lúcio está presente. Mas o dono do «Ma Griffe» não entende da coisa, nem da noite, nem do Lúcio e, com aquela conta na mão: «O sr. ontem esqueceu de pagar dois uísques». E Lúcio não vai mais lá. É preciso que Chuca-Chuca saia o mais depressa possível.

OSCAR VOANDO

Oscar, do Copacabana, a esta altura está em Nova York e adjacências à procura de atrações para o Copacabana Palace. Os jantares de verão na Pérgula já foram encerrados e o «Meia-Noite» deverá abrir no dia 5, com as atrações que Oscar pretende arranjar nos Estados Unidos.



STELINHA GIL

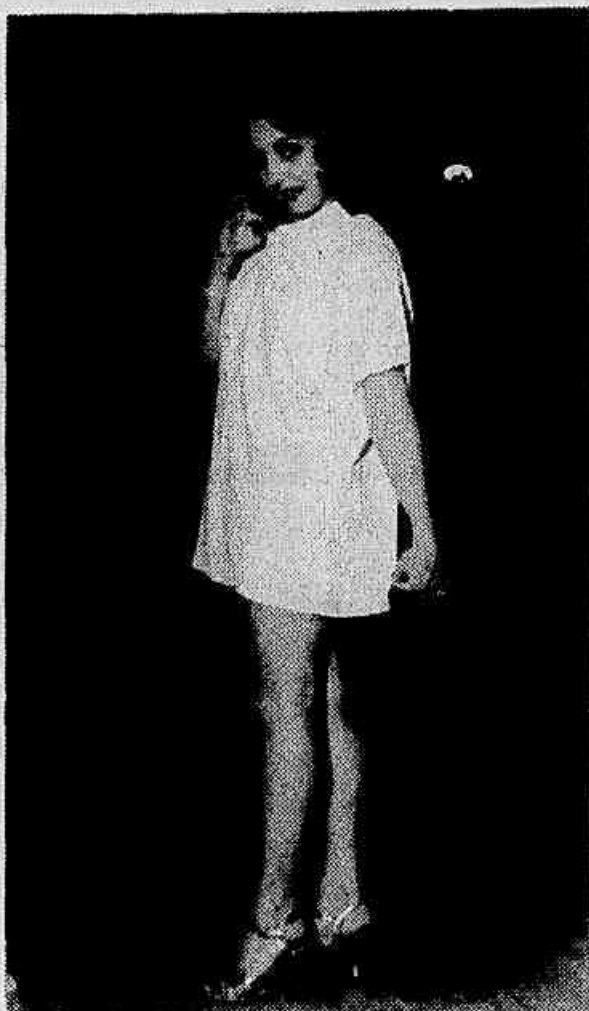
Naqueles tempos, que nós chamamos os «bons tempos» do Cassino da Urca, cantava uma moça bonita chamada Stela Gil. Cantava para dançar como cantavam também Emilinha Borba, Marlene, Heleninha Costa. Depois a Urca fechou as portas e o pano verde escureceu de poeira. Quem pôde se agarrar por aqui deu seu jeito. Stela Gil preferiu ir para longe e depois de posar em vários pontos parou no México, onde se encontra até hoje. Lá é artista de rádio, televisão e «boite», sendo também dona de muitos sucessos em gravações. A ela se deve muito a presença do «baião» e do samba em terra asteca.

A HISTÓRIA DA VIÚVA

Depois de «Banzo Aiê» — um «show» que fez realmente um grande sucesso, Machado já se prepara para montar novo espetáculo. Tenho informações de cadeira que o nome será «Uma Viúva Muito Alegre» — uma comédia musicada baseada na «Viúva Alegre», em ritmo moderno. Esta ideia, entretanto não é somente de Carlos Machado. Mas como o homem é de trabalhar muito, bem que pode ter esquecido que no caso de apresentar aquele espetáculo, há direito autoral a ser pago a quem de fato a imaginou e tem os documentos para provar! No tempo a «viúva» deveria ser Tônia Carrero, lembra-se Machado?

ROTEIRINHO

Fechadinho o «Casa Grande» — Abre o «Meia Noite» dia 5 — Ruth Amaral quase abrindo o seu bar em Copacabana — Helena de Lima dentro das noites do «Jirau» — Nada feito ainda sobre Silvio Caldas para o «Michel's» — César Siqueira e Norma Suely, no «La Ronde» — Roberto é a guitarra constante do «Michel's» — Podê-se comer bem no «Clube 36» — É preciso uma atração para o «Cangaceiro» — Rebolando muito dentro das noites do «Drink» a cantora Célia Vilela — Para ouvir Waldir Calmon é ali no «Arpège» — Sucesso da «Guarda Velha» no «Lord» de São Paulo — Luiz Bandeira e Mariza de férias do Copacabana Palace.



NOELIA NOEL... Vigariando agora no Japão...

Ajax

MAQUINAS PARA ESCRITORIOS LTDA.



AJAX, MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIOS LTDA.

VAI LIDERAR O COMÉRCIO DO RAMO



Na foto vê-se o sr. Alcides Hipólito dos Santos, diretor de AJAX, ladeado pelos srs. Waiter Guerra, outro diretor da firma, e dr. João Ursulo, deputado federal e presidente do Banco Aliança do Rio de Janeiro.

A Rua da Quitanda, no Rio de Janeiro, é tradicional; já existia nos tempos imperiais. E a loja AJAX, MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIOS LTDA., que constitui desde já um dos pontos altos do comércio carioca, tem a sua sede ali instalada. Dizer do significado de tão grande iniciativa, que é a inauguração de mais um estabelecimento comercial, basta considerarmos o objetivo dos seus responsáveis, pondo em relevo os planos de concorrência que serão postos em prática, o que virá beneficiar o próprio comércio e o grande público comprador.

Foi, pois, baseando-se nesse princípio que o sr. Alcides Hipólito dos Santos, homem de grande visão e profundo conhecedor da matéria comercial teve a iniciativa da instalação da AJAX, que vem agora equiparar-se às maiores e mais conhecidas casas do ramo em todo o país. A inauguração do modelar estabelecimento realizou-se recentemente, tendo participado das solenidades numerosas pessoas da sociedade, autoridades civis e eclesiásticas, jornalistas, etc.

A firma Ardec Limitada, localizada na Av. Al-

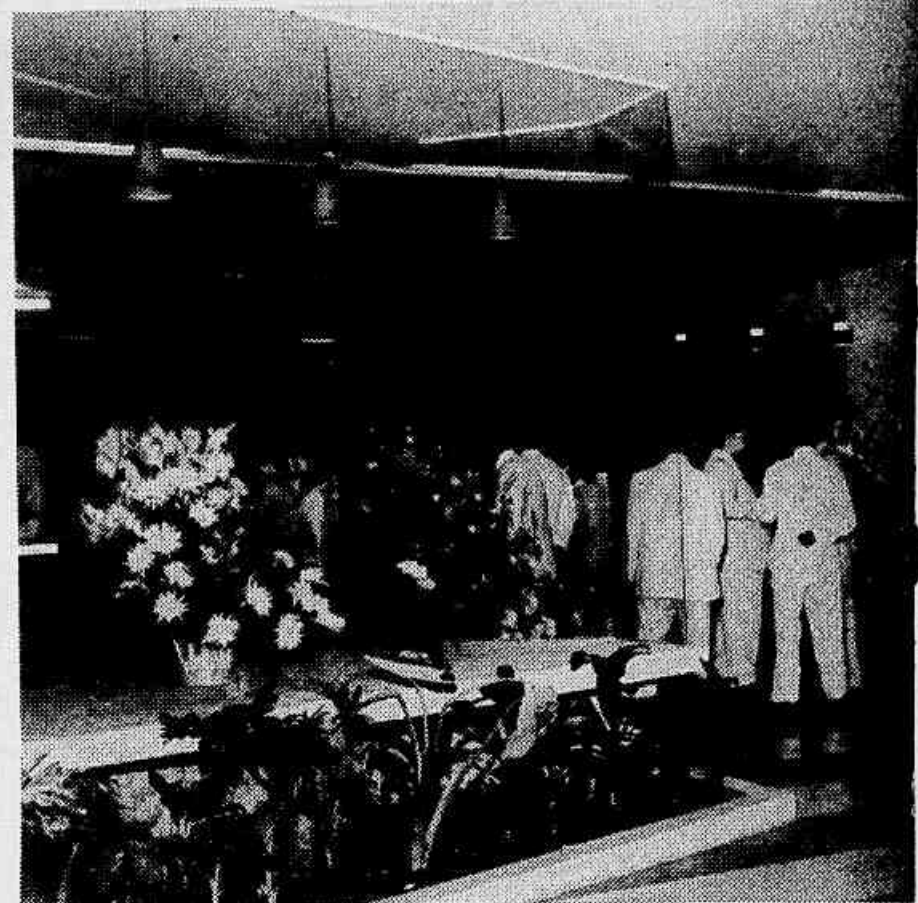


Neste flagrante destacam-se as figuras do chefe da novel organização, sr. Alcides Hipólito dos Santos, sua exma. esposa e filhinhos Lília Maria e Eduardo, ao lado de Frei Patrício.

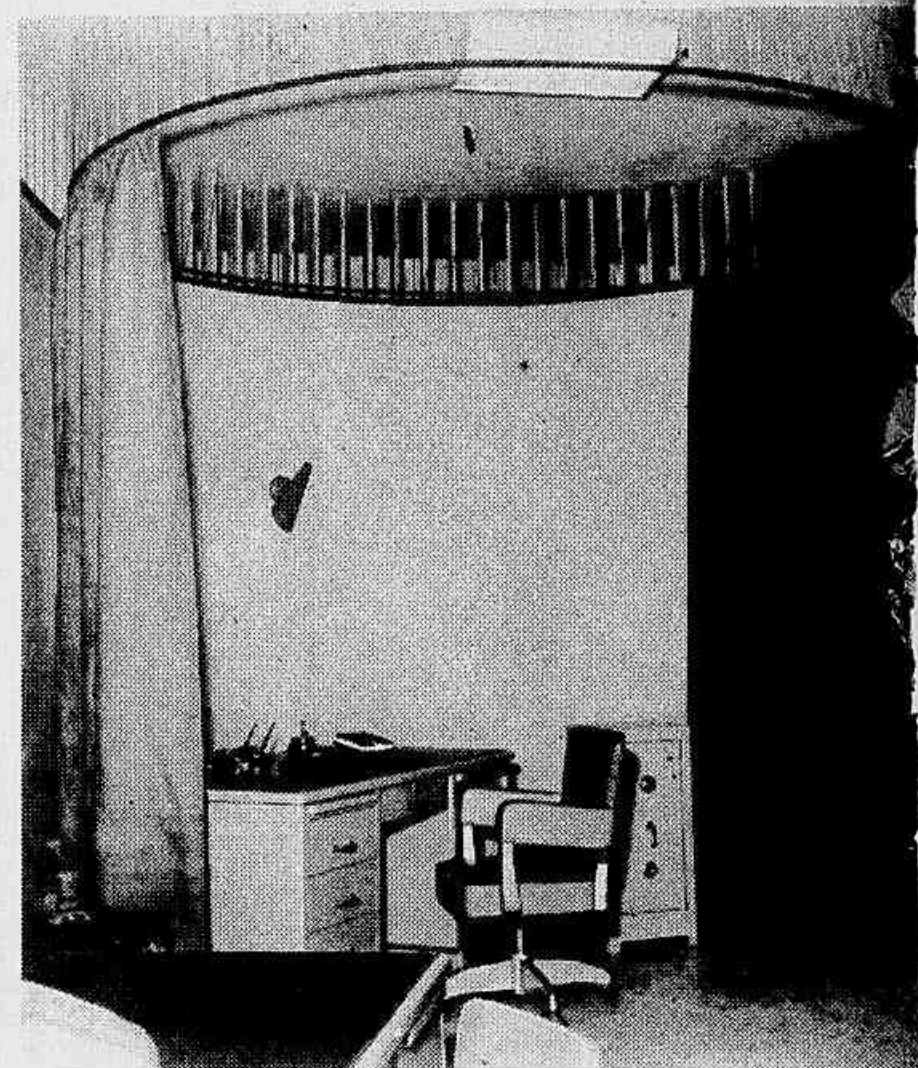
mirante Barroso, 6 — 5º andar, salas 509/11, sob a competente direção dos srs. Izrael Szajn-
brum, Cláudio Teixeira de Freitas, José Bar-
bosa Mello, Mozart C. Silva, foi a construtora

e decoradora da novel e elegante loja. Está as-
sim de parabéns o comércio do Distrito Federal,
contando a praça com mais uma luxuosa casa
distribuidora de artigos para escritórios.

As exposições no interior da loja são feitas com o maior bom gosto. Nesta fotografia aparecem
diversos móveis de aço para escritórios, formando um conjunto harmonioso e elegante. Em baixo,
grupo formado após a inauguração da moderna loja.



Vista parcial, interna, da loja, cujas instalações deixaram magnífica impressão no espírito de quantos compareceram às cerimônias inaugurais.



CINE-ROMANCE



GLENN GRIFFIN atemoriza seus «prisioneiros» com uma arma. Dan Hilliard, sua esposa e o filho do casal, nada podem fazer contra o bandido.

HORAS DE DESESPÊRO

O S três criminosos, chefiados por Glenn, em pouco tempo tomaram conta da casa dos Hilliard. Hal, sentado em uma banquetta, na cozinha, ouvia com atenção, pelo rádio portátil, as últimas notícias, que anunciavam justamente a sua fuga. Quando o locutor disse que a polícia já se encontrava no encalço dos fugitivos, instintivamente Hal olhou para a porta às suas costas... No andar superior, o brutamonte Kobish se esforçava por destruir, um a um, os brinquedos de Ralphie, espalhados pelo chão, no quarto dêse. Na sala de jantar, finalmente, Eleanor Hilliard era obrigada a assistir, sem poder fazer coisa alguma que o impedisse, à violação de tôdas as gavetas de sua casa, de onde Glenn ia retirando documentos, que atirava para todos os lados, em uma balbúrdia infernal. Glenn estava desapontado com o pouco dinheiro que encontrara até então. Subitamente, trazendo nas mãos a metralhadora de brinquedo de Ralphie, e imitando, com a boca, o ruído típico da arma, ao atirar. Penetrou, rindo animallescamente, na cozinha, de onde em breve voltou, mordendo um sanduíche imenso de carne. Eleanor o observava com horror e repugnância. Glenn, olhando para ela, exclamou: — Você tem certeza de que não está me escondendo nada, nessa casa — um revólverzinho, por exemplo? Permita-me que Kobish suba de novo ao primeiro andar, para procurar um pouco em suas gavetas. Ponha um revólver numa montanha de feno, e os dedos de Kobish o encontrarão em alguns segundos. E' verdade que a cabeça dêle não contém miolos, mas eu não quero que ninguém caia entre os seus dedos...

Como Eleanor nada dissesse, Glenn, franzindo o cenho, continuou:

— Bem, Kobish, pode começar.

— Espere! (gritou a mulher). Procure ao lado esquerdo, na mesinha de cabeceira! Por detrás das caixas de lápis!

Kobish, com um ruído característico, misto de riso e de ódio, subiu as escadas correndo. Glenn nesse ínterim chamou o irmão Hal, para que visse Eleanor juntamente com êle. Os dois

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ **TRES PERIGOSOS** meliantes, Glenn Griffin, seu irmão Hal e Kobish, fugiram da prisão estadual e se dirigiram para Indianópolis, onde reside o comissário Jesse Bard, com o qual Glenn possui velha dívida a saldar... Os bandidos tomaram a casa dos Hilliard, onde moram Dan Hilliard, sua esposa Eleanor, a filha Cindy, de 17 anos, e o caçula, Ralphie.

obrigaram a senhora a efetuar um telefonema interurbano: Atlantic, 6-338, Mr. James...

Lá encima, Kobish prosseguia suas aventuras. Hal também subiu, a fim de efetuar também diligências. Foi êle, afinal, quem encontrou o revólver. Depois, pôs-se a percorrer todos os aposentos, detendo-se particularmente no de Cindy, atraído pelas côres suaves das paredes. Havia qualquer coisa de infantil na maneira com que, por longos minutos, examinou o leito de Cindy.

Finalmente, lá em baixo, Eleanor conseguira a ligação. Passou o aparelho para Glenn, que, tomando-o nas mãos, começou a falar sôfregamente:

— E' você, querida? Não fale! Apenas ouça: venha para cá o quanto antes. Qualquer coisa, ligue para North Preston, 6459, está bem? Espere-a por volta da meia-noite.

x x x

Dan Hilliard voltava no seu carro, com a filha, para casa. Quando Cindy e Dan penetraram na alameda da garagem, Eleanor quase perdeu o controle, pela segunda vez. Os três homens, cada qual segurando na mão sua arma, esperavam nervosos... Lá fora, Cindy acabara de abrir a porta da garagem, e percebera o automóvel estranho dos bandidos, sem saber a que atribuir sua presença ali. Olhou para o pai, e, não compreendendo nenhum dos

dois a situação, dirigiram-se, lentamente, para a porta de casa. O terror de Eleanor aumentou! Ela estava sentada em uma cadeira, diante da porta, e Glenn apontava o cano de seu revólver para o coração de Eleanor, quando Cindy e Dan penetraram. Glenn gritou, ríspidamente:

— Fechem logo a porta e penetrem devagar! Cindy virou-se para o pai, aterrorizada, porém, Dan fez o que o bandido exigia.

— Eu estou bem, querido — gritou Eleanor.

Ralphie era agora o único que não chegara em casa.

Cindy, que voltava a si do choque inicial, olhou de alto a baixo os três bandidos, e disse-lhes ousadamente:

— Eu devia ter sentido o cheiro de vocês desde mais longe.

Dan também recuperara o sangue frio, e indagava agora de Glenn:

— O que estão vocês fazendo aqui? A polícia de cinco Estados está à sua procura.

— Contudo, não irão nos procurar aqui.

Estupefato, Dan perguntou:

— Mas por que escolheram essa casa, por que?

— Porque gostamos da fachada, ora! Uma casa típica, com uma aparência típica, devendo abrigar, é claro, uma família típica. Adoro crianças e flores, pode crer... Agora: se você tentar bancar o valente, pode crer que há de sair-se mal... Basta que um dos membros da família se afeste para chamar a polícia, para que os demais tenham morte nada agradável...

A indignação não permitiu que Dan dissesse mais que essas palavras:

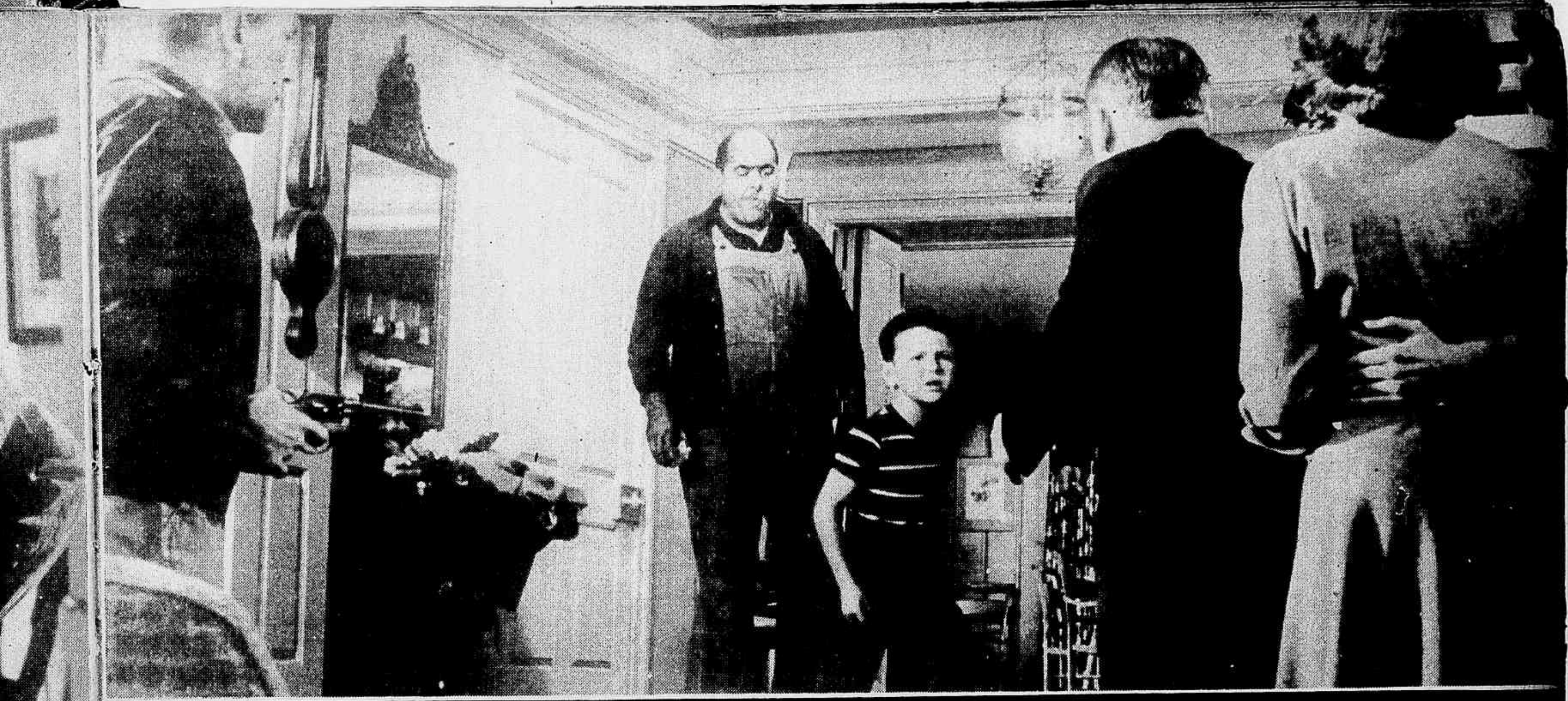
— Por quanto tempo? Por quanto tempo pretendem ficar aqui, seus patifes?

— Não se faça de tolo. Até meia-noite, talvez até antes.

Explicou depois que uma amiga do grupo viria para trazer dinheiro àquela hora. Se a polícia acaso os encontrasse na casa de Hilliard, palavra de honra que, antes de voltarem para a cadeia, a família inteira seria massacrada!...

Um grito de Kobish, postado no alto da escada, interrompera a arenga: o menino vinha voltando da rua!

Eleanor e Cindy se apavoraram. Dan escan-



RALPHIE penetra na casa tão distraidamente, que só depois percebe a estranha realidade: sua família estava prisioneira em sua própria casa!

carou a porta. Ralphie entrou tão rápido e des-
preocupadamente, que só depois de alguns se-
gundos reparou na arma para ele apontada
por Glenn. Primeiro ficou espantado, depois,
parecia não acreditar no que via. Tentou vol-
tar, encaminhando-se para a porta e tentando
abri-la. Foi quando Kobish apareceu, impedin-
do-o de atingir seu objetivo.

Dan explicou para o filho:

— Está tudo bem, Ralphie.

Glenn ajuntou, irônicamente:
— Você escutou o que seu pai disse, meni-
no... Porque voltou tão tarde?

— Não tenha que lhe dar satisfações, respon-
deu malcriadamente o garoto.

Eleanor rapidamente adiantou-se e envolveu
o filho.

Dan voltou a interpelar Glenn:

— Griffin, que tal se eu lhe arranjassem, ago-
ra mesmo, o tal dinheiro que está esperando
por volta da meia-noite?

Hal e Kobish apoiaram a idéia, com acenos
de cabeça.

— A idéia não é má, não — exclamou Kobish.

Glenn, fingindo não escutar o que Kobish
dissera, dirigiu-se a Dan:

— Rapaz, você pode ser o maioral no seu em-
prêgo, mas não acredito que possa dispor, agori-
nha, de 800 bilhetes...

Hal, com um gesto, pediu ao irmão que o
escutasse. Talvez aquela fosse uma boa opor-
tunidade de se esquivarem sem mais tardança
da cidade, antes que algo de desagradável
acontecesse. Glenn, porém, rejeitou a idéia. He-
len estava à sua espera.

Kobish grunhiu, de seu canto:

— Pode estar à sua espera, mas não à minha.
E não quero perder a liberdade, de novo, por
causa de ninguém. Eu...

— Cale-se! gritou Glenn.

O grandalhão silenciou.

Glenn, com ambas as mãos, o segurara pelo
pescoço, e esbravejava, furioso, enquanto apon-
tava para a rua:

— Patife! Ingrato! Quem o trouxe até aqui?
Quem organizou os planos de fuga? Achas aca-
so que teu cérebro imbecil conseguiria arquite-
tar uma fuga? Não vês que terias sido estraça-
lhado de balas? Mas se queres ir embora, vai,
de uma vez! E tu também, Hal, se desejais mor-
rer com esse paspalhão...

Como os dois titubeassem, Glenn continuou:

— Bem, se não desejais mais ir, podem conti-
nuar. Mas da próxima vez não consinto!

Kobish e Hal ouviram calados. Mais uma vez
se evidenciara o poder de Glenn sobre eles.

Porém, se Hal prestara pouca atenção nas

palavras rudes do irmão, foi porque quedara
embevecido a contemplar o rosto de Cindy,
que, por sua vez, uma única vez o olhara face
a face, e com desprezo.

Glenn mais uma vez levantou a voz, e foi
para dizer a Cindy que subisse para o primeiro
andar com o irmão, e que não o deixa-se sair
de casa em hipótese alguma. Notando os olha-
res de Hal, acrescentou:

— É uma belezinha, não?

Seu humor logo mudou, ao perguntar ao do-
no da casa:

— E você, diga logo: tem um revólver nessa
casa?

Dan mentiu:

— Não tenho armas em casa.

Glenn grunhiu de satisfação, ao pegar Dan
em flagrante mentira. Tirando do bolso a arma
apreendida, mostrou-a a Dan, exclamando:

(THE DESPERATE HOURS)

(CAPÍTULO II)

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Cuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Noveliza-
ção de GIULIO ANFUSO — Direção de WIL-
LIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

— E como explicar a presença disso aqui, seu
mentiroso.

Os olhos do maduro Dan Hilliard baixaram
envergonhados. Afinal de contas, um homem o
pegara numa inverdade. E, fôsse embora esse
homem um «gangster», um celerado, o fato cau-
sara a Dan uma impressão penosa e duradoura.

— E' para ver que mesmo os homens que se
dizem de bem, vez por outra, cometem também
falcacruzinhas, exclamou Glenn, em voz de
caçoador.

Eleanor acercara-se do marido, e buscava re-
confortá-lo.

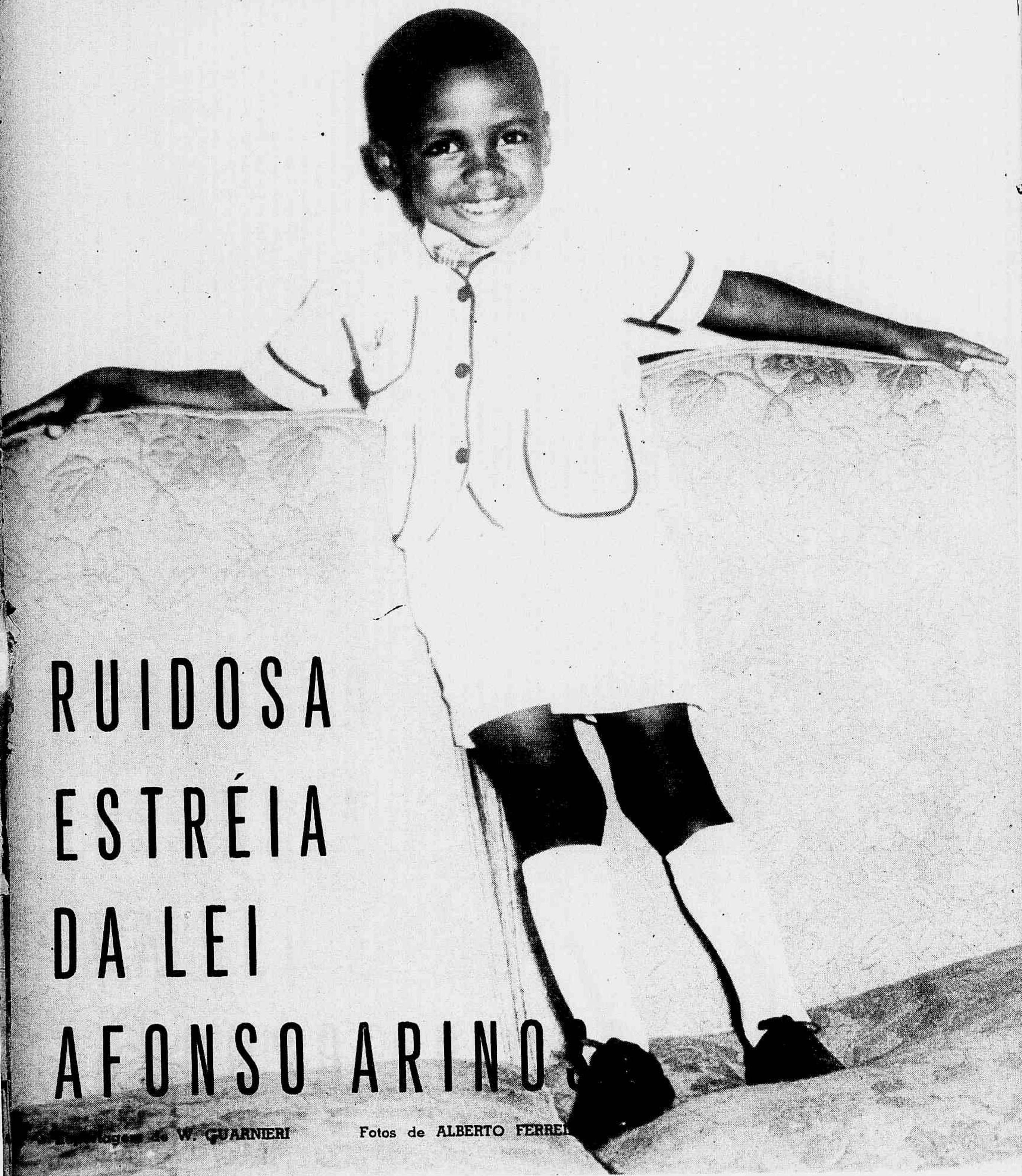
Enquanto isso, Cindy e Ralphie, lá em cima,
no segundo andar da espaçosa casa, pensavam
no que lhes tinha acontecido, àquele dia. Quan-
do saíram ambos de casa, é claro que cada um
numa direção, nada podia prever os abor-
recimentos que mais tarde ali se desenrolariam.
O sol, lá fora, brilhava. As crianças da vizi-
nhança seguiam para a escola, tal como o
próprio Ralphie. E as moças da idade de Cin-
dy, partiam para o trabalho, após as intermi-
náveis miradas para o espelho do quarto. Dan
Hilliard tirara o carro da garagem, sua mão es-
tava calma, não tremia, como agora, ante a
ameaça de um revólver assassino. E tinham par-
tido confiantes, seguros de que, ao voltar, Elea-
nor já teria preparado o jantar, depois de, por
alguns tempos, ter arrumado a casa.

Agora, porém, tudo corria diferente. Estavam
prisioneiros em sua própria residência. Os ban-
didos dela se tinham apoderado como se ali
tivessem morado havia séculos, como se não
mais desejassem abandoná-la. O que seria de
todos eles, se os três mal encarados furtivos
da prisão estadual resolvessem que passariam
ainda muitos dias acobertados pelas paredes
brancas da casa dos Hilliard? Ou se, subita-
mente encolerizados com alguma coisa, tentas-
sem vingar-se deles, massacrando-os brutal-
mente, tal como aparece nos filmes e em al-
gumas histórias dessas de revista?

Em tudo isso pensava Cindy e Ralphie, lá
de cima, ao ouvirem o riso sardônico de Glenn,
e as palavras aflitas de seus pais acuados na
sua própria sala de visitas. Mas, como não pu-
dessem fazer nada, absolutamente nada, para
minorar a dramaticidade da situação, ou mes-
mo para mudar, um pouco que fôsse, a face do
acontecimento, ambos puseram-se a rezar, fer-
vorosamente, à espera de um milagre qualquer
que lhes viesse tirar daquela situação penosa
e constrangedora.

(Cont. no próximo número)

REVISTA DA SEMANA — 22



RUIDOSA ESTRÉIA DA LEI AFONSO ARINOS

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de ALBERTO FERREIRA

● A estréia da Lei Afonso Arinos, com a primeira sentença lavrada pelo Juiz Irineo Joffly condenando os diretores do Jardim de Infância "The Happy School Brasil-Canadá" à pena

máxima por motivos de discriminação racial, além da enorme repercussão alcançada, despertou grande interesse pela extrema severidade com que foi aplicada a referida lei.

"LIDA A SENTENÇA, ARREPENDI-ME DO QUE FIZ..."

"Mas, era preciso um corretivo para que se acabe para sempre o preconceito racial em nossa terra" — afirma o responsável pelo menor Fernando ★ "Os homens, nascemos iguais — diz muito bem Ruy Barbosa" ★ Não sabia da existência da Lei Afonso Arinos, mas foi alertado por um amigo ★ Como começou a "Onda"... ★ Fernandinho e os pais verdadeiros ★ Respondendo às acusações que lhe fazem com trechos da sentença do juiz Joffly

O apartamento do sr. Felício dos Santos, se situa em um prédio numa rua próxima à escola. A primeira chamada da campainha, sentimos o «ôlho mágico» em funcionamento. Momentos de espera e logo após a porta se abre. Só pode ser Fernando. Cabelo cortado a cadete, terninho branco, sapatos de verniz e gravatinha borboleta azul listrada. Sorri, pendurando-se na maçaneta da porta.

O salão é amplo e confortável, móveis de estilo, estatuetas, quadros, tapetes e, de frente, uma ótima varanda com móveis típicos, televisão, rádio. Muito conforto.

Dentre os vários objetos de adorno, uma original estatueta representativa da «Mãe-Preta», carregando o filho às costas, e um enorme quadro a óleo de bela figura feminina do tipo mulato, em vivas cores.

Surge o sr. Felício dos Santos. Risonho, mangas de camisa e gravata com pregador de ouro.

— Ah! Estou à sua inteira disposição... O senhor já conhecia o Fernandinho?

Nós não o conhecíamos, e as apresentações foram feitas. Mas, o guri não queria saber de muita conversa, preferiu interessar-se pela máquina fotográfica e pelo «flash» do nosso fotógrafo.

Sentamo-nos junto a uma mesa de vidro, na varanda espaçosa. O sr. Felício, nós e Fernandinho, também.

O FATO, SEGUNDO O ACUSADOR

Depois de externar sua opinião sobre a «magnífica sentença proferida pelo juiz Irineo Joffly, que é sem dúvida uma das expressões de cultura das letras jurídicas», passa a nos relatar o fato:

— Atraído pelos sugestivos anúncios da «Happy School» decidi matricular Fernandinho naquela escola, uma vez que na outra onde se achava, em virtude das férias de fim de ano, as aulas iriam terminar dentro em breve. Isso foi no dia 8 de dezembro, pela manhã. Recebi-

do pela Diretora, ajustei as condições e fiquei de mais tarde efetuar o respectivo pagamento, o que determinei por intermédio da própria mãe de Fernando.

Fiz-lhes algumas recomendações com relação ao menino e voltei à escola na segunda-feira seguinte já em companhia de Fernando.

Inteligente e culto, o sr. Felício dos Santos fala pausadamente, com muita segurança.

Nessa altura, Fernandinho interrompe a palestra:

— Tiô, eu também quero escrever...

— Não. Quem vai escrever é o moço ali... E faz um gesto acariciando a cabeça do pequeno.

Sorri para nós, e com amabilidade prossegue:

— Só voltei a ter contacto com D. Sílvia no dia em que recibi a sua telefonema, dizendo-me que Fernandinho não mais poderia continuar na escola em face das reclamações de diversos pais de alunos. E me pedia que eu fôsse até a secretaria para conversarmos a respeito do assunto.

— Tiô... eu quero escrever, também...

É Fernandinho quem reclama, mais uma vez.

O sr. Felício pede desculpas. Levanta-se vai ao outro aposento e de lá retorna, trazendo um copo de matéria plástica azul, com inúmeros lápis de cor. Traz também uma enorme folha de papel toda rabiscada de garatujas e coloca na frente de Fernandinho.

— Pronto.

E volta a sorrir simpaticamente para nós. Senta-se novamente e desaloga um pouco o colarinho. Arqueia a sobancelha para nós e procura retomar o fio da meada.

— Ah, sim. Pois bem, qual não foi minha surpresa, porém, quando recebi aquela telefonema de D. Sílvia. Incontinenti me dirigi ao colégio.

ORIENTAÇÃO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

Exames Psicológicos

Ofélia Boisson Cardoso

NOME: Fernando Dias

DATA DO NASCIMENTO: 18-6-1956 (IC-3:9)

DATA DOS EXAMES: 8 de março de 1956.

I. SOLICITAÇÃO: Exames psicológicos completos.

II. TESTES

a) Inteligência — Escala de Merrill-Terman

b) Afetividade — Children's Apperception Test (CAT)

c) Temperamento — Desenhos Espontâneos e Reações a estímulos vários.

III. ATITUDE GERAL: A princípio, um tanto tímido e inibido; é um tipo cerebrotônico (escala de Sheldon), reagindo de acordo com sua forma constitucional. Ao fim de 5 minutos, perfeitamente à vontade, ficando sozinho com a examinadora e reagindo, sempre, de maneira positiva a todas as solicitações.

IV. RESULTADOS: Criança perfeitamente normal com as reações de acordo com a sua idade e biotipo. Bom nível de inteligência: QI 1.02. Coordenação visual e auditivo motora ao nível do seu desenvolvimento amniótico-fisiológico.

Rio de Janeiro, 8 de março de 1956.

a) OFÉLIA BOISSON CARDOSO



Flagrante feito no sofá da sala principal do apartamento onde reside o sr. Felício dos Santos com Fernandinho, que está entre seus pais, Teresa Dias e Pedro Dias, este em visita ao filho. A direita: Atento às solicitações do menor, o sr. Felício dedica um tempo precioso ao afilhado. O guri ainda não lê, mas o padrinho diz que o seu quociente de inteligência é 1.02 superior, à sua idade.

«Ainda me lembro bem. De um lado da secretária sentava-se D. Sílvia e doutro o marido, Johannes Pedrus Van não sei o quê...

O sr. Felício faz um ar de ironia e confessa à socapa — ele é «carioca», conforme disse... e ri com satisfação.

— D. Sílvia me disse textualmente que Fernandinho não mais poderia continuar como aluno da «Happy School» pois havia um certo mal-estar entre os pais dos outros meninos e que ela não poderia mais consentir na presença de um menino de cor, pois os referidos pais ameaçaram de retirar seus filhos, caso Fernandinho ali continuasse como aluno.

O sr. Felício abre os braços, numa expressão de surpresa.

— De um relance compreendi tudo. Era por causa da cor de Fernando. Aí não mais pude me controlar. Exaltei-me, confesso. Mas, o que mais me irritou foi a frase dita em inglês por D. Sílvia — que eu compreendi perfeitamente — pedindo a uma outra professora que chamasse a Rádio Patrulha. Verberei-lhe o triste procedimento. Verberei-lhe o racismo injustificável para uma instituição de ensino e disse que me retiraria uma vez que meu dinheiro fôsse devolvido, como de direito.

A Rádio Patrulha chegou e o incidente encerrou-se por ali mesmo.

Aliás, enquanto aguardava as autoridades, arrependi-me do tremendo «show» de que estava participando, pois juntou muita gente e eu fiquei ali, no jardim, sem poder sair, já que os portões estavam trancados a cadeado.

(Cont. na página 20)



"A SENHORA ACEITA "PRETOS" EM SUA ESCOLA?"

"Foi essa a primeira pergunta do responsável quando veio matricular Fernandinho" — afirma D. Sílvia Lamounier — "Nunca fomos racistas, pois até criamos uma menina de cor e iremos levá-la ao Canadá..." ★ Fernandinho é irrequeto e muito "dengoso"... — "Peço a Deus que o senhor venha a minha casa para contar a verdade, que até hoje ninguém quis contar"

◆ D. Sílvia Lamounier, com os olhos lacrimeiros e uma expressão de dúvida na fisionomia, reluta junto ao portão da rua, trancado a cadeado.

O «Happy School», que tanta publicidade tivera nesses últimos dias, nada mais é do que uma casa de moradia, de dois pavimentos, circundada por um estreito pátio cimentado e um jardim junto à grade de ferro. Ao que parece ainda não adaptado inteiramente aos fins a

que se destina, a não ser pela presença de um «carroussel» colorido.

Nenhuma placa, nenhuma inscrição visível, apenas uma cartolina onde se encontram desenhadas, em letras de contorno grosseiro o nome da escola, meio encoberta pela enorme trepadeira que enfeita a varanda do prédio.

D. Sílvia permanece na dúvida em nos atender. Faz uma recapitulação das ocorrências, entrecortada de soluços, mostrando-se profunda-

D. Sílvia Carrera Lamounier Van Lammeren, nasceu no Leme e é filha do compositor brasileiro Gastão Lamounier. Para quem gosta de valsas, basta lembrar: «E o destino desfolhou...»

mente contrariada com a enorme repercussão que a imprensa deu ao caso do menino preto, adulterando, na sua opinião, completamente os fatos acontecidos.

Por fim, aquiesceu:

— Permita Deus, que o senhor venha à minha casa para contar a verdade. Só a verdade.

Um salão por onde se espalham algumas mesas e cadeirinhas de plástico e ferro, brinquedos pelo assoalho, papéis picados, bandeirolas dão a cor local, na escolinha silenciosa e vazia à hora em que chegáramos.

— Ainda não tive tempo de arrumá-la de novo, pois com essa tragédia que nos aconteceu desmanchei tudo, para que nenhuma recordação amarga viesse a me ferir ainda mais.

Senta-se. E pela primeira vez vai diretamente ao assunto:

— Nunca fomos racistas. Pois se nós criamos desde os 3 anos uma menina de cor e pretendíamos levá-la para o Canadá, chegando mesmo a providenciar o seu passaporte, quando em 1953 meu marido e eu nos transferimos para Montreal...

«Tudo isso é uma tremenda injustiça...» — e prorrompe em choro convulso.

Arrumava com gestos nervosos alguns papéis por sobre a mesa. Fala-nos de sua escolinha na cidade de Montreal, no Canadá:

— Lá, nós éramos dois estrangeiros. Sim, dois brasileiros com vontade de trabalhar e que organizamos uma escola por onde passaram 200 crianças e que mereceu recomendação oficial do próprio governo do país...

«Mas, a saudade da terra fez com que 2 anos depois viéssemos para o Brasil. Aqui chegamos em 5 de novembro do ano passado, e a «Happy School» (iniciais de Hans, meu marido e Sílvia, meu nome), foi inaugurada no dia 12 do mês seguinte.

O FATO, SEGUNDO A ACUSADA

— No dia 8 de dezembro de 1955, enquanto fazíamos os preparativos para inauguração, apareceu-me o sr. Felício dos Santos sozinho para matricular uma criança. De início, a sua primeira pergunta deixou-me chocada: «A senhora aceita **PRETOS** na escola?»

— E por que não? retorqui-lhe, estranhando a sua pergunta descabida, pois nem sequer havia ainda cogitado de saber de que menor se tratava.

Aparentemente satisfeito com a minha resposta, o sr. Felício ainda fez algumas observações sobre o menor que não era filho seu, mas apenas afilhado, filho de uma empregada sua, e a quem estimava muito. A saída, prometeu, sem que eu nada lhe alvitrasse:

— «Vou lhe mandar um quadro, com uma célebre frase de Rui Barbosa para que a senhora a mantenha sempre em sua escolinha».

E lá lá fora, no portão, me deu um último conselho com relação ao menor Fernando:

— «Quando ele chorar, basta pegá-lo um pouco ao colo, que ele se acalma».

Passa então D. Sílvia a descrever o que foram os 3 dias de Fernando Dias no «Happy School»:

— O primeiro dia, em horário matutino, nada de anormal pude anotar em Fernando. Pelo contrário, mantinha-se dócil às ordens e brincou sossegadamente. No dia seguinte o seu comportamento em nada me deixava preocupada.

Quando, no terceiro dia, em hora de recreio encontrei-o brincando junto ao paredão de um edifício em construção, aqui do lado, adverti-o, serenamente, que ali não era permitido ficar.

Refere-se D. Sílvia que sempre toma tais cuidados, uma vez que, embora, a construção já esteja em fase final, sempre algumas pedrinhas ou cisco caem lá de cima por sobre o pátio naquele local.

— E pela primeira vez notei a reação de Fernando, à uma ordem mais severa.

Embirrou — fato aliás, natural em outras crianças; — e prorrompeu em choro. Quando, então, pretendi que ele sentasse no lugar que lhe designei, manifestou-se de tal maneira irritado e agressivo que fui obrigada a segurá-lo, com firmeza. Nessa ocasião Fernando investiu contra mim, desferindo-me tapas e ponta-pés, no rosto e pernas. Não mais foi possível dominá-lo, uma vez que, sempre chorando, não atendia às palavras de advertência.

— Era um caso típico de insubordinação aos mais velhos. Fiz-lhe ver que assim como ele em casa respeitava seus pais e as demais pessoas que lá moravam, deveria também respeitar sua mestra e seus colegas que com ele estudavam.

Mas, Fernando não atendia aos meus conselhos. E o resto do tempo foi por mim desperdiçado, em prejuízo das demais crianças, contendo Fernando, usando para isso de todos os recursos que a moderna pedagogia infantil me ensinaram.

Ao término das aulas, comuniquei-me imediatamente com a residência de Fernando e solicitei a presença do seu responsável para com ele me entender pessoalmente, no dia seguinte. Nada disse, com relação do que se tratava. Apenas, convidei-o a vir ao colégio, onde pretendia palestrar como faço habitualmente com outros pais de alunos e fazer-lhe um apelo para que comigo colaborasse.

D. Silvia levanta-se e prossegue, indicando a porta da secretaria:

— Qual não foi minha surpresa quando, poucos momentos depois, chega por aquela porta o sr. Felício dos Santos, visivelmente transtornado.

Senti um arrepio de medo, ante a atitude do homem.

— Seu Felício gritava a plenos pulmões, encolerizado: «Já sei. Já sei. E' por causa da cor de Fernando, não é?»

Dai por diante, sem perceber claramente onde ele pretendia chegar, esforçamo-nos, meu marido e eu, para falar mas não nos foi possível afinal dizer o que pretendíamos com o convite formulado. Adverti-lhe de que deveria respeitar a escola, o meu lar, pois residio no sobrado e, finalmente, a mim como mulher. Vendo que era impossível contê-lo, solicitei a uma professora que chamasse a Rádio Patrulha, a fim de obrigá-lo a conter-se.

— «Não é preciso a senhora ir chamá-la eu mesmo mandarei o meu chofer chamar».

O resto foi o que o senhor já soube.



Mesmo sem «Lei Afonso Arinos» as crianças brasileiras jamais fizeram discriminação de raça. Fotografia de Fernandinho entre colegas na «Happy School», cuja idade não lhes permite, felizmente, conhecer as «dores do mundo».

◆ Procurando ouvir os advogados de defesa do casal acusado, drs. Amauri Lacerda e Geraldo Lins e Silva, mostraram-se eles igualmente surpresos com a enormidade das falhas processuais — «num processo em que — conforme afirma o próprio promotor — só constam a palavra dos acusados e do acusador (responsável, mas não o pai do menor) que, também figura como testemunha... e cuja sentença foi proferida sem, que dos autos constasse a fôlha de antecedentes penais dos acusados...»

NÃO HOUVE RECUSA

Recebendo-nos em seu escritório, mostram os causídicos os autos do rumoroso processo, para salientarem de início:

— A lei é muito clara e determina a inclusão como contravenção penal da «recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente comprador ou aluno, por preconceitos de raça ou de cor».

— Ora, não houve recusa, tanto assim que



Foto tomada quando, meses atrás, Fernandinho entregava a Hélio Gracie um pergaminho, demonstração de solidariedade pelas declarações do lutador contra o racismo, após o «vale tudo».

SENTENÇA POLÍTICA NA LEI RACIAL

«Por trás de tudo isso, há um cavalheiro interessado em «provocações racistas»... — afirmam os advogados dos réus ★ «Meses antes, usava, também, o menor Fernando para hipotecar solidariedade a um lutador profissional por motivos de discriminação racial...» ★ A Lei pune a recusa — e não houve recusa, tanto assim que o menor foi matriculado no «Happy School»... ★ O Texto da lei é falho

dos autos consta a matrícula provisória do menor Fernando Dias, e isso mesmo admite o próprio responsável, quando afirma haver pago determinada importância correspondente à matrícula efetuada.

COBAIAS DA NOVA LEI

— «Os meus constituintes foram as cobaias da nova lei e, como tal, sofreram as consequências. Isto porque, o clima de sensacionalismo criado em torno do processo pela imprensa falada, escrita e projetada proporcionou aos menos avisados uma animosidade injustificada contra a sra. Silvia e o sr. Petrus van Lammeren, surgindo daí os excessos a que nem a defesa escapou, pois chegamos a ser apontados

como racistas por um jornal desta capital, o que repelinos com indignação. A esse estado de coisas, a mobilização da opinião pública contra os dois professores, nem o próprio juiz da 17ª Vara Criminal conseguiu livrar-se, embora trate-se de magistrado competente, capaz. O resultado não se fez esperar: a condenação à pena máxima permitida pela chamada «Lei Afonso Arinos», sem respeito ao art. 42 do Código Penal que regula a aplicação da pena.

PROVOCAÇÕES RACISTAS

Recorrendo a um outro volume de recortes de jornais, anexado ao processo, continuou:

— Mas, o que há por trás de tudo isso é uma bem engendrada provocação racista por parte do responsável pelo menor Fernando Dias — o sr. Felício Santos. Esse senhor muitos meses antes desse fato, vinha aos jornais para hipotecar solidariedade pública — usando também o menor Fernando Dias — às declarações prestadas pelo sr. Carlos Gracie, repudiando o preconceito de cor na luta de «vale-tudo» entre Carlson Gracie e o profissional Valdemar Santana.

«Aí está a fotografia do ato, em que aparece o menor Fernando Dias entregando ao sr. Hélio Gracie uma mensagem de solidariedade — isso em outubro do ano passado...»

— E' a preocupação do preconceito de cor que domina o espírito do responsável pelo menor Fernando Dias.

«MEU MENINO NAO É DA RAÇA ARIANA...»

— Como se isso não bastasse, prosseguem os causídicos — o sr. Felício dos Santos, que aliás é filho do famoso advogado, já falecido, dr. Felício dos Santos, no dia em que compareceu à escola para matricular Fernando, enquanto aguardava a diretora, entabou conversa com a mãe de um aluno, d. Dilma de Almeida, supondo tratar-se de uma professora do estabelecimento.

«E do processo consta, conforme o sr. pode verificar, o depoimento de d. Dilma, reproduzindo o estranho diálogo que com ela manteve o responsável pelo menor. — «E' pena que o meu menino não seja da raça ariana como esses daí...»

Caracterizando, tão flagrantemente, a preocupação do preconceito de cor, durante o depoimento de d. Dilma procedeu o juiz a acareação com o autor da frase, reconhecido entre os presentes pela referida senhora.

(Cont. na página 20)



Fotografia feita na escola em causa, vendo-se um menino branco ao lado de um seu colega de cor. Este é filho do conhecido artista Abdias Nascimento, do Teatro Experimental do Negro.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ HUMORISMO ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

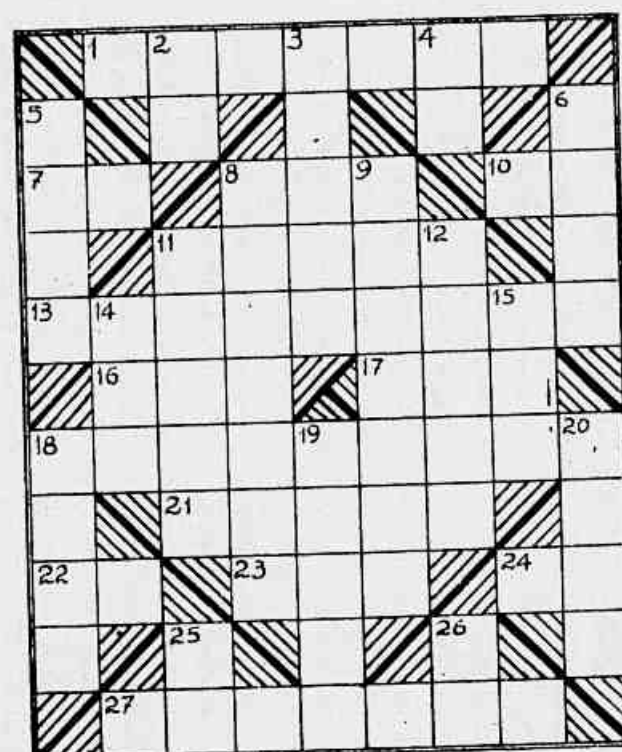
RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 114

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Ladrão de gado — 7. Cidade maobita consumida pelo fogo numa só noite — 8. Prefixo que significa além de — 10. A jarda inglesa na China — 11. Planta brasileira da família das Compostas — 13. Andaram de bicicleta — 16. Condição — 17. Ministro, no Dãomé — 18. Febre nervosa — 21. Espirra — 22. Medida de capacidade para o arroz, usada no Camboja — 23. Medida japonesa de capacidade — 24. Homem sem préstimo — 27. Palmeira das Antilhas.

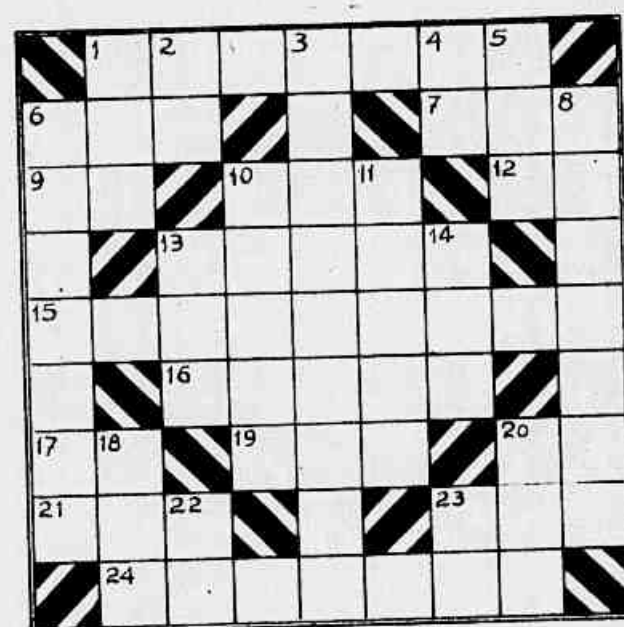


Ofener - Rio

VERTICAIS: — 2. Símbolo do metal de peso atômico 209,00 — 3. Relativo a certos magistrados romanos — 4. Sufixo que denota origem — 5. Rocha — 6. Indivíduo perverso — 8. Fôras infiel — 9. Opaco — 11. Separação — 12. Maluquice — 14. Diabo — 15. Palavra hebraica que significa fogo — 18. Conhecido — 19. Velar — 20. Poder — 25. Prefixo que denota oposição — 26. Símbolo do metal de peso atômico 107,88.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Lugar plantado de bananeiras — 6. Aqui está — 7. Caminho orlado de casas — 9. Isolado — 10. Milho torrado, reduzido a pó e condimentado — 12. Sigla automobilística do Amazonas — 13. Mulher que tem amizade a outra pessoa — 15. Fazer antes do tempo devido — 16. Guarnecia de abas — 17. Em partes iguais — 19. Lavra — 20. Pedra de moinho — 21. Curso de água natural — 23. Gemidos — 24. Gra-deara com arame.



Ofener - Rio

VERTICAIS: — 1. Elemento grego que significa vida — 2. Artigo feminino plural — 3. Fizeram abdição — 4. Brisa — 5. Satélite da Terra — 6. Produzir estalos — 8. Que tem o gosto como o do fel (pl.) — 10. O mesmo que amiba — 11. Figura formada por dois arcos iguais que se cortam superiormente — 13. Liga — 14. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 18. Camareira — 20. Dá miados — 22. Sufixo designativo de agente — 23. Aragem.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 113

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: tamo — ação — ira — ode — later — api — srs — reate — abordados — peado — Rib — ius — calar — ami — ano — lioz — usos.

VERTICAIS: tiã — ar — malpropício — corredouras — od — oer — it — aiereba — estádia — mau — Ada — asa — cal — la — cós — mi — nó.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: maca — cara — ora — lis — lendários — eiras — ala — ita — abava — radobavam — ara — ema — rosa — elos.

VERTICAIS: mole — are — caneladas — alistável — rio — assa — dar — diabo — raiva — arar — aba — amas — aro — amo.



EMILIO CARLOS



ULISSES GUIMARAES



RICARDO JAFET



ARNALDO D'ÁVILA



CARLOS LACERDA

RELÓGIO

HÉLIO ABREU

◆ O relógio quebrado não tinha outra utilidade senão marcar o início da avenida São João. Velho e desmoralizado pela intempérie, que fez de seus mostradores borões apenas, o carrilhão permanecia ereto, certo de ostentar ainda uma dignidade há muito perdida. Ia acabar seus dias num depósito de lixo qualquer, se o sr. Jânio Quadros (ou Lino de Mattos?) não tivesse dêle se lembrado, o que aconteceu à semana passada. O local é movimentadíssimo: assim mesmo, noite após noite, operários mexem e remexem o mecanismo reumático de ferrugem e completamente desajuizado. Nunca o velho relógio, que dispõe de quatro faces, apresentou sinais de sincronismo. Cada uma delas assinalava, invariavelmente, horas diferentes. A face fronteira ao lado esquerdo da rua São Bento era portadora de preguiça crônica: sempre atrasada. Mas dá gosto ver que alguém se interessou por sua sorte! Não morrerá de podre e terá dias de glórias quando nêle pousarem os olhares doces da criança da temerosa de chegar fora de hora ao colégio... E a seu pé, novos casais amorosos verão, concretizados, apazamentos anteriores, além da velharia que os seus ponteiros fará chegar, à hora exata, à igreja de São Bento a fim de assistir à missa dominical. Neste instante meu relógio de pulso (que funciona...) me conta já passar das 23 horas. Contemplo a mancha verde do relógio público e as sombras escuras dos homens, em número de três, que nêle trabalham. São cirurgiões (penso) buscando dar vida ao paciente importante, de família rica, porém macróbio e cansado da vida. Chego bem perto, tão perto que posso ler em uma das placas de metal amarelecido a marca da casa que o fabricou. É londrino, bem inglês e bastante complicado. O homem moreno, que me pareceu o chefe da equipe, resmungou qualquer coisa no momento em que depositou num pedaço de lona, estendido no chão, um dos ponteiros. Aproximei-me mais e saquei uma pergunta: «Por que enguiçou?» — O homem voltou o rosto para mim e, com a maior da naturalidade, disse: «20 anos de trabalho; nenhuma lubrificação».

◆ **BANANA** — Aumentou em cerca de 17,6% a exportação de banana pelo porto de Santos. Entre as novas firmas que entraram no mercado no decorrer do corrente ano, a mais poderosa é a do japonês Tagazaka Kioto, cidadão que em 1934 chegou ao Brasil como imigrante e que hoje detém uma das maiores fortunas da cidade de Santos.

◆ **LEGALIDADE** — Foi dissolvida em São Paulo, espontaneamente, a Liga de Defesa da Legalidade. Segundo seus dirigentes não há mais motivos que justifiquem sua existência.

◆ **TRUSTE** — São Paulo está à mercê dos «trustes». Os tubarões agora não mais se contentam em roubar no preço. Passaram a vender mercadoria pôdre em pleno Mercado Municipal. E tem mais ainda: A fim de aumentar o preço de hortaliças, compram êles a safra inteira e, para que não haja excesso e a consequente baixa de preços, atiram fora toneladas de alface, repolho etc. É o caso de se perguntar pelos agentes da COAP...

◆ **MACACO** — Os jornais não deram destaque à notícia da fuga do macaco TARZAN do circo do Pavilhão Azul. A caçada ao inteligente animal mobilizou alguns carros da Rádio Patrulha e durou seis horas. Quatro policiais ficaram feridos, inclusive o detetive

Mariano, que passava pelo local. Tamanho do TARZAN: 45 centímetros. E o caso de mandar os Sherlocks para Jacaré-Acanga...

◆ **CHUVAS** — Se não chover muito São Paulo terá novamente racionamento de energia elétrica. Mas a história não está bem contada, dizem.

◆ **VISITA** — Visitou São Paulo o deputado Luna Freire (PDC, Bahia). O parlamentar voltou à capital da República visivelmente impressionado com o programa do governador Jânio Quadros.

◆ **REVISTA** — Vem de ser lançada em São Paulo nova e interessante revista mensal, especializada. Trata-se da REVISTA INDÚSTRIA, dirigida pelas irmãs Miriam e Aline Yagudin. Ao novo órgão, os nossos votos de sucesso.

◆ **JAFET** — O grupo Jafet, que passou por aperturas ao término do governo Vargas, encontra-se em ótimas condições financeiras. Os compromissos com o Banco do Brasil estão em dia, o que prova ter Lacerda gritado sem razão.

◆ **REGRESSO** — Pessoa ligada ao «Estado de São Paulo» afirma estar próximo o regresso do jornalista Carlos Lacerda. O intrépido polemista passaria a ter

seus artigos publicados no prestigioso jornal dos Mesquitas.

◆ **DESAFEGO** — A situação bancária do país de há muito voltou à normalidade, disse-nos o sr. Joaquim Figueiredo, do Banco de Minas Gerais, sucursal de São Paulo.

◆ **IBC** — Os nomes dos srs. Renato Costa Lima e Vicente Felício Primo estão em pauta para o Instituto Brasileiro de Café. Ambos dispõem de igual chance. O sr. Costa Lima é o representante no Brasil de grupos americanos, inclusive o Rockefeller. O sr. Vicente Felício é importante fazendeiro e exportador, além de ser um dos maiores entendidos da situação cafeeira nacional.

◆ **ULISSES** — Grave dilema envolve as cidades de Lins e Rio Claro. Ambas afirmam ser o berço do sr. Ulisses Guimarães, atual presidente da Câmara dos Deputados. A história é por demais complicada e só poderá ser resolvida pelo próprio Ulisses, mediante a exibição da certidão de nascimento. Ambas as cidades são redutos eleitorais de grande importância... «To be or no to be».

◆ **NOMEAÇÃO** — A nomeação do Ministro Tancredo Neves para a Carteira de Redescostos do Banco do Brasil repercutiu de maneira favorável em São Paulo.

◆ **ATITUDE** — O sr. Emilio Carlos vem conduzindo os destinos do PTN com muita segurança, fazendo valer mais a sua legenda que a do PR, derrotado em Piratininga nas últimas eleições. Aliás, do sr. Emilio Carlos falam muito bem seus amigos: dizem que êle não deixa ninguém em meio à estrada.

◆ **DENÚNCIA** — Segundo informações (geralmente boas) que recebemos sobre os Campos Elíseos, encontra-se na mesa do governador grave denúncia contra pessoas que estão fazendo comércio ilegal com autorizações de torta de algodão. A COFAP não está ausente, figurando mesmo como a principal responsável pelo escândalo. Políticos de nomeada estão envolvidos, indiretamente.

◆ **LIDER** — O deputado Luciano Nogueira Filho assumiu a liderança do PSD estadual. O sr. Narciso Pieroni, um dos mais hábeis políticos de São Paulo, foi eleito 1º secretário da Câmara. Dizem que, no tocante a Pieroni, ganhou o PSD; o mesmo não se dando em relação à liderança, que, no dizer de muitos, está agora em mãos inexperientes.



A SENHORA Pola Rezende, não obstante o êxito de sua última exposição de escultura no Museu de Arte Moderna de São Paulo, e até por isso, continua suas atividades sempre nas linhas do estilo que a caracteriza, sem esquecer a Pintura, a Cerâmica e a Literatura, dentro do seu conhecido pensamento: «Minha arte é a minha religião. Na arte encontrei a razão de existir».

Domingo, 8 de abril de 1906.

O cardeal brasileiro — A recepção

♦ A 1 do corrente faz sua entrada triumphal na archidiocese do Rio de Janeiro o primeiro cardeal latino-americano, S. Ema. o sr. D. Joaquim Arcoverde. Já não fallaremos d'essa estirpe gloriosa, como a de predestinados, cujos nomes refulgem a cada trecho da Historia, em caracteres luminosos, mas da insigne distinção que Sua Santidade conferiu ao Brasil, pondo na terra de S. Sebastião a côrte de um dos mais illustres representantes do Sacro Collegio. Todo o país exultou de uma maneira especial com a prova do affecto do successor de S. Pedro; e todo o povo agitou-se naquella dia para communicar à recepção do cardeal o maior brilhantismo. E, com effeito, a acolhida feita a Sua Ema. foi das que raras se contam na nossa vida nacional: foi grandiosa. O espectáculo que presenciamos na bella bahia de Guanabara, por occasião da chegada de Sua Ema., foi verdadeiramente emocionante. As 6 horas e 30 minutos da manhã daquella dia esplendido, em que a natureza associara-se á grande apothese que o povo brasileiro ia apresentar ao mundo inteiro, demonstrando o apreço e a alegria para com aquelle, que o Vigaria de Christo distinguira com a purpura cardinalicia, fundeava a ilha Fiscal o paquete Sardegna, a cujo bordo vinha Sua Ema. Em seguida, largou do trapiche do Novo Lloyd Brasileiro o paquete S. Salvador, da mesma companhia, ricamente embaideirado, e repleto de senhores e cavalheiros da elite da nossa sociedade, que, sob o commando do capitão-tenente João Maria Pessoa, navio-capitanea da 1ª Divisão da Esquadilha, cujo commando geral fora confiado ao membro da Comissão Executiva capitão de corveta Pedro Paulo de Oliveira Santos. Esse paquete chegando ao poço, juntou-se com as barcas Segunda e Quinta, da Companhia Cantareira, que compunham a Primeira Divisão da Esquadilha.

A 1ª divisão contornou o «Sardegna» tocando as suas bandas de musicas e subindo aos ares um sem numero de foguetes, ao som de vivas e apitos prolongados, saudando assim S. Ema. que com o lenço corresponde affectuosamente.

Logo depois atracou ao «Sardegna» a lancha «Olga», do Ministério da Marinha, levando a seu bordo os exmos. srs. Nuncio Apostólico, ministros da viação, e da justiça e Bispos de Petropolis, de S. Paulo, de Goyaz, de Pouso Alegre, do Paraná e o eleito do Pará, que foram os primeiros a embarcar a bordo do «Sardegna».

O sr. Cardeal estava no tombadilho do «Sardegna» e, apesar de muito commovido, fallava a todos com um sorriso nos labios.

Era enorme o numero de embarcações que se dirigiam ao «Sardegna» para levarem a S. Ema. as boas vindas. Essas manifestações não haviam ainda chegado ao auge, até as 10 horas e 30 minutos, quando appareciam as outras duas divisões de esquadilha, sob o commando em chefe do cap. de corveta Pedro Paulo de Oliveira Santos, cujas embarcações conduziam a comissão executiva, comissões parochiaes, representantes e photographos da imprensa e altas autoridades.

Essas duas divisões, que eram compostas de lanchas e rebocadores ornamentadas a capricho, navegavam em linha de fila dupla.

À sua chegada ao «Sardegna» todas as embarcações silvaram incessantemente, tocando as respectivas bandas de musicas militares e um sem numero de foguetes subiram aos ares, entre aclamações a S. Ema.

CARTAS DE PARIS

«Meu caro redactor:

Ora, não há nada melhor para se poder francamente e sem paixões apreciar a situação do seu paiz do

LIBERAÇÃO DA CARNE VERDE

«... Volta à dança a questão das carnes verdes e mais uma vez o juiz federal presta braço forte à liberdade do commercio, plenamente assegurada pelo estatuto fundamental da República...»

O PEIXE PELA HORA DA MORTE...

«Começa amanhã effectivamente o regimen do bacalhau, do mulato velho, do namorado e quejandas iguarias que neste tempo ficam pela hora da morte.

Já não se fala do peixe fresco, porque isso é luxo a que só se podem dar os argentários ou quem ganha no bicho...»

que se achar fora do circulo em que se passam e se desenrolam os acontecimentos.

A leitura dos jornaes do Rio de Janeiro determinaram-me esta opinião.

Eu não sei positivamente o que por ahi se passou durante as ultimas eleições para a Camara dos Deputados e Senado, mas a impressão que taes eleições deixaram no espirito dos brasileiros que se acham afastados da nossa capital, foi das mais penosas possíveis.

Os commentarios dos diversos órgãos da imprensa carioca sobre o serviço eleitoral deixam claramente ver que não foi precisamente a seriedade que presidia aos diversos trabalhos dos collegios eleitoraes e o que é peor ainda, não tão pouco a lisura de procedimento dos altos funcionarios que determinaram as fraudes na entrega dos titulos aos respectivos eleitores.

Estes e outros factos calam profundamente no animo estrangeiro e parece que a pessima opinião que se faz na Europa do nosso paiz já devia ser sufficiente incentivo para que tentassemos pelo menos por um cobro definitivo a taes desmandos.

Assim que chegaram á Europa as noticias dos factos occorridos nas ultimas eleições, o juizo foi um unico: «Ora, isto é o Brasil...» — o que equivale a dizer-se: estes factos são proprios a um paiz de selvagens, porque a unica palavra Brasil, basta para significar que se trata de um povo ainda meio selvagem, sem cultura civica, sem leis, sem principios.

Os nossos patricios que se encarregam de propalar taes cousas e, para vergonha nossa, são até os primeiros, para não dizermos os unicos, que não acham a minima atenuante nem para as menores faltas.

Levo d'aqui boa somma de desagradaveis impressões e, se permittem os leitores que lhes falle com franqueza dir-lhe-ei que para nosso maior ludibrio de todas as colubias estrangeiras, a nossa é a mais mesquinha n'esse sentido.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VII — N. 26

DOMINGO, 8 DE ABRIL

Numero 260 2610



DOMINGO DE RAMOS — Entrada de Jesus em Jerusalem

Domingo de Ramos — Entrada de Jesus em Jerusalem

A esquadilha contornou o paquete «Sardegna» e, em seguida atracaram as lanchas ao Alandega com a comissão executiva. Foi uma manifestação nunca vista e que traduziu perfeitamente as crenças catholicas do povo fluminense.

Todos procuram sempre encobrir, o mais possível, as incorrecções dos seus respectivos paizes, enquanto que, grande parte dos brasileiros, no estrangeiro, julgam de bom alvitre e de bom tom fazer publico alarde das nossas misérias, augmentando as suas proporções e nunca encontrando uma desculpa ao menos para attenuar-lhes a importancia.

De ante-mão, já prevejo a grita e critica ignorante e ensossa que se fará d'essas minhas phrases, mas ao menos sinto-me satisfeito por ter dito a verdade e desmascarado o snobismo pretencioso de muitos dos nossos patricios.

F. MENDES JR.

CHRONICA ELEGANTE

«... Na serie das «toilettes» de recepção, jantar e soirée tendo um lugar intermedio entre o traje de passeio e o traje de baile constituem as notas dominantes o panno, veludo e crêpe de Chine.

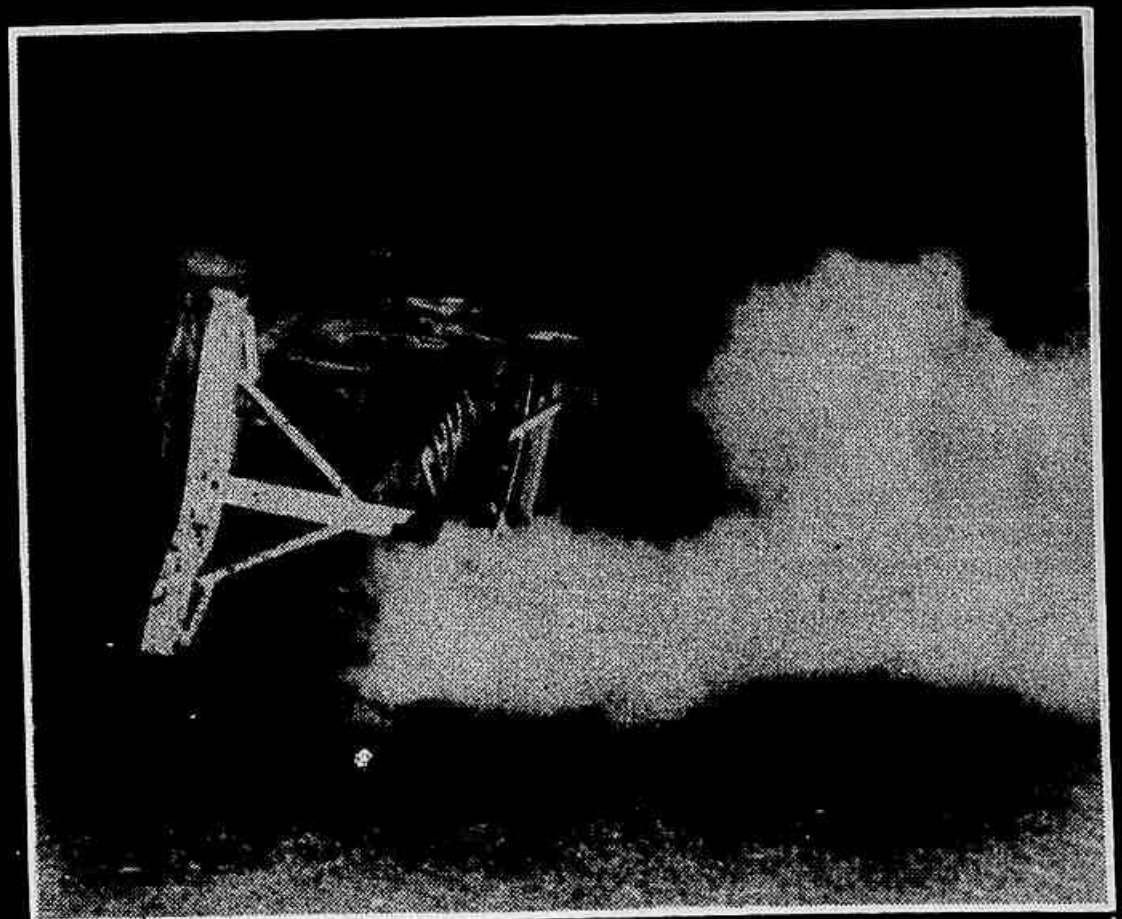
A extrema leveza destes pannos permite dar ás saias uma amplidão desmesurada, o que se obtem franzindo-as, coulissant, plissant em redor da talhe.

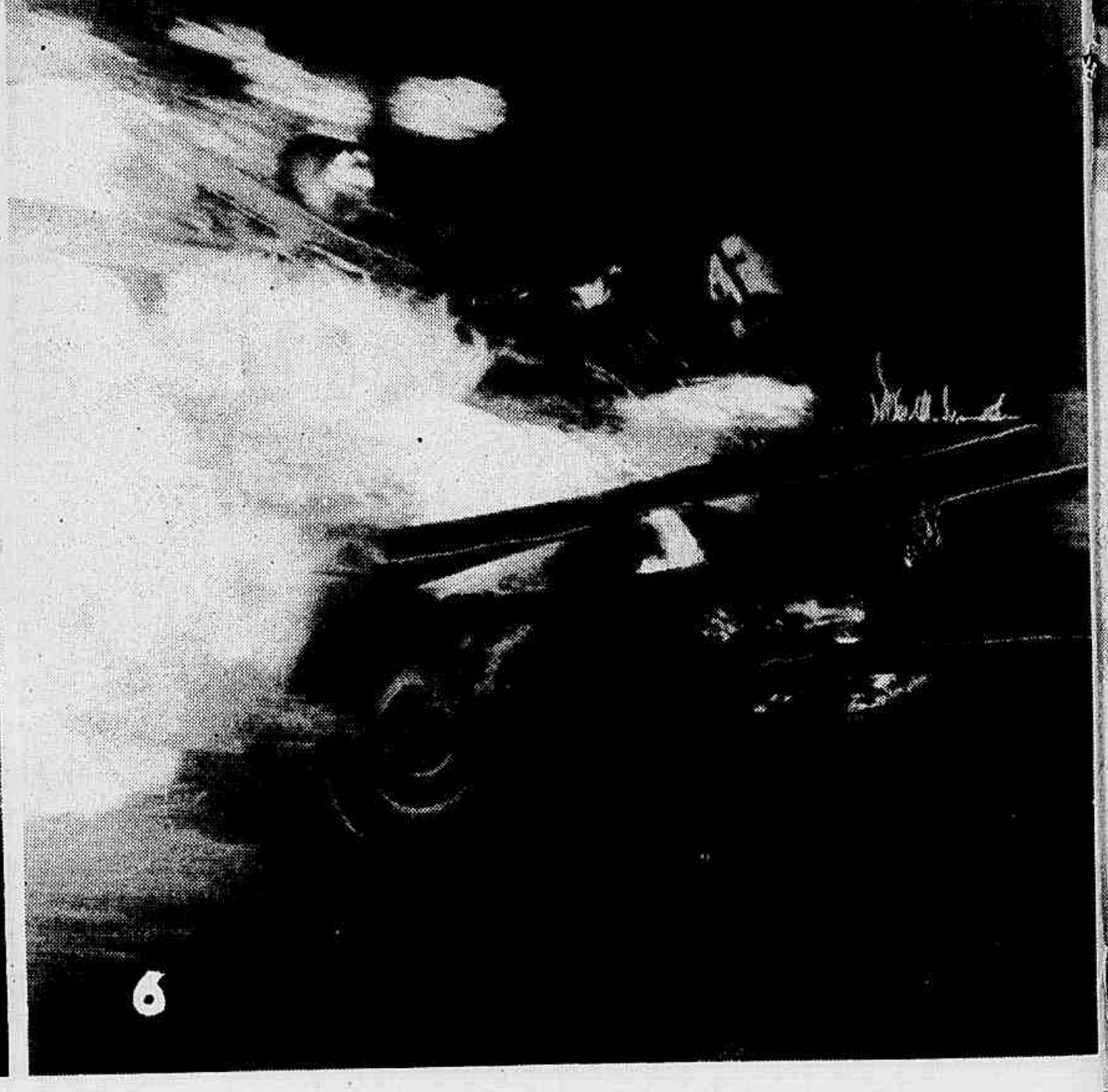
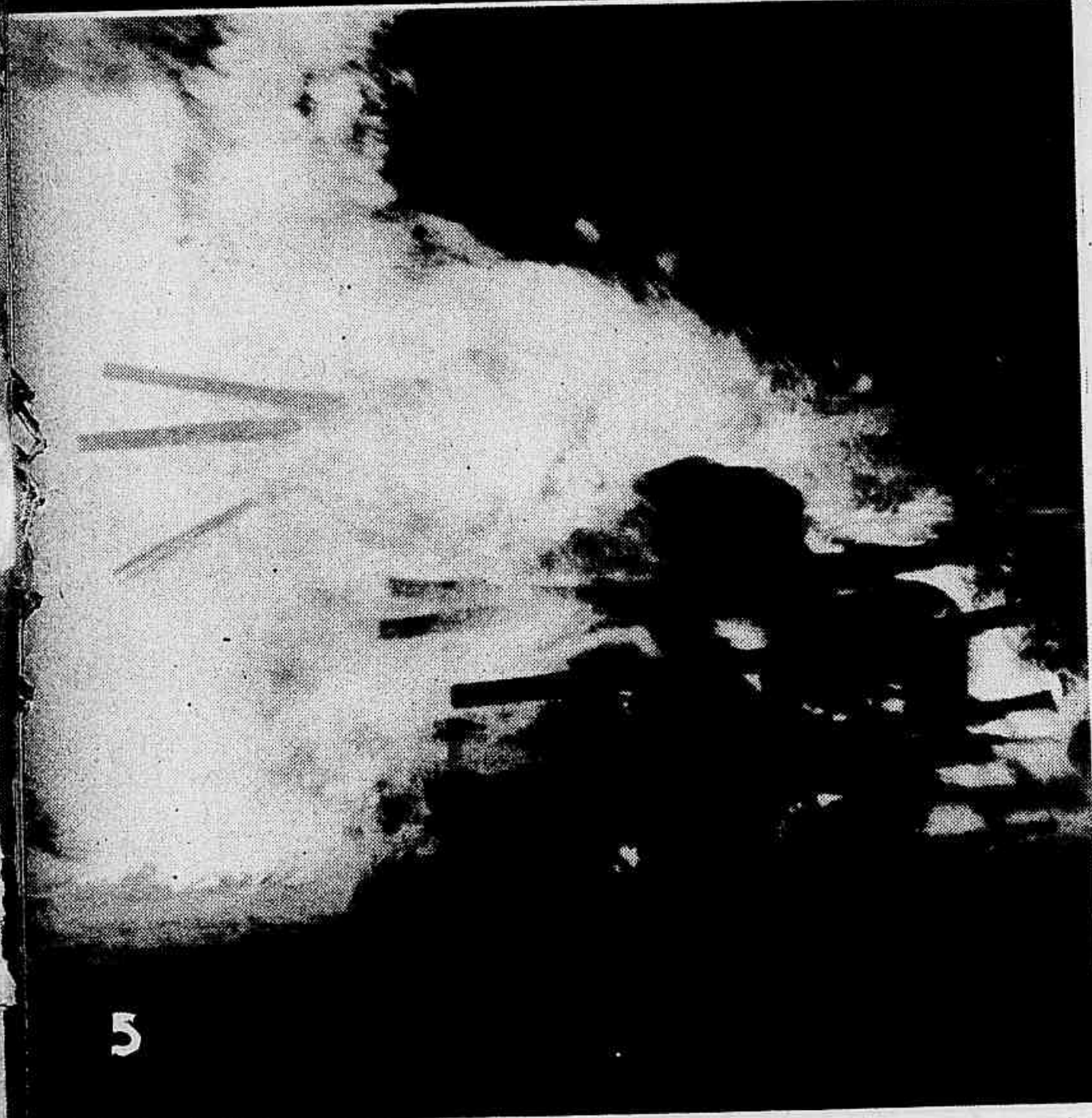
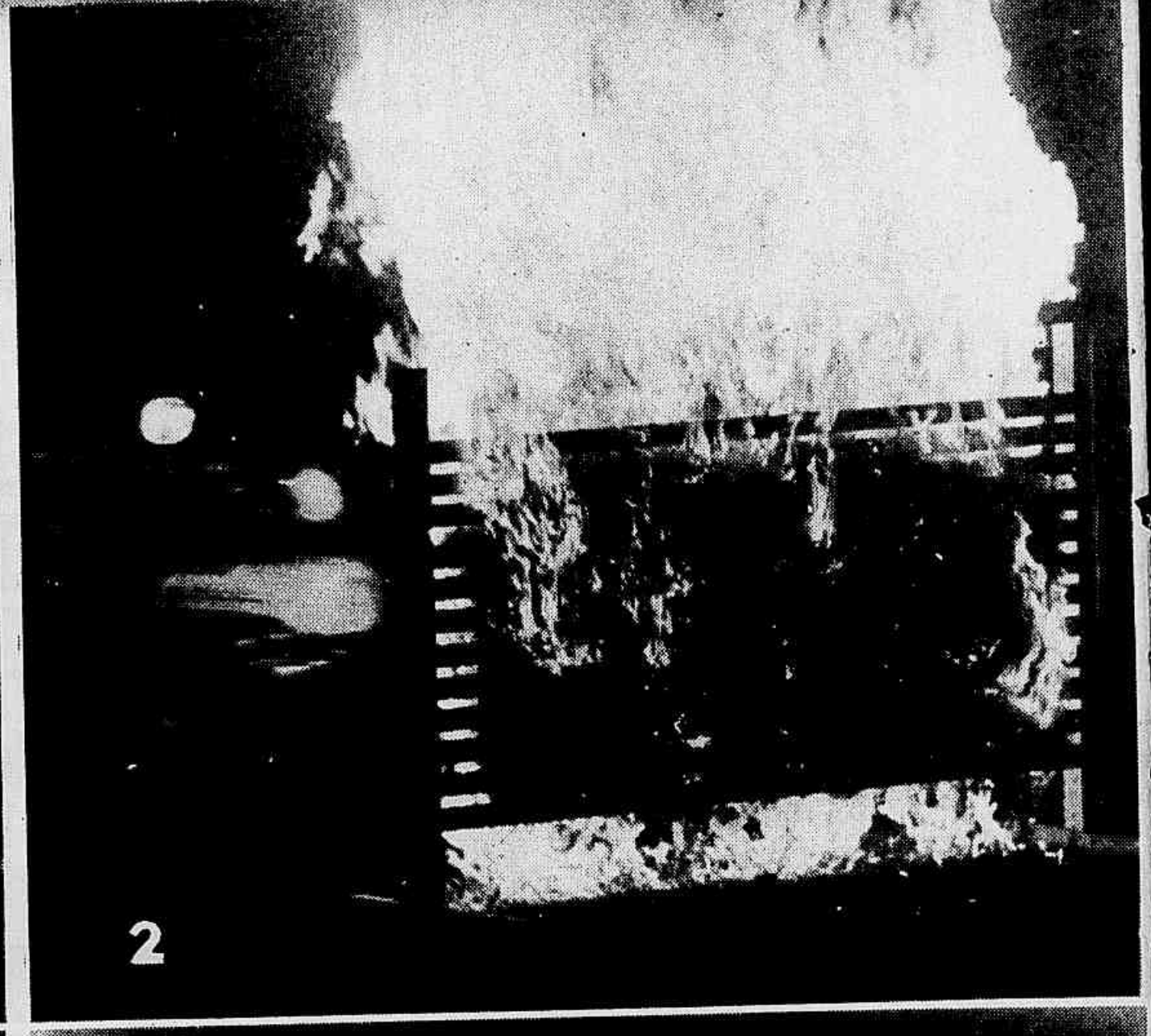
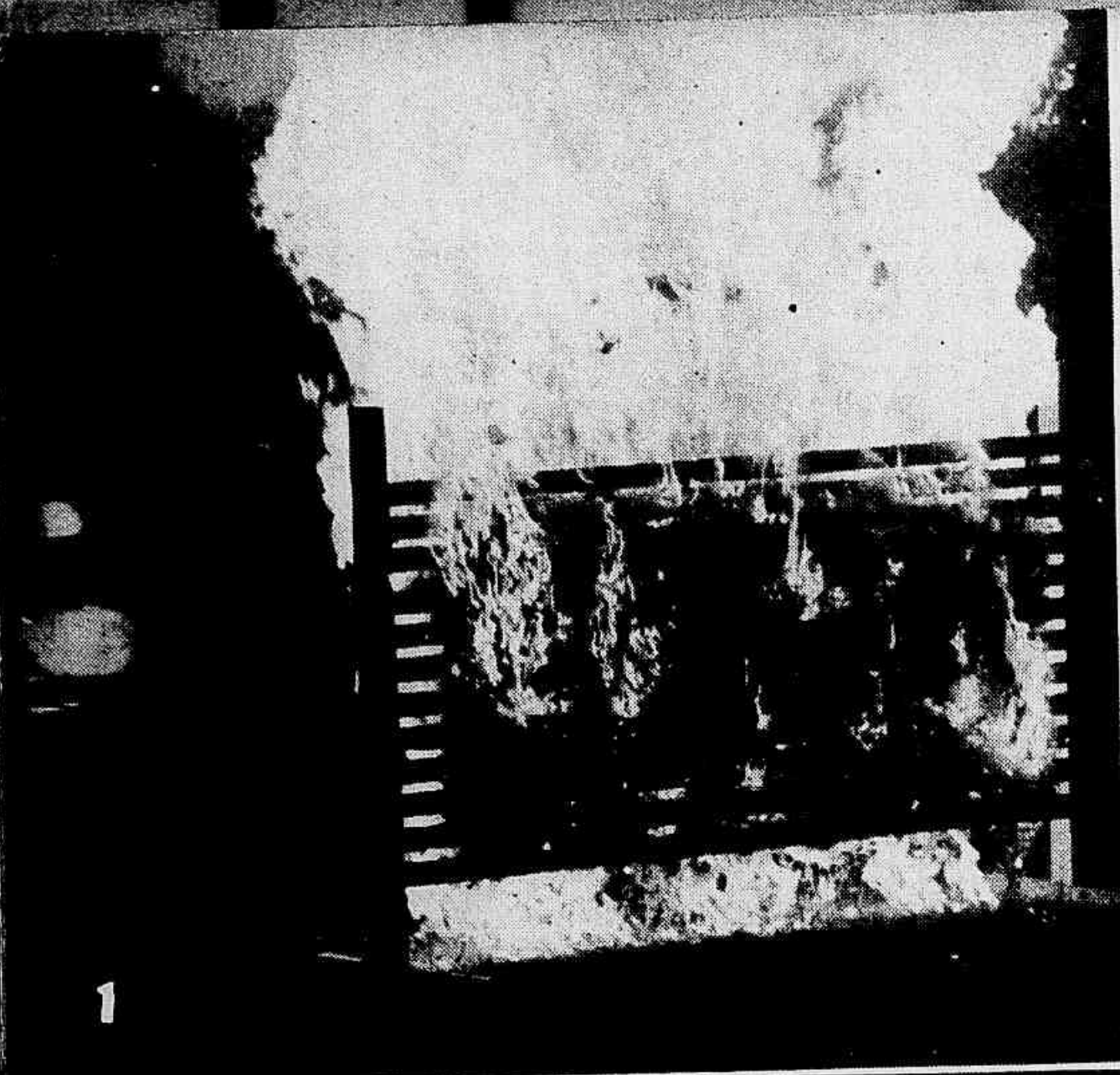
«O crêpe de Chine mais empregado actualmente, é extremamente liso, sedoso e brilhante, tendo alguma semelhança com o setim Liberty. Este belo tecido, cuja largura é de sessenta centimetros, emprega-se muito na confecção de chemisettes, porque a sua exigua largura difficulta o talho das atuais toilettes...»

NA PÁGINA inteira, flagrante da espetacular capotagem do carro dos dois arrojados pilotos franceses, pouco após ter sido transposta a barreira de fogo. No detalhe, o mesmo carro, tombado por terra no fim da prova.



COLETTE BRINCA COM FOGO





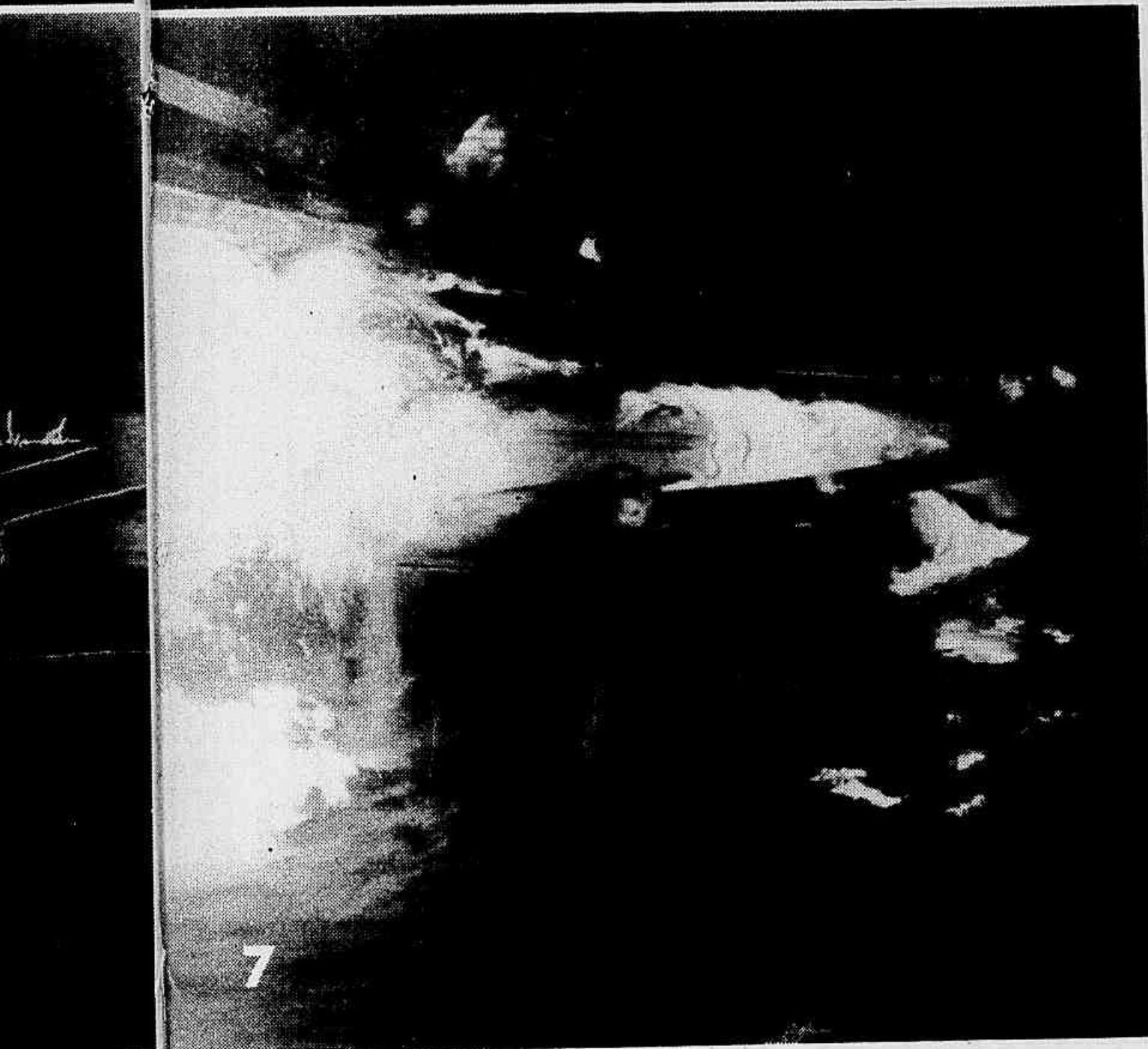
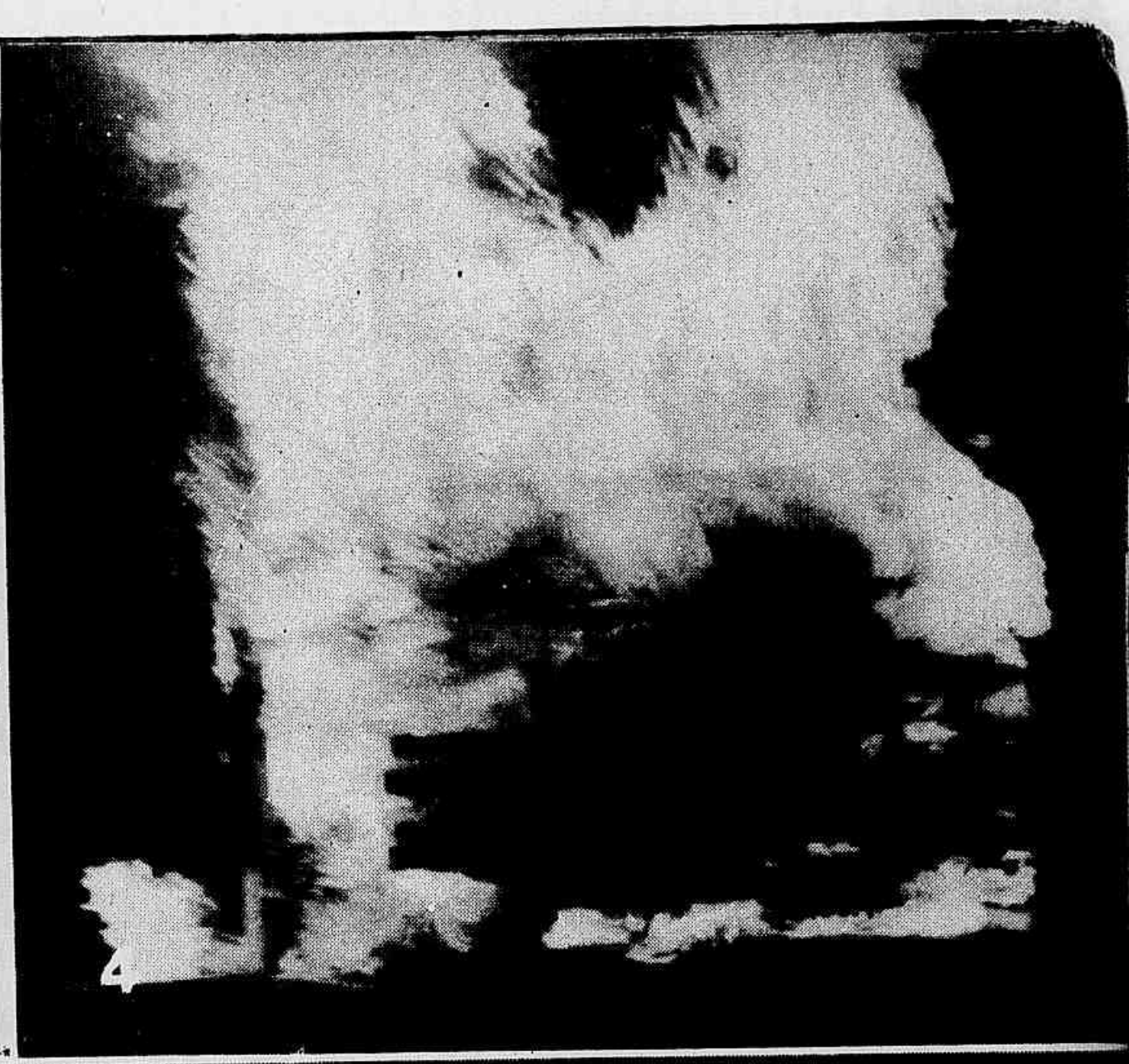
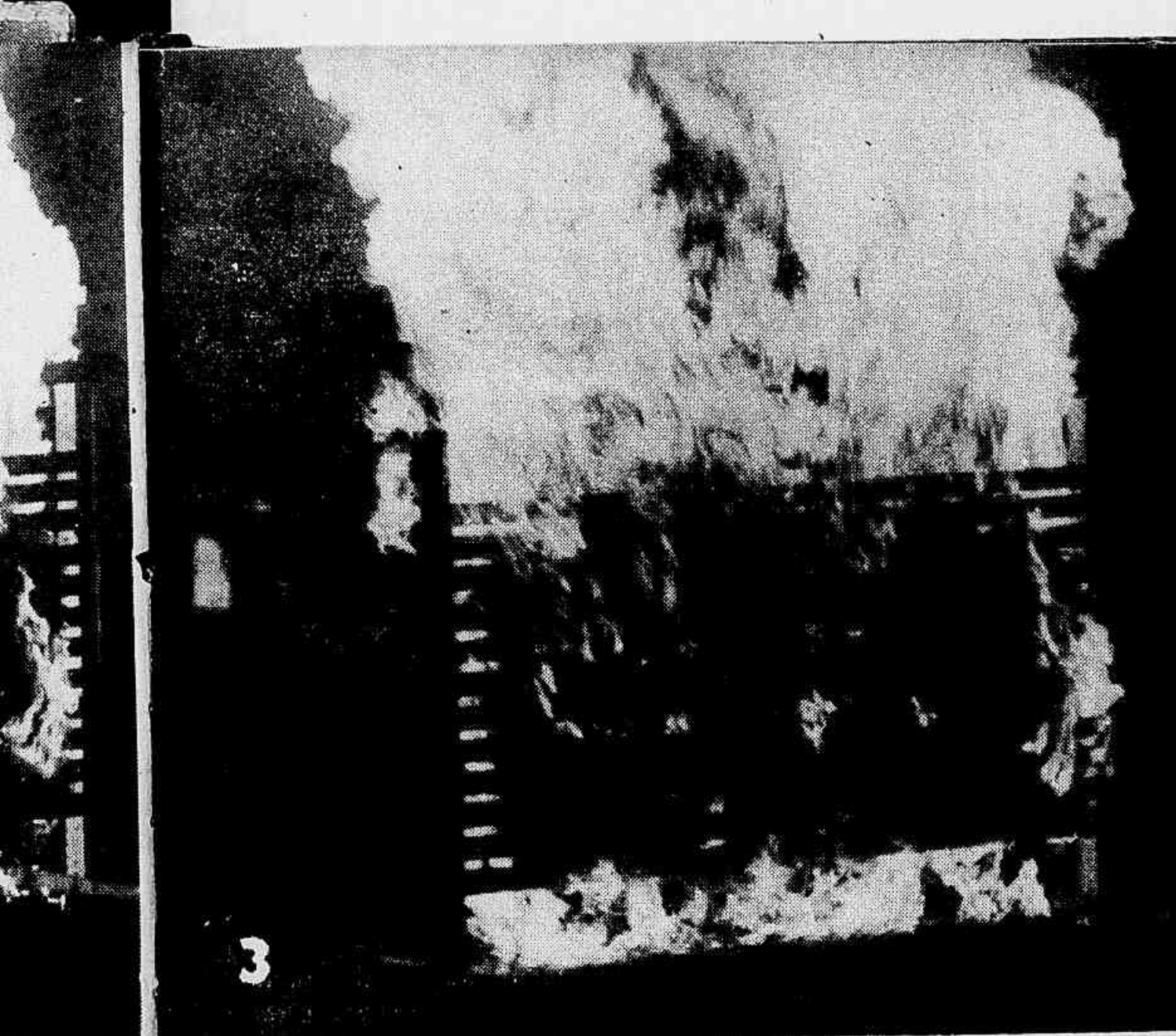
Nessa sequência impressionante, aparece o carro de Colette ao atravessar

● NÃO QUE o carioca não esteja acostumado a espetáculos semelhantes àquele que, há poucos dias, lhe foi propiciado, no campo do Fluminense Futebol Clube. Até pelo contrário: isso de automóveis se chocarem uns com outros, ou irem de encontro a obstáculos, transformando-se em um monte esfrangalhado e fumegante de destroços, é, para nós, coisa quotidiana, bastando um espiar de olhos pelo noticiário especializado dos jornais para se ver até que ponto ocorrem, em nossas ruas, os acidentes automobilísticos.

Acontece, porém, que dessa vez, a série de desastres teria por palco o campo do Fluminense, e aquela que seria a principal responsável por eles, chama-se Colette Duval, famosa pára-quedista, deputada e corredora francesa, que o Rio hospeda no momento. A encantadora Colette, e seu colega de loucuras, Gil Delamare, metidos

em macacões brancos, e tendo à cabeça capacetes protetores, entraram em velhos automóveis-cobaias, e, a grande velocidade, se precipitaram de encontro a uma cerca de madeiras velhas, previamente incendiada. Foi um instante de emoção, no estádio, aquele em que o automóvel, imergindo no mar de chamas, por sua vez incendiou-se, para logo a seguir, varando de lado a lado o tapume, emergir pouco além, ante a admiração e o espanto gerais.

Já um pouco antes de as rodas dianteiras do carro terem tocado, de leve que fôsse, o obstáculo em chamas, as portas do veículo tinham sido rapidamente abertas. Assim que o automóvel, pegando fogo, deixou de cruzar o perigoso tapume, Colette e Gil, com audácia e agilidade extraordinárias, precipitaram-se dêle para o solo.



o inferno de chamas improvisado no centro do campo do Fluminense

Pouco depois, o carro ia estatelar-se, desmantelado, alguns metros adiante.

A assistência, nas arquibancadas (não confundir com a Assistência, esse carrinho branco que passa guinchando de quando em quando pela cidade), respirou aliviada quando Colette e seu companheiro, numa mesura elegante, ergueram-se do solo, e as palmas estrondosas vieram coroar o gesto de coragem, algo desmiolado, que os dois tinham acabado de praticar.

Dizem que, nos degraus de cimento, muito chofer de lotação e de ônibus, emocionado, não pôde conter um olhar de inveja ante a proeza da linha francesinha. Só esperamos é que o seu exemplo NÃO frutifique.

COLETTE DUVAL, a encantadora e destemida pára-quedista e corredora francesa, numa pose especial. Pouco depois, no volante de seu automóvel, partiria veloz, em direção a um envolvente mar de labaredas.



U

MA lufada irrompeu pela igreja toda aberta em festa e fez fremir a toalha branca do altar. A música do órgão era para o menino um mugir de saudades. Remoia lentamente antigas sensações dominicais e matutinos, onde se destacava o dé-lén-dé-lén da campainha no minuto mais silencioso da elevação. Mas apesar do frescor matinal e da beatitude do ambiente, pulso intranquilo latejava: está aqui! está aqui! Por mais que se esforçasse, não conseguia manter a atenção requerida pela missa festiva; o refluir do sangue ecoava nas ténporas: está aqui! está aqui! A razão, porém, essa recusava a afirmativa iterada. Como poderia estar ali, se não se dissipavam os maus pensamentos nem se aplacava a dor nos dedos inflamados? Ignorar o incômodo físico seria possível a seu orgulho, mas alheiar-se à obsessão que martelava na cabeça? Impossível. Bem melhor fôra arcar com tôdas consequências da valentia e dizer logo a todo mundo a causa verdadeira do despropósito, na véspera:

- Onde está Deus?
- No céu, na terra, em toda a parte.
- Está é aqui, seu...!

A mão, incontrolável, lhe descera de rijo. Sentiu com dor e felicidade que o Criador do céu e da terra havia pôsto no mundo uma cabeça mais dura do que a sua. Agadunharam-no em seguida, cingiram-lhe com força os braços que sacudia opresso, querendo suprir uma afônica desesperante. Estava consumado o pequeno escândalo na véspera da Primeira Comunhão e logo percebeu, quando tomaram o partido contrário, que se achava irremediavelmente do lado do Mal. Possesso de ciúmes penosamente contidos, investira contra o mais chegado à professôra de Catecismo na solenidade da sabbatina final. O interrogatório, então, refluía todo sobre ele: queriam os examinadores já e já explicação a respeito de tudo aquilo. Por isso é que, livre das mãos policiadoras, escafedeu-se, correndo de vergonha. Onde é que estava? Não sabia direito. Não sabia nada de Catecismo. Está aqui! Correu mais. Súbitas labaredas fixavam-se em seus olhos que no entanto ardiam menos que a mão agressora e flamante, sua espada de Gabriel toda quebrada. Oh raiva doída! Era só raiva o que o impelia — procurava convencer-se a si próprio, acelerando os passos, trôpego em mil obstáculos bíblicos encrustados no quintal pedrento da paróquia. De pedra, sim, deveria ser aquela cabeça cabeçada que lhe arruinara a mão. Mas burro e vadio geralmente reconhecido era ele mesmo, enquanto o outro gozava de beneplácitos da professôra. O ódio redobrava. Ah, se pudesse repetir: — «Aqui! Gostou, seu papudo metido?»

O ridículo da agressão — será que o deixara encabulado? Não, não estava. Nem arrependido de coisa nenhuma. Agora era tratar de mergulhar a munheca na água do tanque por trás da sacristia e ali ficar dequstando a vingança

devagarinho, enquanto a mão fôsse sarando. Desculpas? Já arquitetara mil. Fôra, fôra sim, uma possessão ou coisa que o valha: ficara apreensivo e nervoso naquele exame em véspera de Primeira Comunhão; não sabia nada direito de História Sagrada. Só isso. Não acreditassem, pouco se lhe dava. Estava definitivamente do lado do Mal, que mais queriam? Agora, tudo seria duro, difícil, amargo. Que o charmassem de burro quanto quisessem. E ficou remanchando pensamentos, a mão direita esquecida n'água, convicto de sua nova vida dentro de um destino adverso, mas robusto e quase adulto; sem doces, voz ou olhar da professôra de Catecismo.

da igreja era tranqüilo, convidava à modorra — e foi num sobressalto que ouviu chamarem-no, a poucos metros. Era Marino, o bôpo das aulas do Catecismo:

- Vem, que a fessôra tá chamando.
- Não vou não. Ele chorou?
- Que nada! Todo mundo já esqueceu disso. A festa nossa é amanhã, sô!
- E as outras?
- As outras fessôra? Também. Ninguém ligou muito.
- Desconfiado, foi. E atarantou-o a displiscência com que aceitaram o pretexto imaginado.

PRIMEIRA

Quis água. Procurou sorvé-la nas mãos. Doía, alguma coisa doía. Os dedos da direita estavam hirtos e assustou-se. Previa mão preta, purgando podre. Teve medo. Ela parecia algo maldito; assoprou-a, enxugando. Temor prôpriamente, não. Não havia remorso, mas só um medinho de que não acreditassem na desculpa bem boa que iria dar. Expôs a mão ao sol. Aquecida, ela desabrochou na claridade como um fruto sazornado numa tarde preguiçosa: o pomar por trás

Então, nem a professôra percebera! O ressentimento avivou-se. Em casa, não podia abrir-se com ninguém, mas estava certo de que a denúncia da briga viria depois da Primeira Comunhão, talvez mesmo no dia seguinte, logo depois da cerimônia. Um ódio redondo entumeceu-o ainda mais e foi exhibir a mão tumefacta ao pai e à mãe. Contou-lhes tudo.

- Que tem isso, menino? Nada de mais. Uma



briga, e pronto. Era só confessar ao padre. Havia ainda tempo, não sabia?

O novo perdão indiferente abateu-o de vez. Outra falta de arrimo para o que imaginara: mais uma decepção. Afinal, de que valera tudo aquilo? Redimido, quando queria era mesmo ficar hercicamente do lado do Mal?!

x x x

E no dia seguinte ali estava na igreja aberta em festa: terno branco, branco missal, fita branca e empunhando uma vela branca.

EXCOMUNHAÇÃO

Tudo alvo e flutuante na aragem fresca que se evolava do órgão e das calas dispersas pelos altares. Só ele, um brasa, um ponto que negrejava:

«Está aqui! Está aqui!» A raiva surda voltava no instante mais perigoso. Já nem percebia a cera quente a escorrer sobre a mão machucada. Na hora aprazada, encaminhou-se para o altar, meio tonto. A dois passos, notou o Sabe-

Tudo em quem dera o cascudo na véspera. Ia com ar tão feliz, ia gordo como um Querubim, com a mão morena da professora pousada sobre o seu ombro. Estremeceu — e mordendo os lábios acercou-se do sacrifício branco como quem cometesse um sacrilégio.

Saiu da igreja comungado. Os parentes o bei-

javam, transeuntes pela rua afagavam sua cabeça, sorriam com simpatia e elogiavam-lhe a vestimenta tão branca e bem talhadinha. Só não notavam que ele trazia o peito sacudido por intenso arfar, que em vão tentava convencê-lo:

— Está aqui! Está aqui!

Conto de ALOÍSIO G. BRANCO

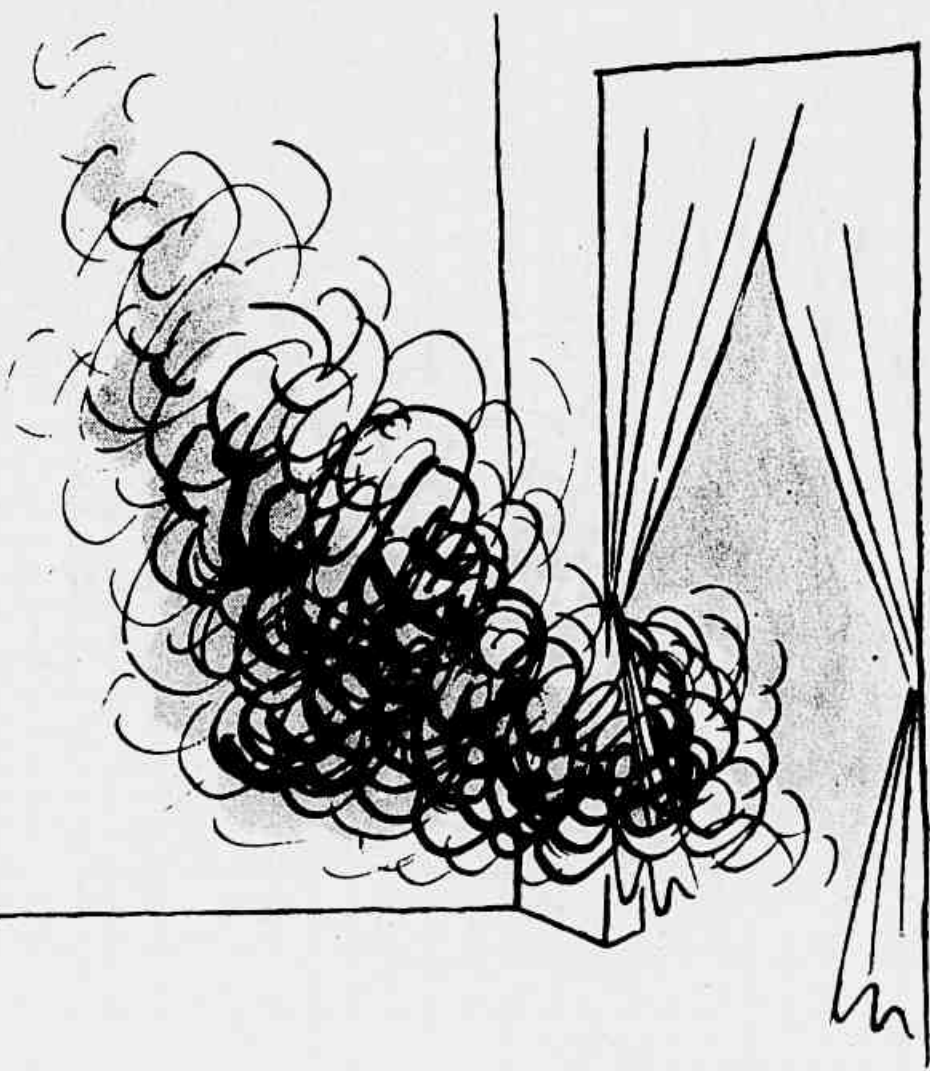
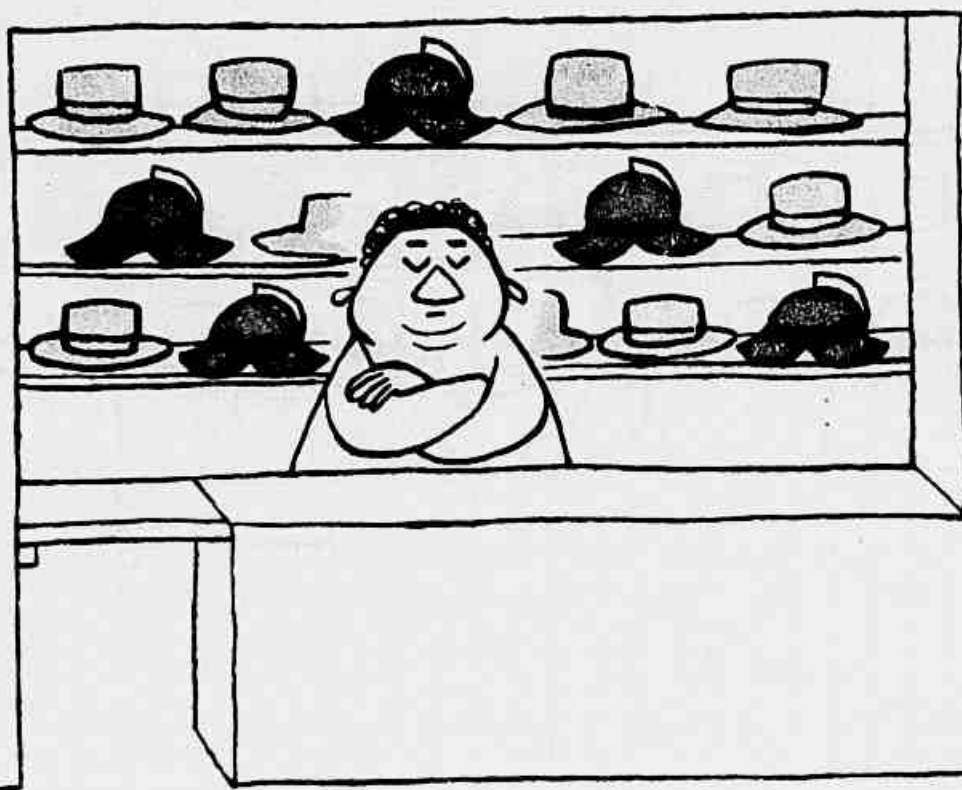
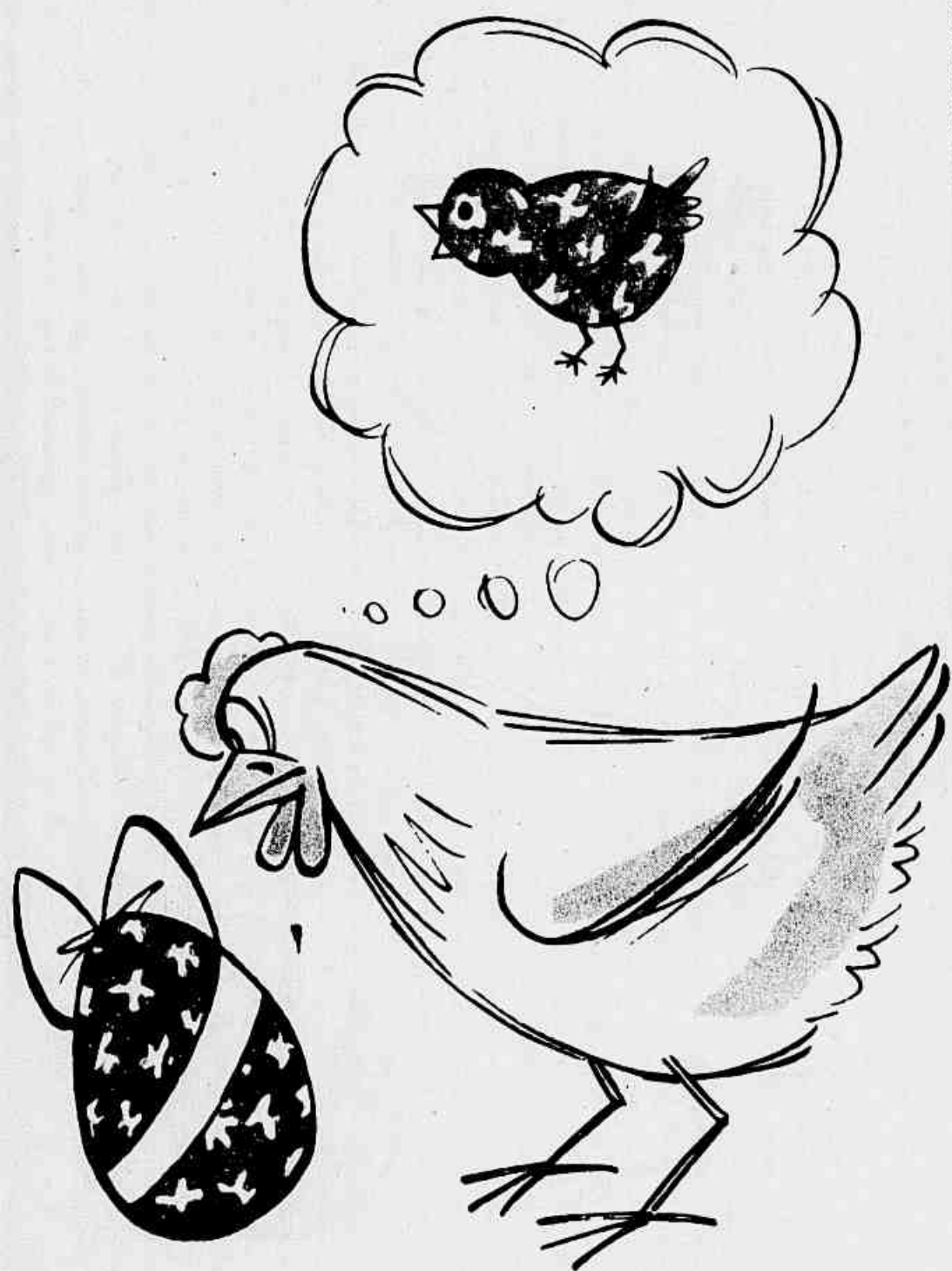
Desenho de JERONYMO RIBEIRO

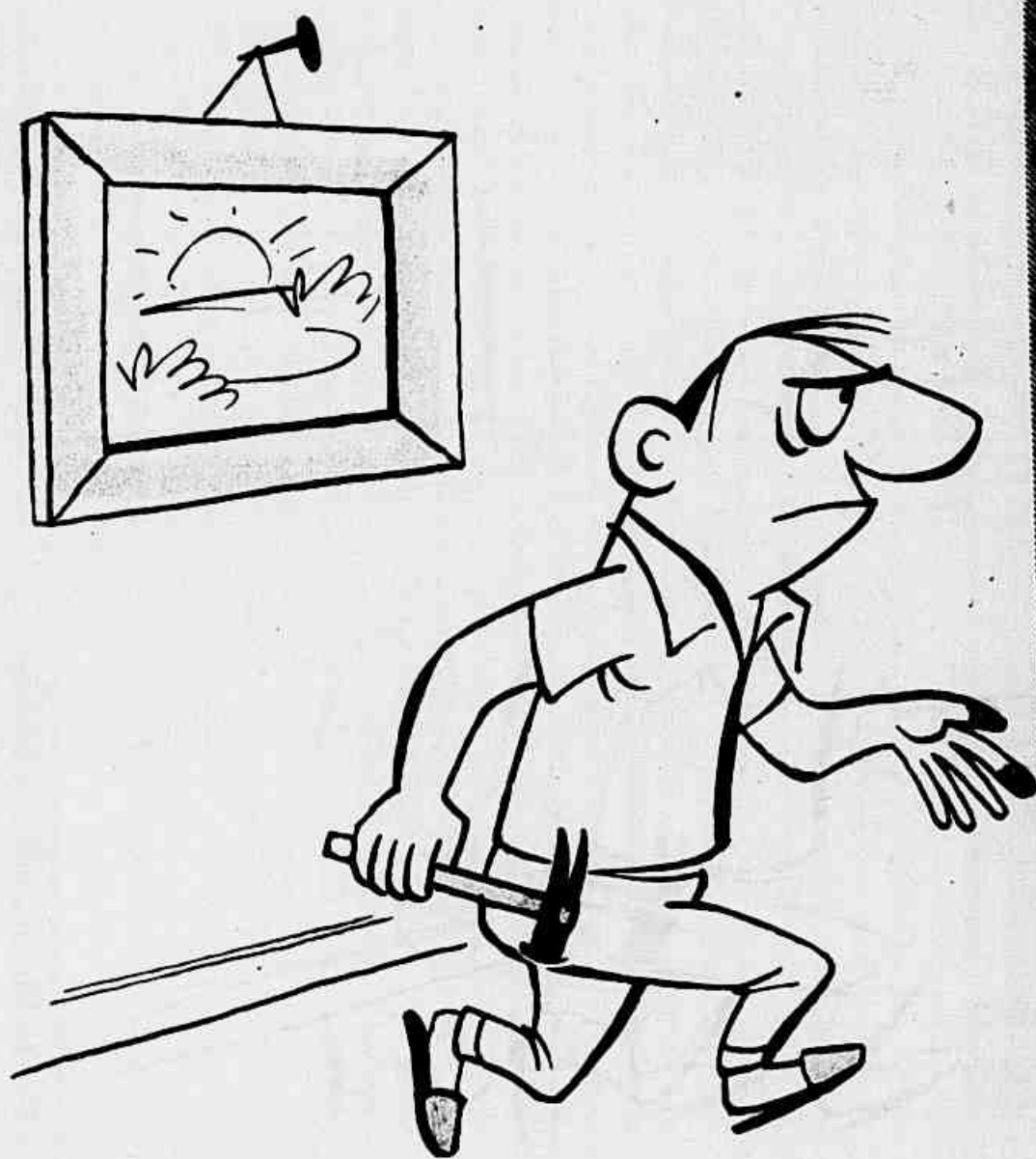


JERONYMO
RIBEIRO

FORTUNA (sem outras côres) **APRESENTA**

Estas eu conto em **VERMELHO**







Conversa de mulher

LIGIA JUNQUEIRA

(Desenho de JAIRO)

"SAVOIR-FAIRE"

♦ A desenvoltura, ou como dizem os franceses: «savour faire» é uma qualidade que só traz vantagens para quem a possui. A mulher desenvolta, segura de si, à vontade em qualquer ambiente e nas mais diversas circunstâncias, tem em mão um trunfo importantíssimo para sua vitória na sociedade.

No entanto, raramente é qualidade de jovens adolescentes. Ao contrário, essas geralmente são tímidas e desajeitadas. Compete às mães cultivarem nas filhas o «savour faire». Como? Dando-lhes algumas responsabilidades: confiando-lhes as compras para a casa, deixando que façam sôzinhas ou com companheiras da mesma idade passeios e pequenas viagens, etc. etc.

Dentro de certos limites, e sob as vistas maternas, deixar, enfim, que ajam por si.

Quando a desenvoltura é acompanhada da graça realmente feminina então o resultado é perfeito.

Não se deve confundi-la com excesso de liberdade, impertinência ou atitudes provocantes que, ao contrário, tornam antipáticas mesmo as mais belas jovens.

INDECISÃO

♦ A indecisão e a incerteza costumam ser defeitos femininos responsáveis por muita coisa desagradável que acontece, pois, como dizia La Rouchefoucauld: «Quando a mulher vacila a estupidez decide logo».

Há mulheres, principalmente jovens, que levam ao extremo o direito de hesitar: não sabem decidir o vestido que vão vestir (perguntam à mamãe); ou o que querem comer no restaurante (perguntam a seu acompanhante); ou o filme que desejam ver, o lugar onde passarão as férias, etc. etc.

Um pouquinho (muito pouco) de indecisão, não chega, porém, a ser defeito. Ao contrário, faz parte do «charme» feminino. A mulher sente sempre necessidade de pedir conselhos, ainda que nem sempre os siga.

Se você é assim, aconselhe-se com as pessoas que sabe serem de sua opinião. Não haverá perigo de ofender o conselheiro fazendo exatamente o contrário do que lhe disse.

WEEK-END NA COZINHA

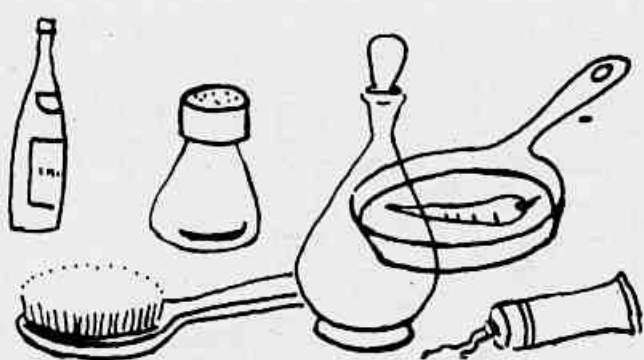
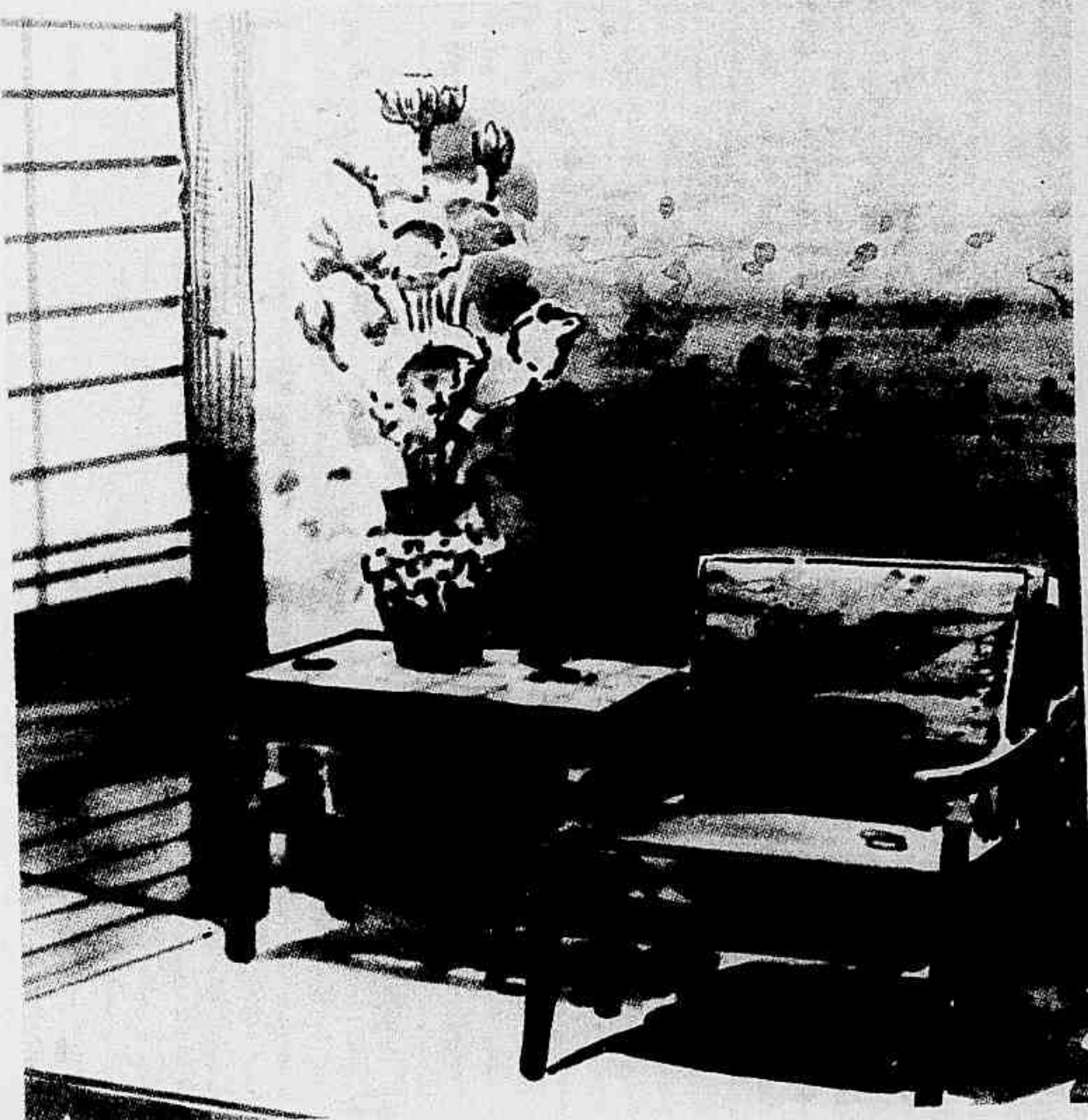
♦ Os italianos são mestres em variedades de sopas, principalmente de legumes. Você já provou, por acaso, a sopa de feijão com brócolis na casa de algum italiano? Pois faça-a que é muito saboroso. Cozinhe uma xícara de feijão manteiga ou feijão branco, em água e sal, como costuma fazer habitualmente. Quando estiver cozido, porém não desmanchando, ponha um bom punhado de brócolis e deixe cozinhar até estes ficarem macios.

Faça à parte um refogadinho com azeite, cebola e extrato de tomate e junte à sopa. Dê ainda mais umas duas ou três fervuras e sirva com biscoitinhos de sal por cima, e um raminho de salsa.



SUGESTÃO PARA O LAR

♦ Já passou o tempo dos grandes consoles com espelho na sala de entrada. Nem os apartamentos modernos têm espaço suficiente para tal móvel. Isso não quer dizer, porém, que é de pouca importância a mobília do «hall» ou da sala que dá diretamente para a porta externa. Ao contrário. A primeira impressão de quem vai lhe visitar conta muito: pode contribuir para lhe criar a fama de pessoa de bom gosto, ou o oposto a isso. Se você dispõe mesmo de um «hall» ou uma saleta de entrada capriche na escolha dos móveis ou da decoração. Provavelmente haverá pouco espaço, porém, um cantinho para colocar uma poltrona e uma mesinha há de haver. Será muito útil para fazer esperar uma pessoa menos íntima, quando a isso fôr obrigada. Por isso, não se esqueça de ter sempre uma ou duas revistas sobre a mesa.



Notinhas úteis

Algumas gotas de terebentina pingadas numa xícara com água muito quente eliminam o desagradável cheiro de mofado dos quartos que estiveram fechados por muito tempo, assim como dos armários úmidos e dos móveis velhos.

Para que o vinco das calças de homem fiquem bem marcados e por mais tempo: pelo avesso esfregue ao longo do vinco a ponta de um pedaço de sabão bem seco, ou de parafina sólida. Passe pelo direito, com o ferro bem quente.

Se quer conservar os seus novelos de lã livres de traças e baratas, enfie dentro de cada uma bolinha de naftalina. Se vai enrolar a lã, comece a fazê-lo em torno da bolinha de naftalina.

Um ótimo óleo para dar brilho aos móveis é composto de partes iguais de óleo de linhaça e de essência de terebentina. Passa-se com um pano macio e depois dá-se brilho com uma flanela ou uma camurça.

Descascam-se com mais facilidade os tomates mergulhando-os por alguns minutos em água muito quente e logo em seguida em água gelada.

A velha colher de pau é ainda a melhor para mexer panelas. Evita que fiquem riscadas as panelas de alumínio, ferro ou esmalte.

Dez minutos de massagem facial

... é o quanto basta para conservar a pele sem rugas, lisa e perfeita como na idade juvenil. Deve ser feita, porém, DIARIAMENTE.

Usa-se para a massagem um bom creme nutritivo que depois será retirado TOTALMENTE com um outro creme, loção ou tônico, especial para o seu tipo de pele. Como norma geral: a massagem será feita sempre de baixo para cima, com mão leve e rápida.

1 Ponha um lenço ou uma gaze em torno do rosto, cobrindo a linha onde nascem os cabelos, a fim de protegê-los do creme. Comece massageando a fronte com movimentos para cima. Não distenda a pele. Os dedos devem afluir a levemente e sem apertar.

2 Passe aos movimentos circulares em torno dos lábios. Ponha os dedos nos ângulos da boca e estenda a pele, traçando um pequeno semicírculo. Insista sobre essa região do rosto que é a mais sujeita às rugas precoces. Muito creme.

3 A massagem em torno dos olhos é praticada com movimentos vibratórios: tapinhas com os dedos indicador e médio. (Depois de retirado o creme, um algodão embebido em chá, sobre os olhos, descongestiona-os e torna-os mais brilhantes).

4 Um movimento de massagem partindo do queixo em direção à ponta da orelha combate o afrouxamento do contorno do rosto.



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



CORREIO DA REVISTA

♦ Sr. Juvenal Brasiliense — Rio.
Provinciano, com falsas mos-
tras de crítico citadino, é o canhes-
tro autor dessa opinião asnática:

«É claro que o soneto, rimado, e
[com
a indefectível chave de ouro, é
[ATU-
ALMENTE praticado apenas por
[biso-
nhos plumitivos da província».

Então Garcilaso e Lope de Vega,
Lecomte e Herédia, Shakespeare e
REVISTA DA SEMANA — 56

Longfellow, Petrarca e Dante, Ca-
mões e Quental, Raimundo Corrêa
e Bilac passaram, todos, à catego-
ria de poetas provincianos, sô-
mente porque uns bestalhões do
agonizante modernismo deram de
fazer sonetos brancos e herméti-
cos?»

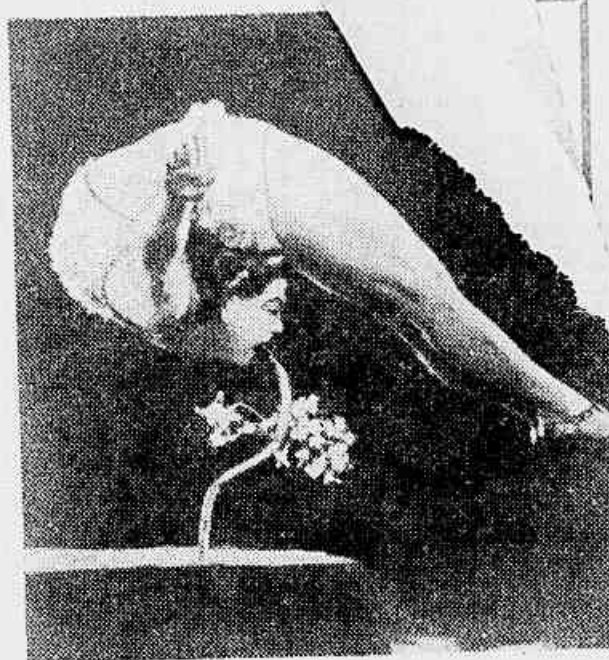
R. — Se o prezado senhor Juve-
nal Brasiliense (que nome provin-
ciano!) conseguir provar que os ci-
tados poetas prosseguem, ATUAL-
MENTE, produzindo sonetos dentro
daquelas características, temos que
admitir que passaram. Não todos,

porém: porque alguns, como o nos-
so pobre Bilac, e como o medíocre
Longfellow, nunca deixaram de sê-
lo. No mais, volte quando quiser.
— J.R.T.L.

★

Ilmo. sr.
Redator-Chefe da «Revista da
Semana».

Senhor Redator-Chefe: Com re-
ferência à reportagem de 11-2-56
«Patty Taylor» em que a contorc-
cionista é apresentada como «a mais
jovem e famosa contorcionista nor-
te-americana», tomo a liberdade de
anexar à esta uma foto de famosa
contorcionista soviética (Union So-
viética), que bem diz de sua supe-



rioridade sobre a sua colega norte-
americana.

Mesmo nos Estados Unidos exis-
tem contorcionistas mais famosas e
flexíveis como, por exemplo: Miss
Ruby Ring do Teatro Roxi de Nova
York, e o trio The Ross Sisters.

Ateñosamente,

Fernando Távora

Campinas - Estado de São Paulo.

AGRADECEMOS ao senhor F. Tá-
vora a curiosa e útil lição de con-
torcionismo. Anotamos os nomes de
Valentina Diomina, Ruby Ring e
das três Ross Sisters, que, de fato,
nos parecem mais «famosas e fle-
xíveis» do que a jovem Patty Taylor.

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BÉL-HORMON
nº 2. BÉL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado moderníssi-
mo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

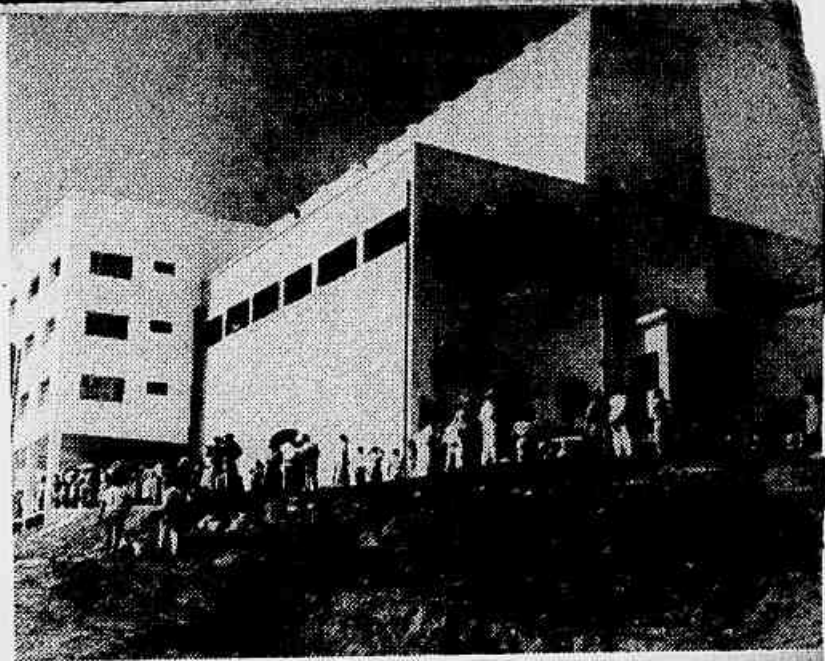
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Re-
embolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00



À esquerda: O presidente Juscelino Kubitschek inaugura o notável serviço de abastecimento d'água de Vitória, cuja estação central aparece na foto da direita, ao alto.

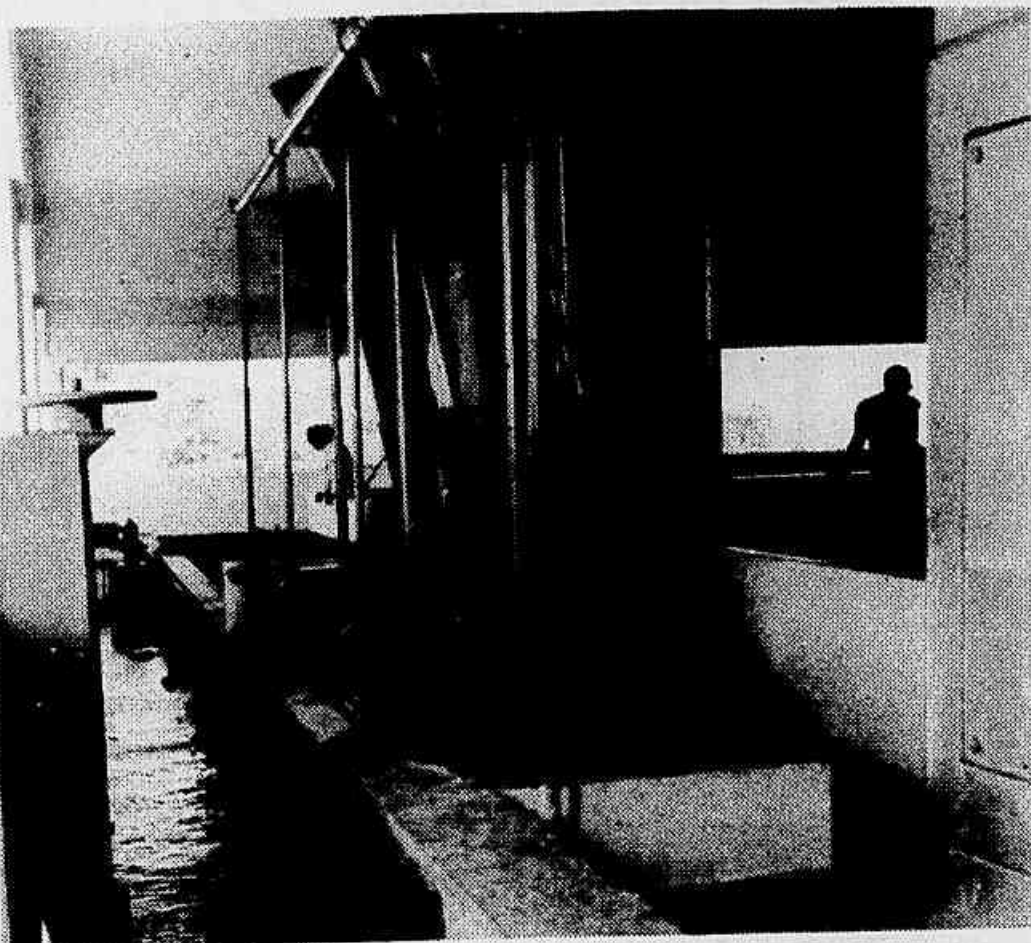
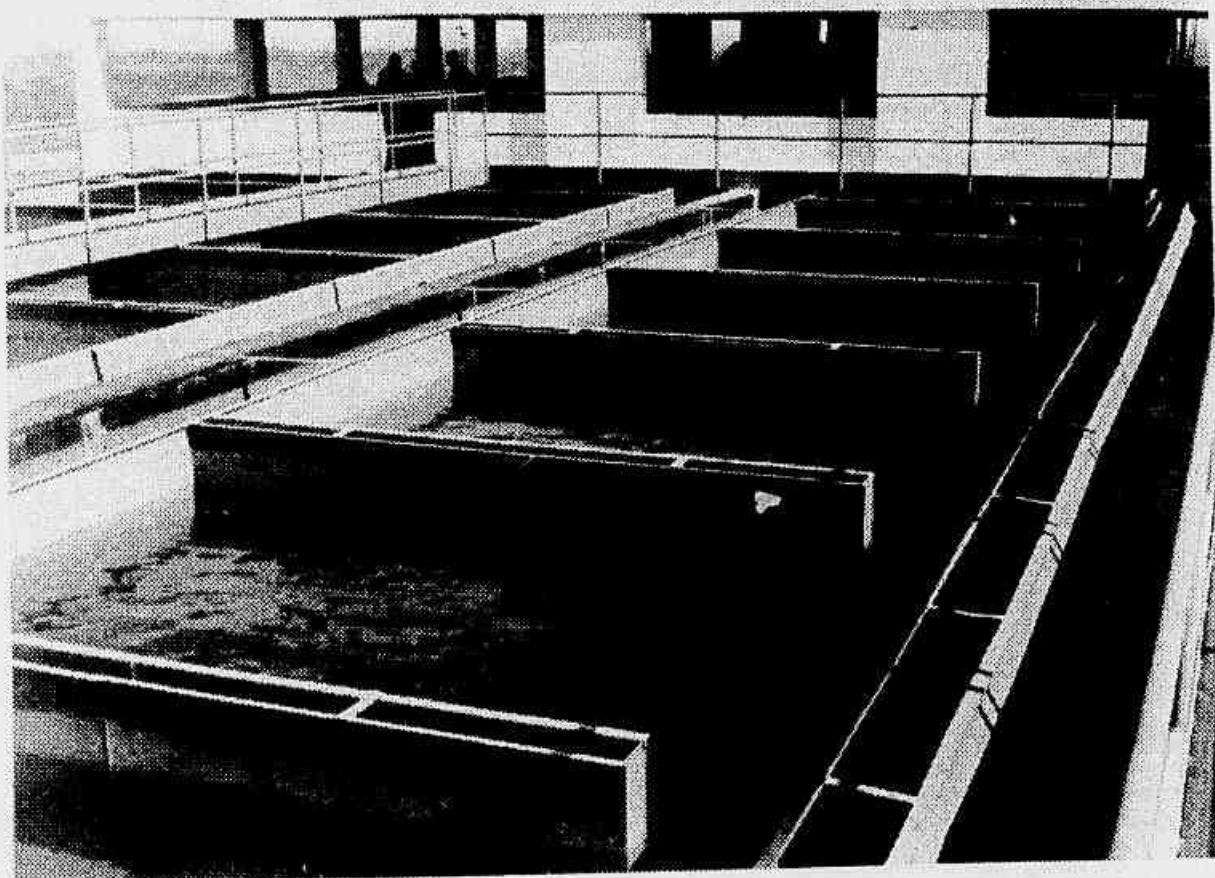


A VISITA PRESIDENCIAL AO ESPÍRITO SANTO

Com o objetivo de inaugurar o novo serviço de água de Vitória, o presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, acompanhado do vice-presidente João Goulart, visitou oficialmente o Espírito Santo no dia 17 de março último, a convite do governador Francisco Lacerda de Aguiar, que assim conseguiu para o seu Estado a primazia da primeira visita oficial do atual chefe da Nação, que recebeu do povo e do governo capixaba as mais significativas demonstrações de simpatia e apreço. Foi um acontecimento dos mais brilhantes a visita presidencial ao Espírito Santo. A participação popular, espontânea e entusiasta, empresta um colorido todo especial às festividades, dando integral apoio à iniciativa do governador Lacerda de Aguiar. Uma festa magnífica sob todos os aspectos, que também contou com a presença do governador

Bias Fortes, num gesto altamente simpático do primeiro mandatário mineiro.

Depois das ruidosas manifestações populares e do banquete oferecido pelo governo capixaba no Palácio Anchieta, o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou o novo serviço de água de Vitória, considerado o mais moderno da América Latina, com capacidade para o perfeito tratamento de 46 milhões de litros diários (decantação, filtração, cloração e fluoretação), estando já prevista a sua duplicação. A monumental obra, do custo de 50 milhões de cruzeiros, impressionou vivamente o primeiro magistrado e a todos os presentes, que a percorreram demoradamente, manifestando aos governantes do progressista Espírito Santo a sua admiração diante da grandiosa realização.



Tanques de decantação da água e parte dos maquinismos aparecem nas 2 fotos acima. O que há de mais moderno no tratamento do precioso líquido



No banquete oferecido aos ilustres visitantes, a primeira dama espiritosantense, sra. Zélia Viana de Aguiar, palestra com o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, enquanto o governador Francisco Lacerda de Aguiar ouve atentamente o que lhe diz o vice-Presidente João Goulart.

Absolutamente INÉDITO no Brasil!

SEGURO

CHEFE DE FAMÍLIA

POR Cr\$ 1.000,00

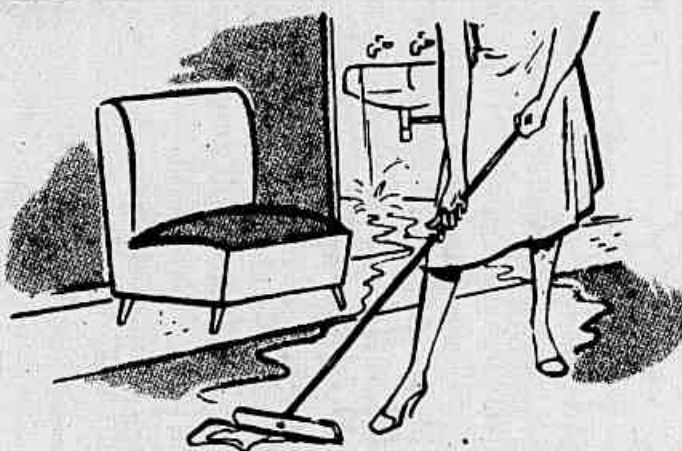
Uma apólice anual que cobre os grandes riscos que atormentam o Chefe de Família



DANOS MATERIAIS AO MOBILIÁRIO E OBJETOS DE USO PESSOAL :



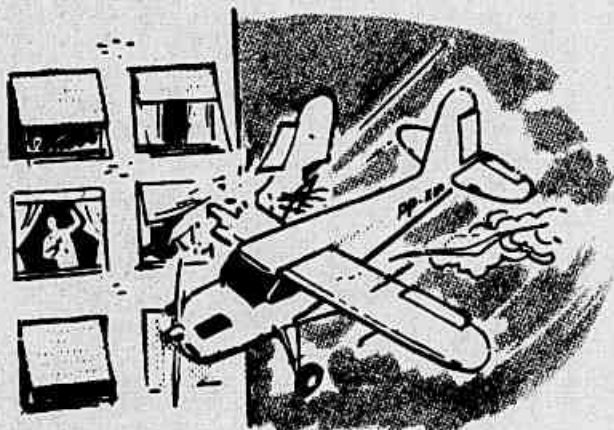
Fogo, Raio, Explosão
Até Cr\$ 100.000,00



Alagamento por água encanada,
chuvas e inundações
Até Cr\$ 50.000,00



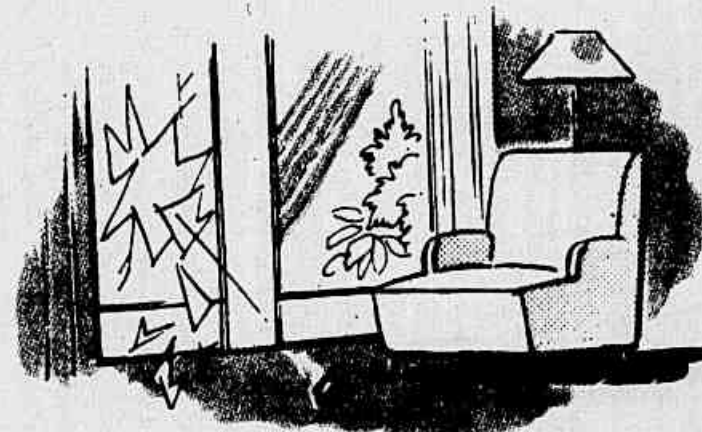
Temporais, desabamentos,
barreiras
Até Cr\$ 50.000,00



Queda de aeronaves
Até Cr\$ 50.000,00

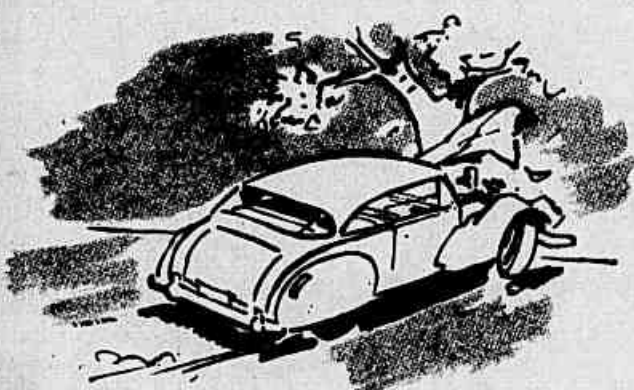


Furto
Até Cr\$ 20.000,00



Quebra de vidros e espelhos
Até Cr\$ 10.000,00

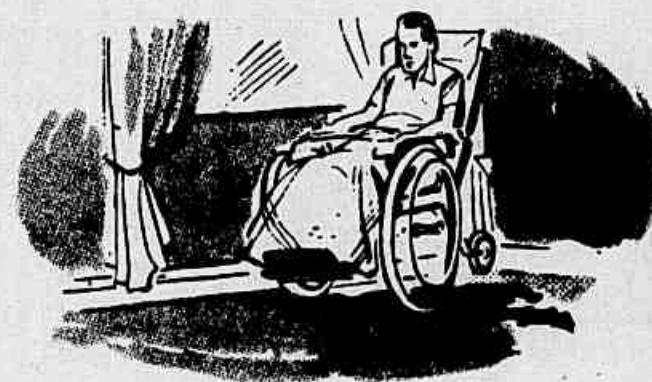
OUTRAS COBERTURAS :



Acidentes de Tráfego do Chefe
de Família
Até Cr\$ 50.000,00



Responsabilidade civil por danos
corporais a uma ou mais pessoas
ou coisas pertencentes a terceiros
Até Cr\$ 50.000,00



Paralisia Infantil em membros
da família
Até Cr\$ 50.000,00

**SUA PAZ DE ESPÍRITO
VALE Cr\$ 2,74 POR DIA !**

Uma apólice simples, sem quaisquer formalidades e cuja ampla cobertura o Sr. e sua família poderão gozar imediatamente!

Informações sem qualquer compromisso:

SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES

COMPANHIA DE SEGUROS

Rua do Ouvidor, 59/61 — Tel.: 23-2002 — Rio de Janeiro

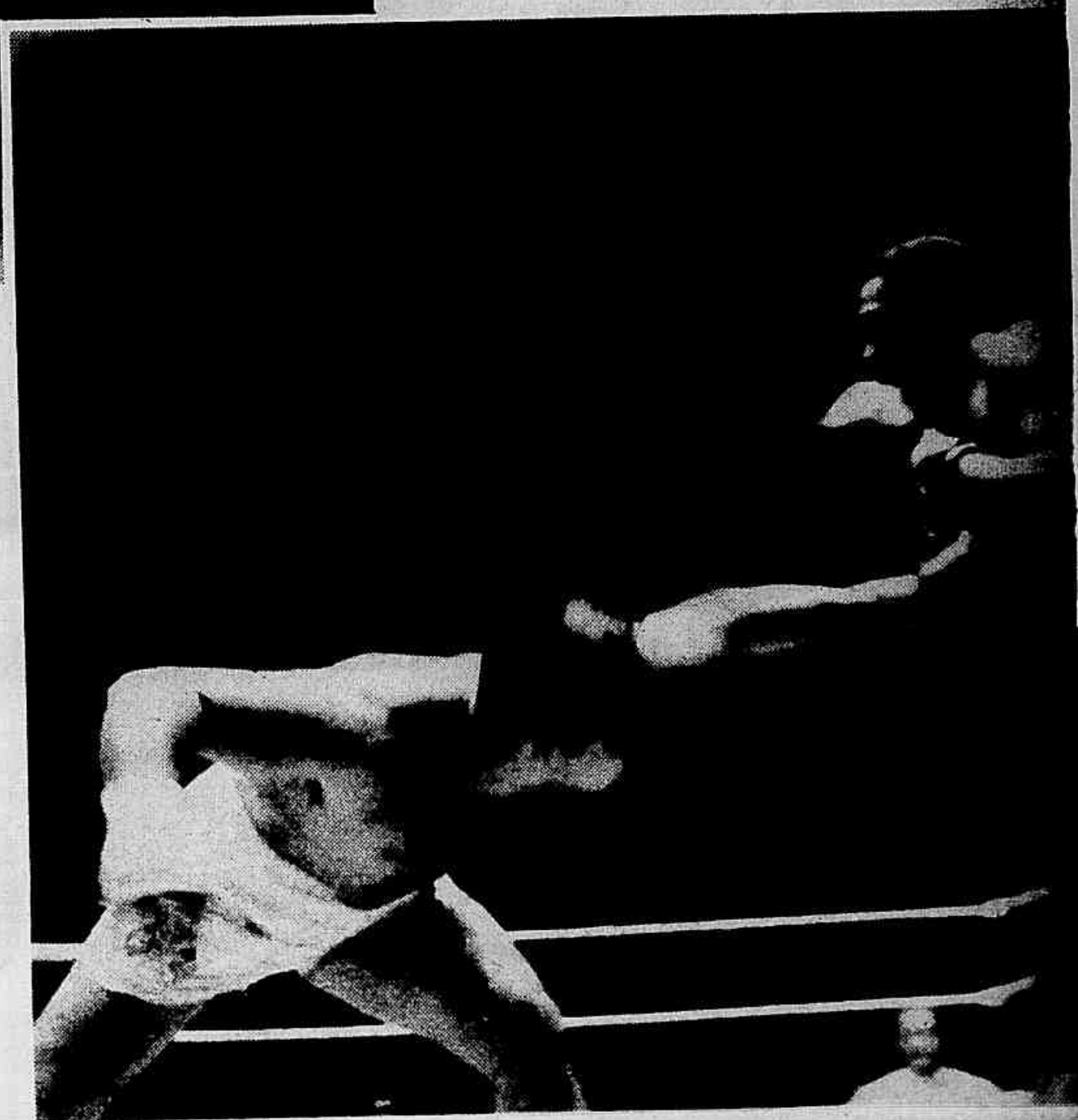




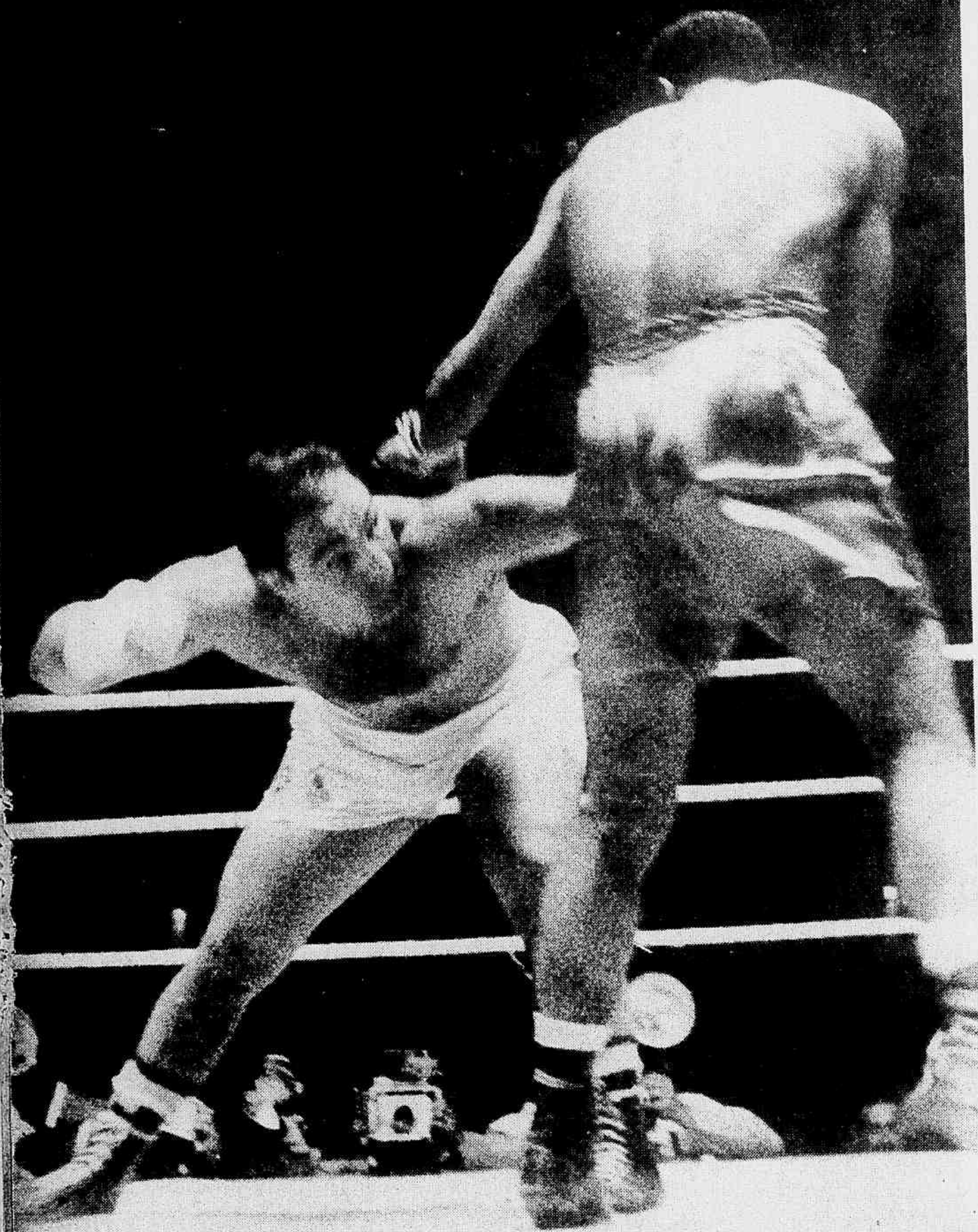
PENSANDO EM ASSIS-
TIR A UM «PEGA» DE
VERDADE, VOLTOU O
PÚBLICO DECEPCIONA-
DO DO MARACANAZI-
NHO... ★ USANDO.
APENAS, UMA LUVA
NA MÃO ESQUERDA.
ROCKY MARCIANO
DEU AOS CARIOCAS
UMA DEMONSTRAÇÃO
DE SUA TÉCNICA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

A TÉCNICA do CAMPEÃO



A técnica do campeão

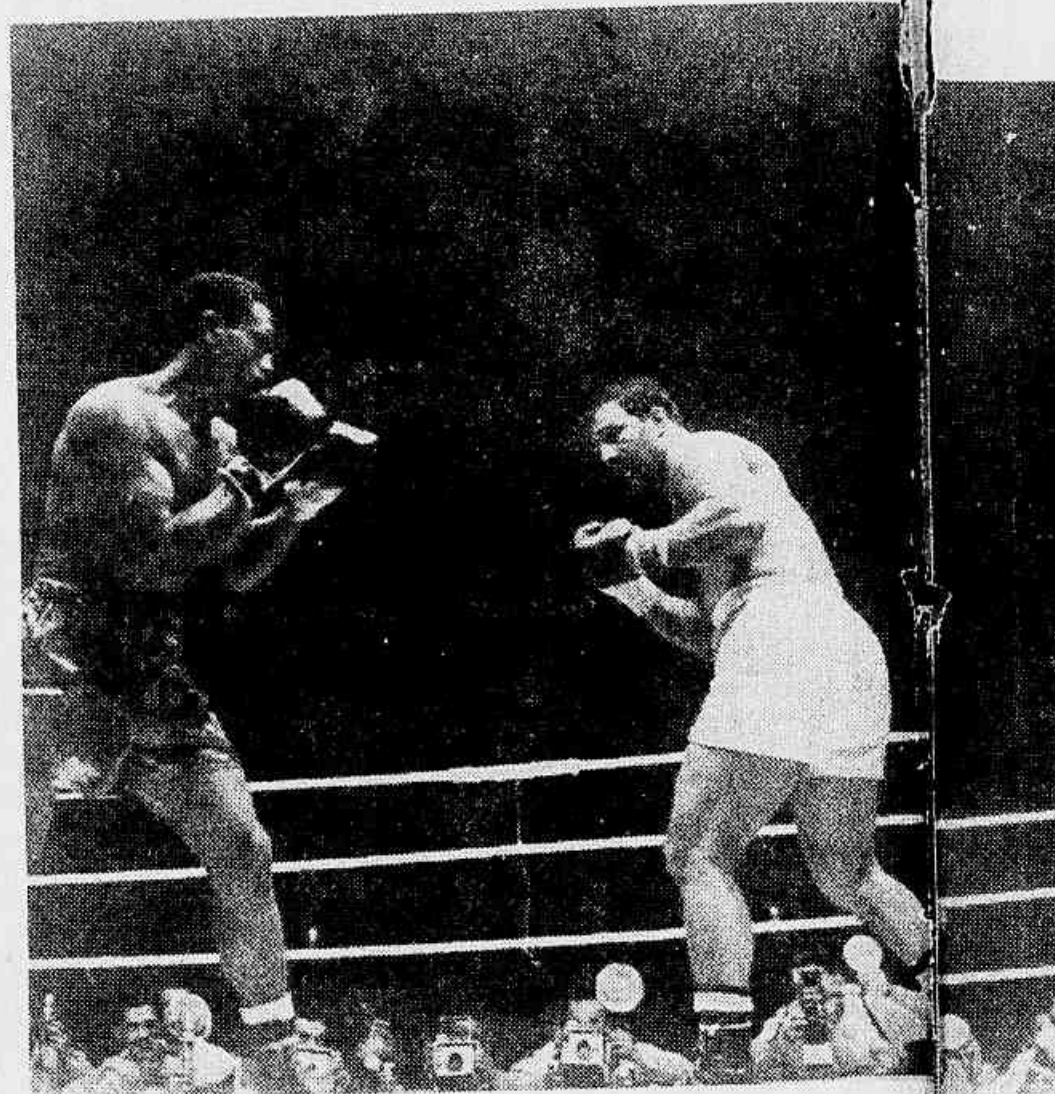


Para compensar o braço curto, Rocky Marciano abaixa-se com extrema ligeireza, surgindo bem junto ao adversário para "encaixar" o golpe que lhe convém.

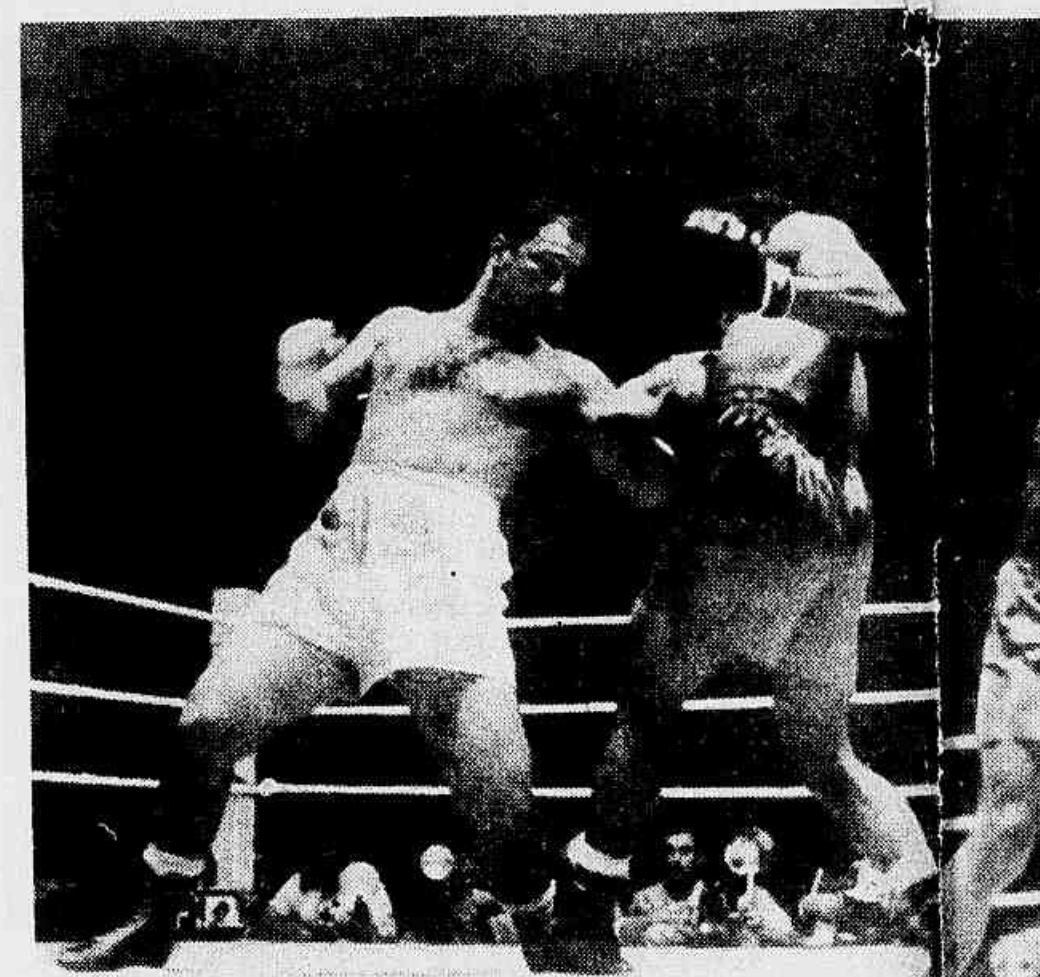
◆ Para a público que ocorreu ao Maracanãzinho, com o propósito de assistir ao atual campeão mundial de box enfrentar 3 adversários brasileiros, conforme o noticiário da imprensa, o espetáculo de terça-feira última foi uma grande decepção...

Todavia, segundo declarações posteriores do presidente da Federação Metropolitana de Pugilismo, sr. Lourival Pereira, entidade que promoveu a noite pugilística, o que estava anunciado era mesmo uma exibição de técnica do novo campeão mundial, Rocky Marciano, preso a seus contratos, não tem autorização para colocar seu título em jogo, assim, sem mais nem menos... Por isso mesmo, subiu ao «ring» de calça comprida e blusão (resolvendo mais tarde ficar apenas de calção), e usou, conforme entendimentos prévios, luvas de 12 onças (pequenas) para que os golpes que inadvertidamente pudessem atingir seus adversários não lhes causassem danos físicos... E a exibição de técnica do novo campeão foi sem dúvida, dizem os técnicos, uma soberba demonstração de seus superiores conhecimentos da arte. De-
frontando-se, primeiro, com o paulista Nelson Andrade, depois com o carioca Antônio Cândido, e finalmente, com o nosso vice-campeão pan-americano de pesados, Rocky exibiu-se com ligeireza, mostrando como aplicar determinados golpes, e como esquivar-se de outros.

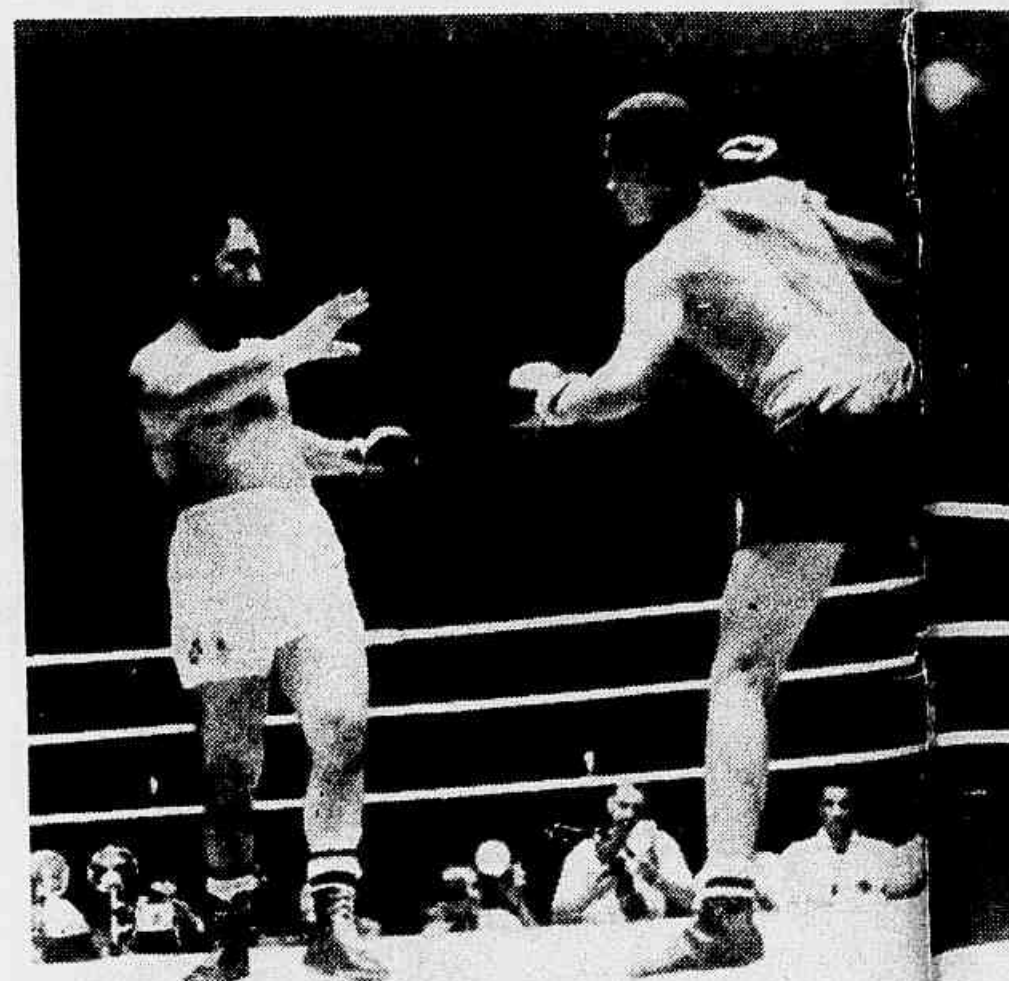
De ambas as partes, não houve preocupação de combate, e sim de mostrar ao público o que se DEVE e o que NÃO SE DEVE fazer, quando a luta é feita «no duro»...



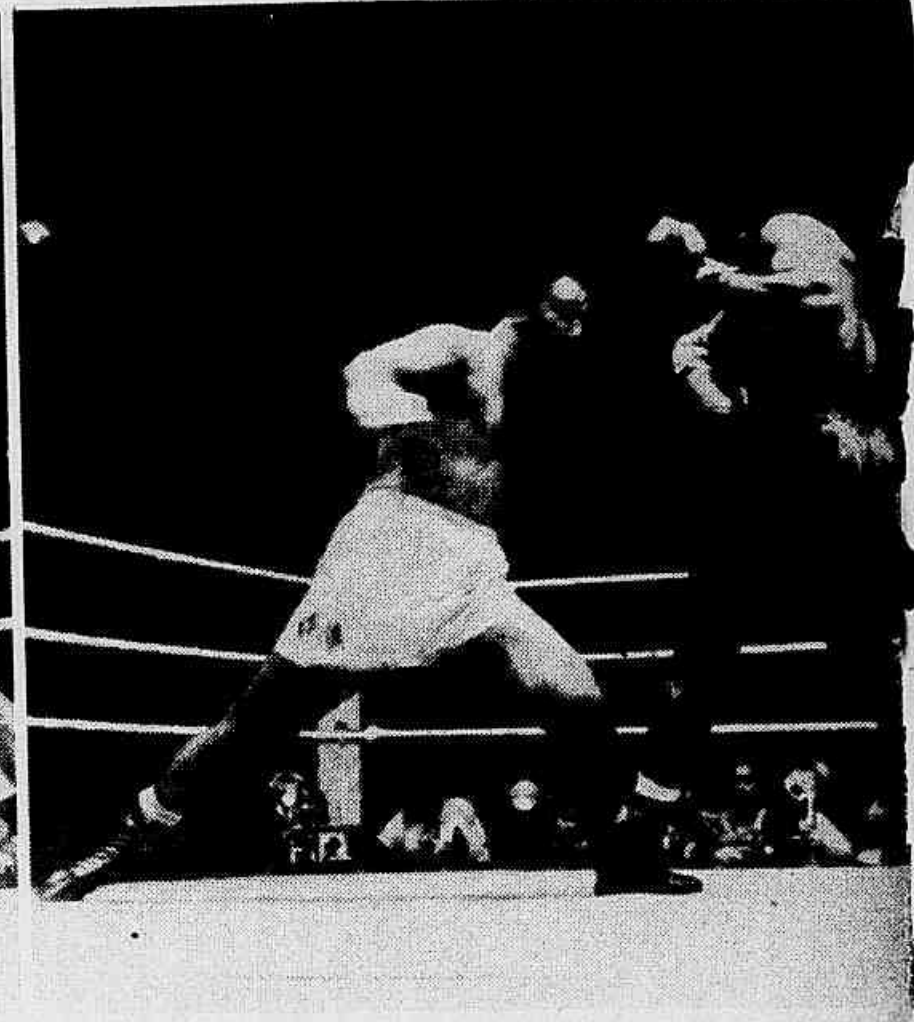
NA OPINIÃO DOS TÉCNICOS BRA



PERIORES CONHECIMENTOS DA AR

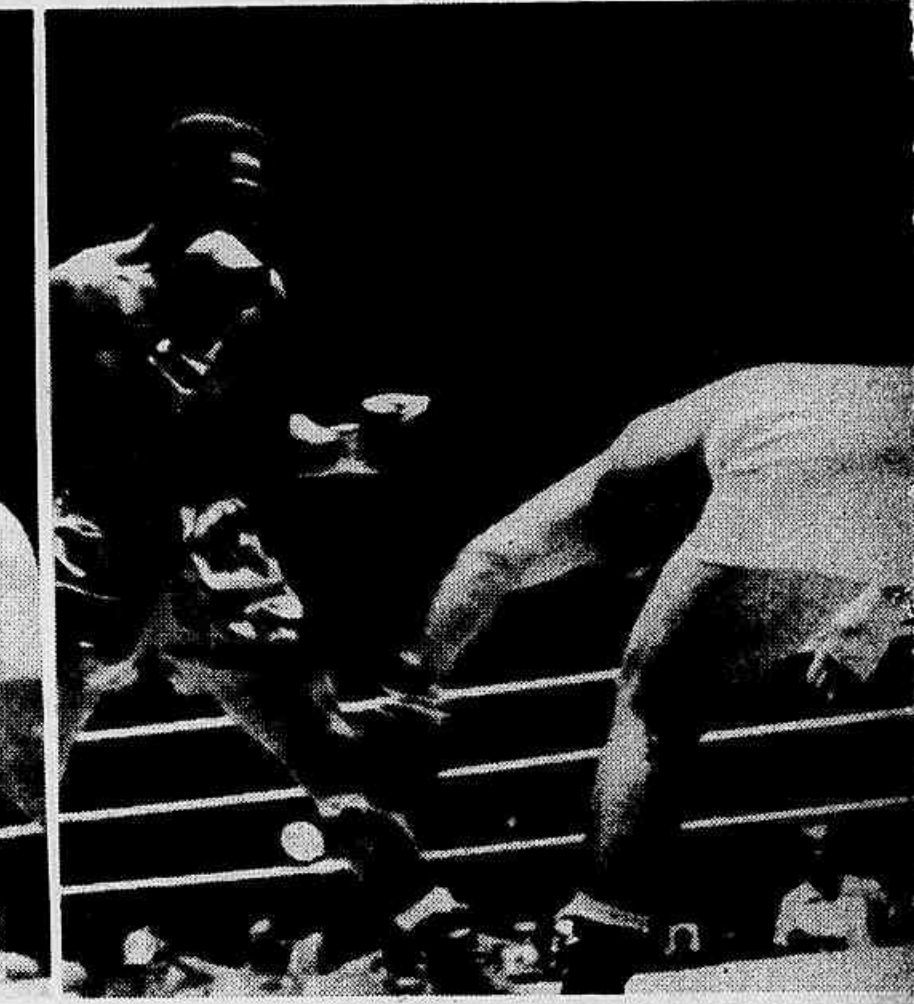
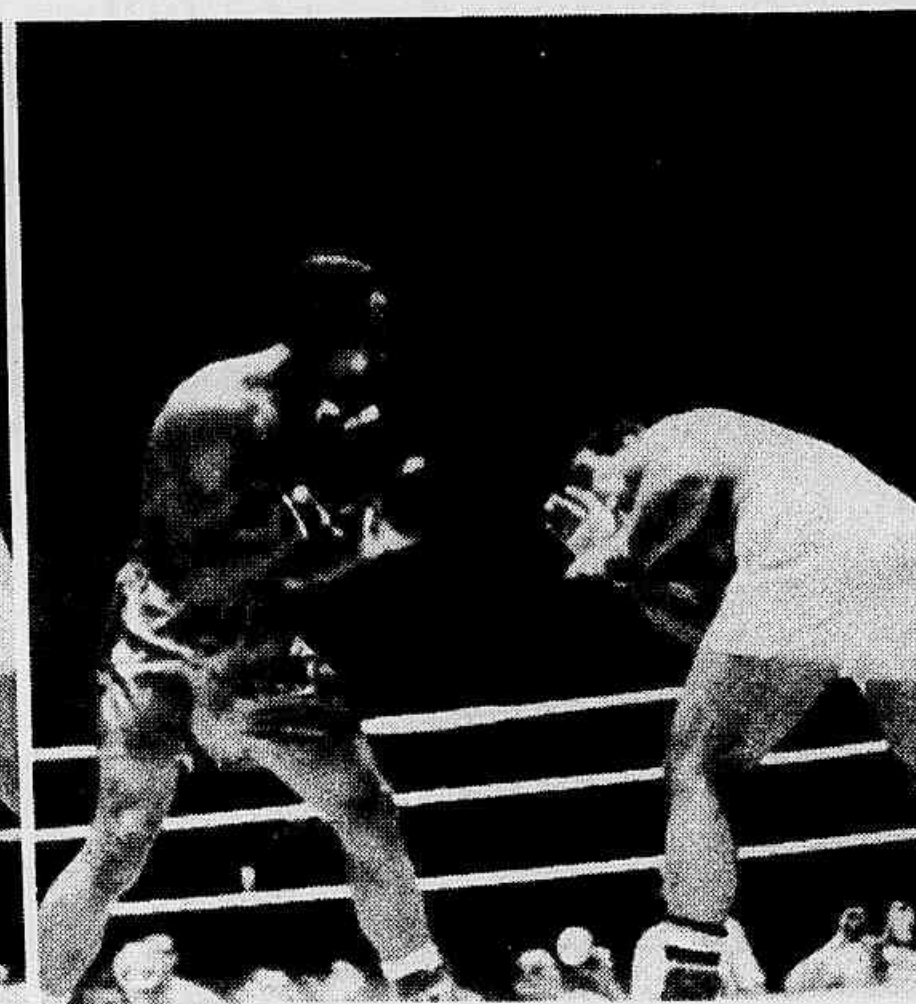
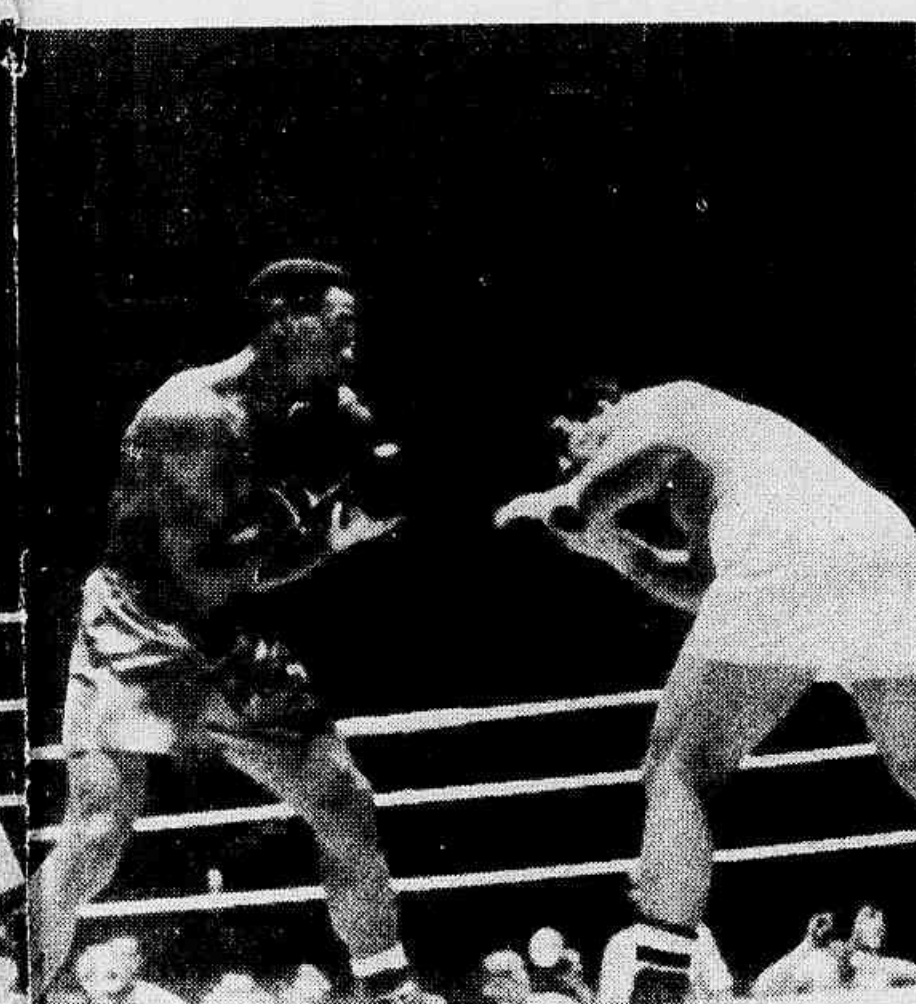


RA

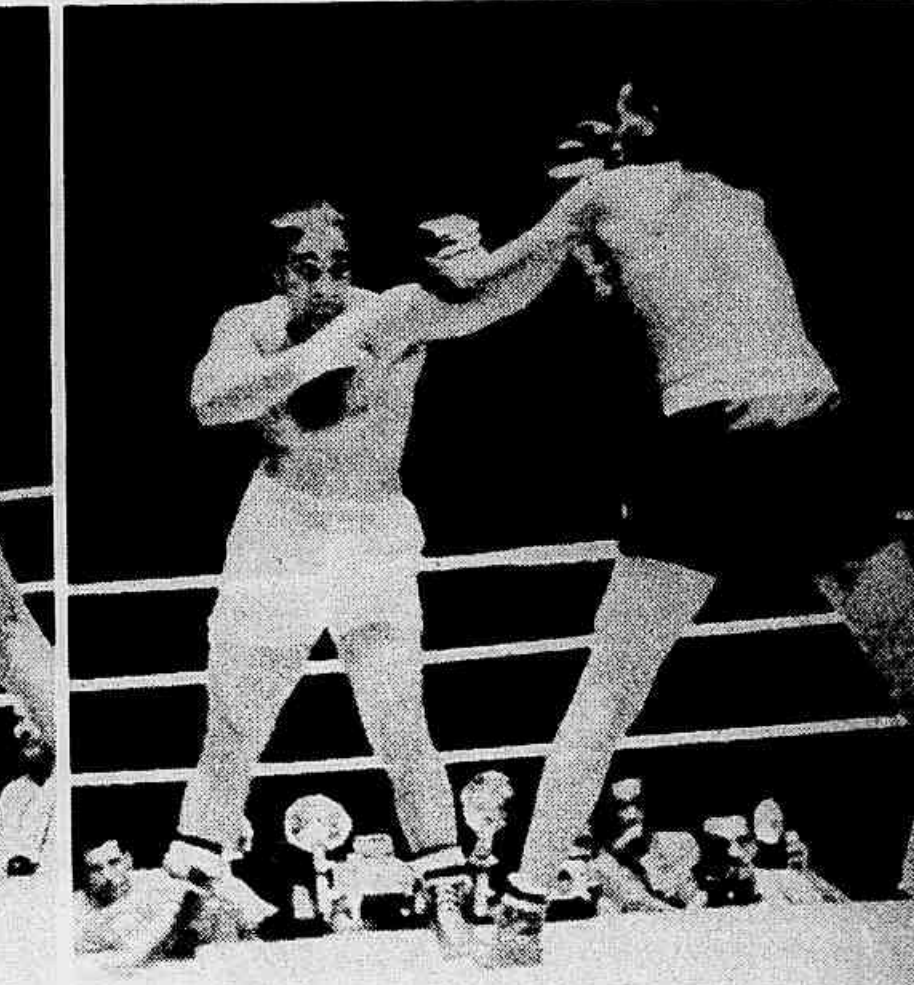
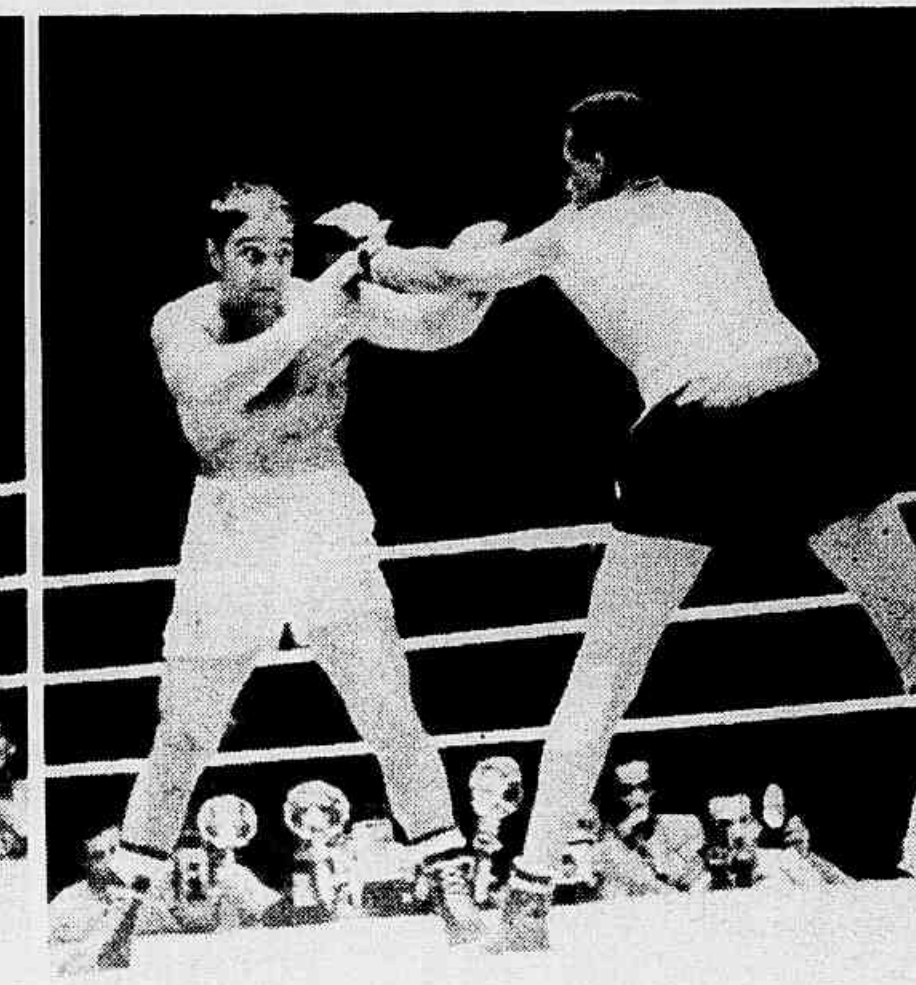
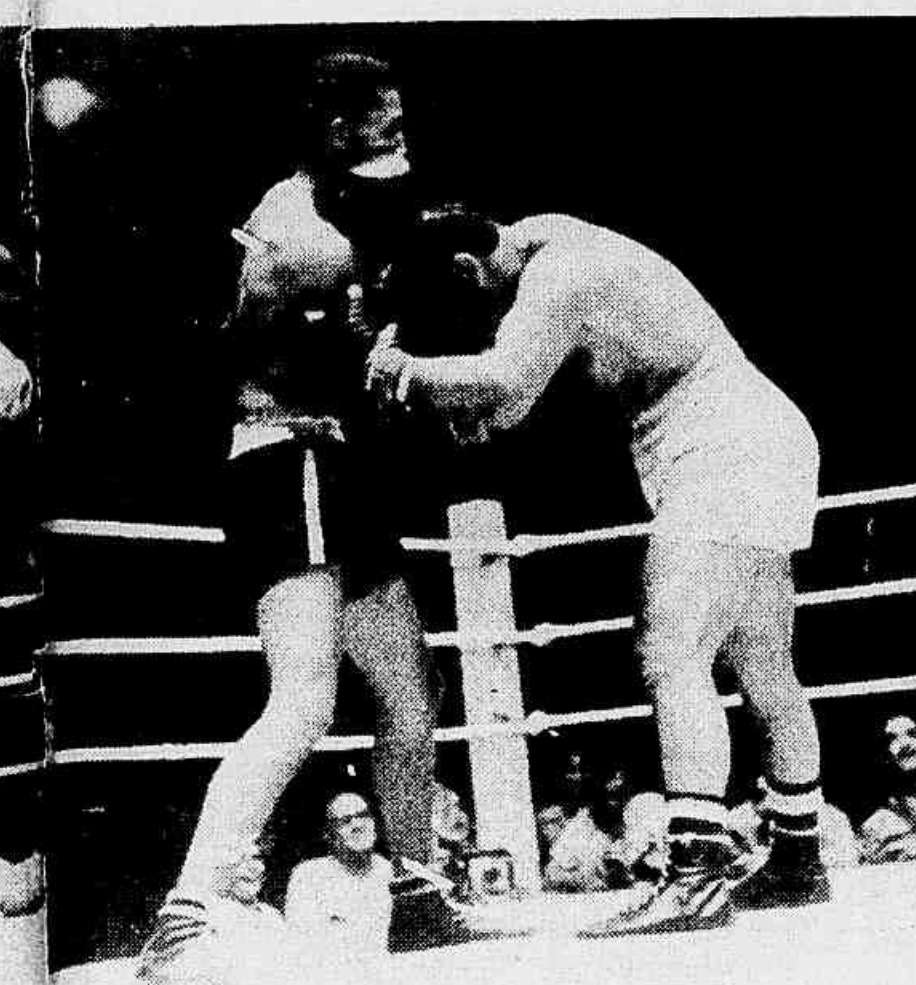


SILEIROS, O CAMPEÃO MUNDIAL, ROCKY MARCIANO, DEU UMA SOBERBA DEMONSTRAÇÃO DE SEUS SU-

AR



TE DE BOXEAR NO ESPETÁCULO DO MARACANÃZINHO. CALÇOU APENAS UMA LUIVA, DE DOZE ONÇAS.



ÚLTIMO FLASH



♦ **MORREU LONARDI.** O general que, ainda há poucos meses, eletrizara a nação argentina, desde os confins gelados da Patagônia ao estuário de La Plata, ao levantar-se corajosamente contra a ditadura de Juan Domingos Perón — ditadura que terminou por derrubar, à frente de um movimento irresistível de recuperação nacional — faleceu quase que repentinamente, num hospital militar de Buenos Aires, justamente quando a pátria de novo se encontra a braços com um perigo, esse decerto mais brando do que uma ditadura: a epidemia de poliomielite.

As multidões que meses atrás o ovacionavam, quando, à testa do governo provisório, destroçava uma a uma as artimanhas de Perón em fuga, e de seus dissimulados seguidores, há pouco o foram levar, compungidas, ao cemitério. Ali repousa afinal Lonardi. Ainda não tinha 60 anos. Derrubou uma ditadura. Respeitemo-lo, porque de fato merece o nosso respeito todo aquele que, tal qual Lonardi, contribuiu para a queda de um tirano, libertando a pátria das garras ávidas de mando de um ditador.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cz. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 14 — Rio de Janeiro — 7-4-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães A. Mendes,**
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

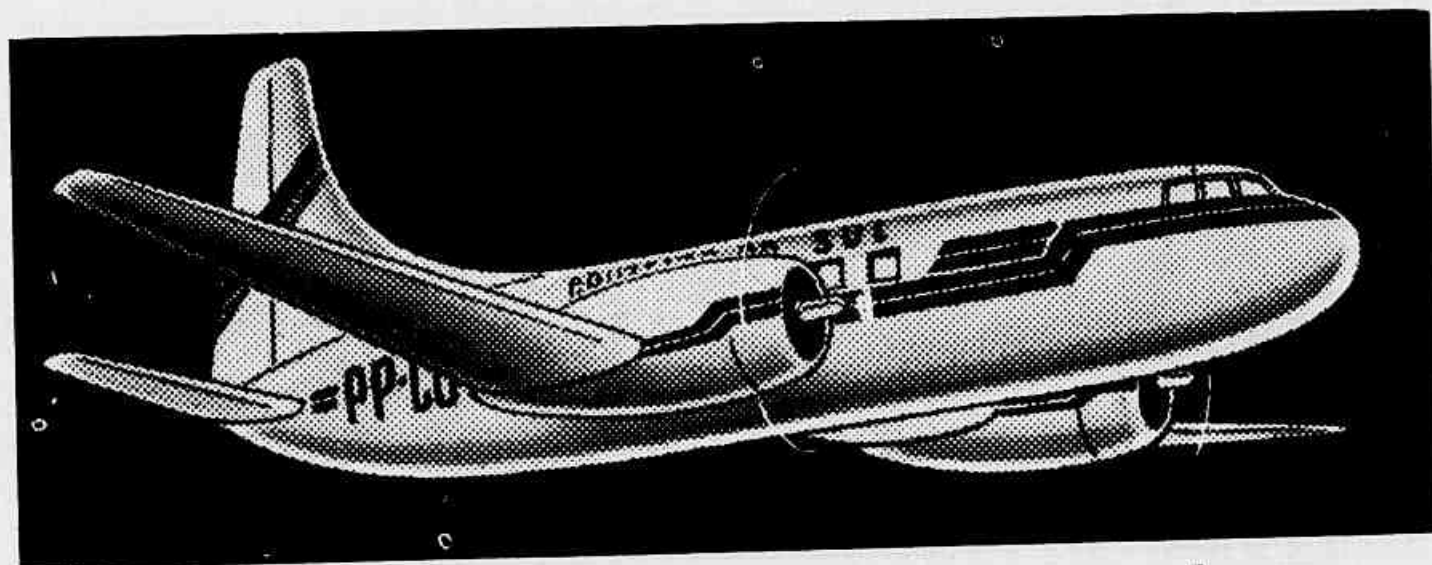
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

nunca



**significou tanto
em aviação**

Conforto significa muito mais quando se trata de uma viagem pela Cruzeiro do Sul. Em aviação, consulte os fatos, veja a extensão das linhas servidas pelas nossas aeronaves. Observe os serviços de terra e do ar e o pessoal que opera a maior rede aérea doméstica do mundo. Você, como a maioria, preferirá também conforto de fato, sem aumento de tarifas.



Para sua próxima viagem à São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires ou Fortaleza, Recife e Salvador, reserve suas passagens pela Cruzeiro do Sul. Conheça imediatamente um sentido completo de conforto em aviação.



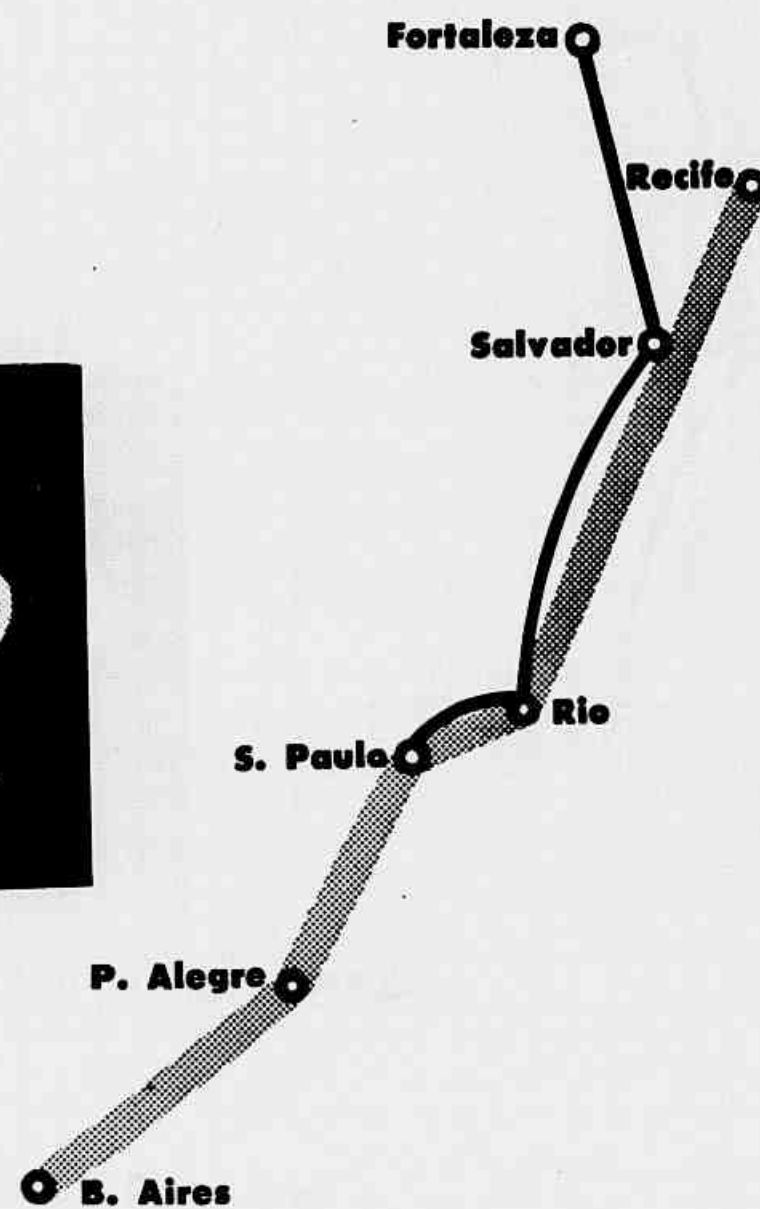
SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42-6060 - Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 Ramal 206

Para suas viagens entre

RIO e SÃO PAULO
PORTO ALEGRE
BUENOS AIRES
ou FORTALEZA, RECIFE,
SALVADOR

Prefira os rapidíssimos
Conqair-340 da Cruzeiro do Sul



CONQAIR-340: 44 passageiros - 450
quilômetros horários (vôo de Cruzeiro)
- Piloto automático



Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gosto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

